

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DO MOVIMENTO HUMANO**

MARINÊS MATTER DE SOUZA

**OLIMPÍADAS DO COLÉGIO DE APLICAÇÃO DA UFRGS:
um estudo sobre competição escolar**

Porto Alegre

2018

Marinês Matter de Souza

**OLIMPÍADAS DO COLÉGIO DE APLICAÇÃO DA UFRGS:
um estudo sobre competição escolar**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências do Movimento Humano.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Adelar Abaide Balbinotti.

Porto Alegre

2018

AGRADECIMENTOS

Neste momento vem à mente o nome de inúmeras pessoas a quem eu gostaria de agradecer, pois foram e são importantes no processo de elaboração deste trabalho.

Ao meu marido que me apoiou e me incentivou a buscar essa realização profissional, visto que a luta foi árdua para conquistar uma vaga no *Programa de Pós-Graduação da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança*. Obrigada pelo amor incondicional e pelo apoio.

Ao meu orientador, Professor Doutor Carlos Adelar Balbinotti e à Professora Doutora Janice Zarpellon Mazo que, incansavelmente, me ajudaram no processo de elaboração do trabalho. Obrigada pelos incentivos, pelas oportunidades, pela paciência e pelo aprendizado.

Aos professores avaliadores da banca de qualificação e de defesa obrigada por todas as sugestões e contribuições direcionadas ao trabalho e, especialmente, por compartilharem seus conhecimentos comigo.

Ao *Colégio de Aplicação da UFRGS* e, de modo muito especial, aos professores de Educação Física dessa escola, por, gentilmente, terem aceitado a realização das entrevistas e por terem cedido materiais referentes a esta pesquisa. Sem tal disponibilidade, sem tal abertura, o trabalho não poderia se concretizar.

À *Universidade Federal do Rio Grande do Sul*, especialmente ao *Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano*, da *Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança*, pela oportunidade de obter uma formação gratuita e, sobretudo, de qualidade.

À *Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)* pelo incentivo financeiro concedido por meio de uma bolsa de pesquisa, ofertada durante os dois anos de realização do curso de mestrado.

Por último, mas não menos importante, gostaria de agradecer a todos os meus amigos que me acompanharam nesta trajetória, porque, com certeza, o apoio e a torcida de vocês fizeram a diferença.

O esporte só será a coisa mais importante do mundo para a criança quando formos capazes de o construir à medida das suas necessidades, possibilidades e expectativas.
António Marques

RESUMO

A *Olimpíada do Colégio de Aplicação* (OCA) é realizada há quase quatro décadas, no *Colégio de Aplicação* (CAp) da *Universidade Federal do Rio Grande do Sul* (UFRGS), sendo destinada aos alunos das séries finais do ensino fundamental e do ensino médio. A presente pesquisa, estudo de caso de natureza qualitativa, tem como objetivo geral averiguar o modelo de competição da *Olimpíada do Colégio de Aplicação* da UFRGS. Os objetivos específicos do estudo são: a) descrever o formato da *Olimpíada do Colégio de Aplicação*; b) verificar a estruturação da *Olimpíada do Colégio de Aplicação*, conforme os regulamentos; c) analisar o modo de organização da *Olimpíada do Colégio de Aplicação*, segundo os professores do CAp; d) verificar a percepção dos professores do CAp acerca do papel da competição esportiva escolar. Para esse fim, a coleta das informações ocorreu por meio de fontes documentais, os regulamentos da OCA do período de 2017, das categorias A (alunos dos sexto e sétimo anos), B e C (alunos dos oitavo e nono anos e do ensino médio), respectivamente, e por meio de uma entrevista semiestruturada dirigida aos professores que colaboraram com a pesquisa. Foi realizado, também, levantamento de estudos publicados, nos últimos 10 (dez) anos (período de 2007 a 2017), relacionados à competição esportiva no âmbito escolar, tendo sido localizados 45 (quarenta e cinco) artigos, 19 (dezenove) dissertações e 3 (três) teses. A amostra da pesquisa foi constituída por 5 (cinco) professores de Educação Física do CAp/UFRGS. Tais informações foram submetidas à análise temática de conteúdo. A interpretação das fontes de pesquisa evidenciou que, apesar de haver adaptações em algumas modalidades esportivas disputadas pelos alunos da categoria A, percebe-se resquícios de um modelo de competição de adulto. Com relação aos alunos das categorias B e C, o uso do modelo de competição de adulto é notório. Também foi verificado que os professores de Educação Física coordenam e organizam a OCA, e que alguns alunos fazem parte desse processo. Além disso, foi constatado que a maioria dos professores considera que a competição tem um papel importante e, quando bem orientada, pode ser uma excelente ferramenta de educação e formação não só para o meio esportivo, na escola, mas também para outros campos no decorrer da vida. Ademais, os professores de Educação Física desempenham uma função relevante nesse processo, visto que a competição pode ter um efeito negativo ou positivo, mas esse efeito vai depender de como será desenvolvida com as crianças e os jovens. À vista disso, o grande desafio da escola é construir um formato de competições que se desvincule, o quanto for possível, de um modelo adulto, que dilua a ênfase que até então vem sendo colocada no rendimento esportivo, visando, assim, evitar os efeitos negativos que a competição pode gerar em crianças e jovens e aumentar a participação dos alunos tanto nos jogos quanto na própria organização.

Palavras-chave: Competição Esportiva Escolar. Jogos escolares. Olimpíada do Colégio de Aplicação.

ABSTRACT

The OCA, Application College Olympiad, was held almost four decades ago in the College of Application (CAp) of the Federal University of Rio Grande do Sul (UFRGS), and is intended for students in the final grades of elementary and high school. The present research, a qualitative case study, has as general objective to ascertain the model of competition of Application College Olympiad of UFRGS. The specific objectives of the study are: a) to describe the format of the College of Application Olympiad; b) verify the structuring of Application College Olympiad according to the regulations; c) to analyze the organization of Application College Olympiad according to the professors of the CAp; d) to verify the perception of the CAp teachers about the role of school sports competition. To this end, information was collected through documentary sources, OCA regulations for the period 2017, Categories A (sixth and seventh grade students), B and C (eighth and ninth grade students and high school students), respectively, and through a semi-structured interview directed to the teachers who collaborated with the research. In the last 10 (ten) years (from 2007 to 2017), studies related to the sports competition in the school environment were also carried out, with 45 (forty-five) articles, 19 (nineteen) dissertations and three (3) theses. The research sample consisted of 5 (five) Physical Education teachers from CAp / UFRGS. This information was submitted to the thematic content analysis. The interpretation of the research sources showed that, although there are adaptations in some sports modalities disputed by the students of category A, one can perceive remnants of an adult competition model. With regard to students in categories B and C, the use of the adult competition model is notorious. It was also verified that Physical Education teachers coordinate and organize the OCA, and that some students are part of this process. In addition, it was found that most teachers consider that competition plays an important role and, when well targeted, can be an excellent tool for education and training not only for the sports environment, at school, but also for other fields in the course of life. In addition, Physical Education teachers play a relevant role in this process, since competition may have a negative or positive effect, but this effect will depend on how it will be developed with children and young people. In view of this, the great challenge of the school is to build a format of competitions that, as far as possible, is separated from an adult model, which dilutes the emphasis that has been placed on sports performance so far, in order to avoid the negative effects that competition can generate on children and young people, and increase student participation both in games and in the organization itself.

Keywords: School Sports Competition. School games. Application College Olympiad.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CACA - Comunidade de Alunos do Colégio de Aplicação
CAp – Colégio de Aplicação
CERGS - Campeonato Estudantil do Rio Grande do Sul
ESEFID - Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança
JAPA - Jogos Abertos de Porto Alegre
JERGS - Jogos Escolares do Rio Grande do Sul
JTD - Júri Técnico e Disciplinar
OCA - Olimpíada do Colégio de Aplicação
SME - Secretaria Municipal de Esportes, Recreação e Lazer
SEDACTEL - Secretaria da Cultura, Turismo, Esporte e Lazer
UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Categorias e suas respectivas turmas	37
Quadro 2 - Modalidades esportivas	37
Quadro 3 - Premiação aos atletas classificados em cada modalidade, por categoria	38
Quadro 4 - Organograma OCA	40

SUMÁRIO

PREFÁCIO	10
1. INTRODUÇÃO	12
2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	16
2.1 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....	16
2.2 COLETA DE INFORMAÇÕES.....	17
2.2.1 Fontes Documentais	17
2.2.2 Entrevistas	17
2.3 ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES.....	18
2.3.1 Análise dos Documentos Impressos	19
2.3.2 Análise das Entrevistas	19
2.4 PROCEDIMENTOS ÉTICOS.....	19
3. REVISÃO DE LITERATURA	21
3.1 TEORIA GERAL DA COMPETIÇÃO	21
3.2 JOGOS ESCOLARES: ESPORTE E COMPETIÇÃO	24
3.3 AS OLIMPIADAS DO COLÉGIO DE APLICAÇÃO DA UFRGS.....	34
4. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	41
4.1 ORGA NIZAÇÃO/ESTRUTURAÇÃO DA OCA.....	41
4.2 ENVOLVIMENTO/PARTICIPAÇÃO DOS ALUNOS NA OCA.....	47
4.3 MODELO DE COMPETIÇÃO DA OCA.....	51
4.4 PERCEPÇÃO DOS PROFESSORES DO CAP SOBRE A COMPETIÇÃO ES- PORTIVA ESCOLAR.....	57
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	62
REFERÊNCIAS	65
APÊNDICE A – REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	71
APÊNDICE B – GUIA DE ENTREVISTA	75
APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	77
APÊNDICE D – LINHA DE TEMPO	79
ANEXO A – REGULAMENTO CATEGORIA A	80
ANEXO B - REGULAMENTO CATEGORIA B e C	97
ANEXO C – DOCUMENTO DE APROVAÇÃO DA PESQUISA	114

PREFÁCIO¹

No *Colégio de Aplicação (CAp)*, da *Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)*, vivi minha primeira experiência como docente após o término da graduação: lá fui professora substituta de Educação Física por dois anos. Nesse período, me aproximei da competição esportiva escolar, visto que treinei duas equipes femininas juvenis, uma de Handebol e a outra de Futsal, com objetivo de participar de eventos de competição fora da escola. Ademais, também me envolvi na organização e na participação das *Olimpíadas do CAp*, a OCA. Nessa fase, me deparei com muitas situações, com questionamentos quanto à competição, tais como: como fazer com que todos tenham a oportunidade de participar dos jogos? E aqueles que ficam no banco de reserva? Como lidar com a derrota num contexto em que o objetivo da maioria das competições escolares é ganhar? E aqueles que pretendem desistir, como evitar que o façam? Dentre várias outras, estas são algumas das questões que surgiram.

Esses questionamentos a respeito da competição esportiva escolar surgiram, principalmente, devido à vivência com as competições escolares das quais o CAp/UFRGS participava. Diante disso, irrompeu o interesse em pesquisar sobre a competição esportiva realizada no âmbito escolar, considerando as Olimpíadas que ocorrem no *Colégio de Aplicação*. Além de ser um assunto que é objeto de constante debate em trabalhos acadêmicos e entre pedagogos do esporte, há que se destacar que a OCA se caracteriza como um evento que vem acontecendo nos últimos 36 anos e precisa ser divulgado fora do âmbito da escola.

¹ Segundo normas de produção de textos acadêmicos (NUNES, 2000; PROETTI, 2002), é necessário que a escrita seja feita utilizando verbos em uma única pessoa. Nesse sentido, podem ser aceitas: a primeira pessoa plural (nós), a terceira pessoa singular ou plural (ele, ela, eles, elas) ou uma forma impessoal, que consiste na mais indicada. Recomenda-se evitar a primeira pessoa singular (eu) em função de se tratar de texto com caráter formal e impessoal. No entanto, nesta Dissertação, duas formas foram adotadas: a primeira pessoa, apenas no Prefácio, por se tratar de texto no qual são relacionadas experiências pessoais da autora com intenções de estudo de modo a justificar a proposta de pesquisa, e a forma impessoal nas demais seções que constituem este trabalho científico. Essa opção é aceita, com caráter de excepcionalidade, em textos acadêmicos que possuem a forma de estruturação desta Dissertação, incluindo uma seção que, ao retomar uma dimensão mais pessoal do trabalho, o faz em função da importância de sua referência para a compreensão dos motivos que justificam o mesmo.

Quando realizei o levantamento de trabalhos que abordavam a competição esportiva escolar, pude observar que, nos dez últimos anos (2007 a 2017), esse vem sendo um tema recorrente entre os debates acadêmicos. Apesar desse crescimento, ainda são necessárias discussões tanto sobre o modelo vigente nas competições esportivas escolares quanto a respeito da participação de crianças e jovens nesses eventos.

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como tema central as competições esportivas que ocorrem no âmbito escolar. As competições e os festivais esportivos geralmente estão presentes nas escolas, nas aulas de Educação Física, e, quando organizadas como conteúdo de ensino, podem ser compreendidas enquanto possibilidade educacional de enriquecimento do processo de ensino (SCAGLIA *et al.*, 2006). Porém, quando se fala em competições esportivas realizadas por crianças e jovens, alguns educadores manifestam certa resistência, pois, para eles, a competição seria o aspecto mais perverso do esporte, devido às suas características que promovem valores exacerbados de concorrência e de individualismo em prejuízo aos valores de igualdade e solidariedade (MARQUES, 2004).

Assim como há educadores que salientam que participar de competições pode gerar efeitos negativos, há outros que as veem como algo positivo (DE ROSE, 2011; MARQUES, 2004; JUCHEM 2015). De Rose e Korsakas (2006) destacam que competir é importante haja vista ser possível aprender através dessa atividade, além disso, o esporte, sem a competição, deixaria de cumprir com seus aspectos mais interessantes e motivadores, como a busca pelo desafio, o confronto e a mediação de forças. Autores que são favoráveis à competição acreditam que ela seja um importante elemento na formação da personalidade das pessoas, na afirmação de valores morais, sociais e espirituais. Já os que não apoiam a competição, afirmam que ela traz prejuízos à formação do indivíduo (THIESS; TSCHIENE; NICKEL, 2004; DE ROSE, 2011; MARQUES, 2004; JUCHEM 2015).

Drewe (1998) ressalta que a participação em atividades competitivas pode ter duas visões intrínsecas: negativa ou positiva. Negativa quando os resultados, na maioria das vezes, envolvem derrotas, deixando os participantes com sensação de impotência, de incapacidade, e os levando a desistir do envolvimento com o esporte. Além disso, durante o jogo, pode haver trapaças como faltas ou lesões intencionais, ou seja, quando o foco é "ganhar a todo o custo". Positiva quando, através da competição, os envolvidos podem adquirir valores, desenvolver o caráter, habilidades motoras e cognitivas, buscar a excelência e a disciplina. Dito de outra forma, a participação em atividades competitivas é necessária na preparação para a vida. Sciara-

bba (2012) corrobora com as ideias de Drew (1998), pois afirma também que a competição pode ter efeito negativo ou positivo, mas destaca que o que vai definir o efeito da competição é como ela será abordada. Juchem (2015), por sua vez, aponta que a participação de crianças e jovens em competições contribui na educação e formação integral dos participantes, mas chama a atenção para o fato de que as vitórias e as derrotas presentes nos jogos, nas competições e nos esportes, geram emoções e sentimentos dos quais podem derivar consequências negativas ou positivas para os participantes. Além disso, o papel dos treinadores e pais é importante para o desenvolvimento cognitivo das crianças, exercendo influência sobre os benefícios sociais, psicológicos e emocionais que decorrem da competição (CHOI; JOHNSON; KIM, 2014).

Diante dessas concepções, alguns autores apresentam reflexões referentes aos modelos de competições vigentes nos eventos esportivos dos quais crianças e jovens participam. Geralmente, tais modelos reproduzem uma competição de adultos, em que as modalidades esportivas ofertadas não são adaptadas, seguem as regras oficiais de federações e acabam priorizando apenas o destaque do vencedor. Dessa forma, os efeitos da competição podem ser ruins para a formação dos participantes e, portanto, há uma necessidade de elas serem reestruturadas (MILISTEDT *et al.*, 2008; REVERDITO *et al.*, 2008; FERREIRA, 2000; MARQUES, 2004). Montagner (2015) sustenta a ideia de que os modelos estabeleçam e defendam um sistema de competição específico e preocupado com as crianças e jovens. O autor ainda destaca que quando a competição esportiva para crianças e jovens está baseada nos moldes da competição esportiva formal de adultos, resulta numa incompreensão das diferenças e possibilidades de intervenção pedagógica em ambientes diversos.

À vista disso, Arena e Böhme (2004) apontam que o formato, os objetivos e a frequência da participação das crianças em competições são aspectos a serem considerados e estudados pela Ciência do Esporte. Montagner, Scaglia e Souza (2001) vão ao encontro das ideias de Arena e Böhme (2004): eles também sugerem que as competições escolares sejam repensadas de modo a garantir um equilíbrio nas relações entre a prática e o resultado, tendo em vista que os jogos educacionais acabam reproduzindo um sistema que tem pouco caráter educacional. As crianças e os jovens, ao competirem, devem entender que o jogo tem um fim em si mesmo, e a recompensa é a satisfação que deriva do jogar. Choi, Johnson e Kim (2014) desta-

cam que o formato de competição adotado e as suas influências sobre as crianças e jovens é um fator que vai afetar o caminho que o esporte competitivo poderá seguir para o desenvolvimento positivo (valores sociais) ou para o desenvolvimento negativo (agressividade etc.).

Portanto, a principal preocupação dos organizadores dos jogos precisa estar articulada a um compromisso que implica tentar proporcionar um ambiente educacional (SCAGLIA; GOMES, 2005). De acordo com Reverdito *et al.* (2008), o objetivo da competição pedagógica na escola é maximizar os aspectos positivos e minimizar os efeitos negativos. Além disso, inserir a competição nos programas escolares é oportunizar aos alunos uma vasta experiência em atividades formativas (BETTI, 1991). Perante o exposto, Marques (1999) sugere que seria benéfico, tanto para a escola quanto para o esporte e para a criança, que o modelo de organização de atividades competitivas seja baseado na prática de diferentes esportes, se orientando para o desenvolvimento de uma dotação motora e esportiva geral. Tal modelo oportuniza, assim, diferentes possibilidades de desenvolvimento.

Diante das considerações feitas, a presente pesquisa tem como **objetivo geral** averiguar o modelo de competição da *Olimpíada do Colégio de Aplicação* da UFRGS. Os **objetivos específicos** do estudo são: a) descrever o formato da *Olimpíada do Colégio de Aplicação*; b) verificar a estruturação da *Olimpíada do Colégio de Aplicação*, conforme os regulamentos; c) aferir como é organizada a *Olimpíada do Colégio de Aplicação*, segundo os professores do CAp; d) verificar a percepção dos professores do CAp acerca do papel da competição esportiva escolar. Para tanto, a fim de alcançar os objetivos da pesquisa, foram feitas entrevistas e coletas de fontes documentais.

Devido à necessidade de compreender mais sobre as competições esportivas, tema que se mostra latente e propício a ser investigado, especialmente no âmbito escolar, e por haver diferentes concepções a respeito dele, tal estudo foi realizado no *Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul* (CAp/UFRGS²), visto que nessa escola são realizadas as *Olimpíadas do Colégio de*

² Ao longo do texto da dissertação, será usada apenas esta sigla quando for feita menção ao *Colégio de Aplicação* da UFRGS.

Aplicação, a OCA³, evento esse que ocorre há quase quarenta anos. Além da OCA ter uma longa trajetória, de ser uma tradição, ela é considerada como um dos maiores eventos promovido pelo CAp/UFRGS. Sendo assim, tal estudo também contribui para divulgar o evento, que a escola organiza e realiza, e promover ainda mais discussões acerca das competições escolares.

Por fim, cabe apresentar a estrutura a partir da qual a dissertação foi elaborada. Após a Introdução, são enfocados os Procedimentos Metodológicos. A seguir, no capítulo destinado à Revisão de Literatura, são abordados temas relacionados à competição esportiva, em especial as que ocorrem no âmbito escolar. Logo após a Revisão de Literatura, são explanadas a Apresentação e Discussão dos Resultados e, por fim, as Considerações Finais.

³ Doravante, será utilizada esta sigla nas referências às *Olimpíadas do Colégio de Aplicação* da UFRGS.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A presente pesquisa se constitui em um estudo de natureza qualitativa, mais especificamente, um estudo de caso sobre as *Olimpíadas do Colégio de Aplicação* (OCA) da UFRGS. Flick (2009a; 2009b) aponta que, na pesquisa qualitativa, os objetos de estudo são representados em sua totalidade, dentro de seus contextos cotidianos, ou seja, os campos de estudo dizem respeito a situações práticas de interações dos sujeitos na vida cotidiana. No caso deste estudo, buscou-se compreender, no cotidiano do CAp/UFRGS de Porto Alegre, a realização de um evento esportivo em particular, a OCA. A fim de detalhar os procedimentos metodológicos adotados, descrevem-se, na sequência, as etapas percorridas na pesquisa: Revisão Bibliográfica; Coleta das informações; Análise das informações; Procedimentos éticos.

2.1 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Realizou-se levantamento de estudos publicados, nos últimos 10 (dez) anos (período de 2007 a 2017), relacionados à competição esportiva no âmbito escolar. Nessa busca, três repositórios auxiliaram na mensuração de estudos do tema proposto, a saber: Portal de Periódicos da CAPES, LUME - Repositório Digital da UFRGS e Google Acadêmico. Foram utilizados os descritores “Competição esportiva escolar”, “Competição na Educação Física”, “Olimpíadas Escolares” e “Jogos Escolares”. Considerou-se, nessa etapa, artigos, dissertações de mestrado e teses de doutorado disponíveis para consulta nos referidos catálogos digitais, tendo sido localizados 45 artigos (quarenta e cinco), 19 (dezenove) dissertações e 3 (três) teses. Os dados estão sistematizados no Apêndice A – Revisão Bibliográfica.

2.2 COLETA DAS INFORMAÇÕES

Para a coleta das informações, dividiram-se os procedimentos em dois grupos distintos e complementares: fontes documentais e entrevistas.

2.2.1 Fontes Documentais

Para a coleta das fontes documentais referentes à organização e ao modelo de competição, foram obtidos os regulamentos da OCA do ano de 2017. As buscas foram realizadas junto aos professores de Educação Física do CAp/UFRGS, os quais organizaram a OCA nesse ano em análise. As fontes documentais foram utilizadas no estudo como uma forma de confrontar as afirmações contidas nas entrevistas.

2.2.2 Entrevistas

Para a seleção dos participantes da pesquisa, os seguintes critérios foram considerados:

- a) ser professor do CAp/UFRGS da área da Educação Física;
- b) ser professor efetivo;
- c) ter doutorado;
- d) ser professor que atua no CAp/UFRGS há mais de 9 anos.

Após o estabelecimento dos critérios, contatou-se com os professores a fim de se verificar a disposição deles para participar da pesquisa. Dessa forma, a amostra da pesquisa foi constituída por 5 professores de Educação Física do CAp/UFRGS, os quais se mostraram muito disponíveis. Ademais, alguns professores apontaram que esta pesquisa possibilita reflexão sobre o trabalho que está sen-

do realizado com as crianças e os jovens na OCA. Cabe destacar que o corpo docente no Colégio de Aplicação da UFRGS, conta com oito professores efetivos. Além dos efetivos, quando necessário, há também professores substitutos, os quais podem atuar no colégio somente por dois anos. No entanto, o critério de escolha de professores efetivos, e com mais de nove anos de atuação, foi devido a terem mais tempo de atuação na OCA.

Os depoimentos foram obtidos por meio de uma entrevista semiestruturada (Apêndice A) dirigida aos professores que, selecionados a partir dos critérios supracitados, aceitaram participar da pesquisa. Bell (2008) destaca que uma das principais vantagens desse tipo de entrevista é a sua adaptabilidade. Ela dá ao pesquisador a possibilidade de esclarecer e aprofundar as respostas bem como investigar motivos e sentimentos dos entrevistados. De acordo com Flick (2009a; 2009b), a entrevista semiestruturada é um método especial e interessante, visto que os entrevistados normalmente possuem acúmulo de conhecimentos sobre o tópico em questão, podendo ter maior liberdade para se expressar.

Para registrar as entrevistas, utilizou-se um gravador digital e, posteriormente, os depoimentos orais foram transcritos e analisados. Logo após, as transcrições das gravações foram enviadas aos professores para a sua leitura e correções. Esse procedimento permitiu que os entrevistados corrigissem e, caso considerassem necessário, agregassem informações ao trabalho.

2.3 ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES

Esta etapa foi caracterizada pela codificação e interpretação das informações obtidas, que foram analisadas a partir de quatro categorias estabelecidas a priori: organização/estruturação da OCA; participação/envolvimento dos alunos na OCA; modelo de competição da OCA; percepção dos professores do CAp sobre a competição esportiva escolar.

2.3.1 Análise dos documentos impressos

Após a análise dos documentos, os mesmos passaram pelo processo de codificação. Elas foram feitas de acordo com as categorias elaboradas a priori.

2.3.2 Análise das entrevistas

Após a obtenção das entrevistas, ocorreu o processo de análise dos dados. As entrevistas foram analisadas a partir de quatro categorias elaboradas a priori, que foram formuladas a partir das categorias teórico-metodológicas propostas por Marques (2004).

2.4 PROCEDIMENTOS ÉTICOS

A realização desta dissertação observou os procedimentos éticos inerentes à pesquisa realizada com Seres Humanos. A coleta das fontes documentais e das entrevistas ocorreu após a qualificação junto ao *Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano*. É importante destacar que esta pesquisa faz parte de um “Projeto Guarda-Chuva” denominado “Modelos de competições esportivas para crianças e jovens: um estudo descritivo-exploratório” e aprovado pelo *Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul*, sob o número de protocolo 271.526, na data de 7 de fevereiro de 2013.

Ao realizar as entrevistas, foi apresentado o *Termo de Consentimento Livre e Esclarecido* (Apêndice C) aos participantes da pesquisa. A partir desse momento, o pesquisador assumiu a responsabilidade de seguir os seguintes procedimentos éticos: a) disponibilizar todas as informações relacionadas aos objetivos da pesquisa; b) garantir a privacidade do participante e as suas confiabilidades; c) garantir a precisão e a correta interpretação das informações bem como a inexistência de omissões ou fraudes durante a coleta de dados. Ainda foi explicado, aos professores,

que os mesmos poderiam optar por não participar ou, no caso de participarem, não querer que seus dados fossem utilizados no estudo. Quanto ao nome dos entrevistados, foram substituídos por letras que não estabelecem qualquer tipo de relação com o nome do docente.

3. REVISÃO DE LITERATURA

Este capítulo aborda alguns temas que orientaram esta pesquisa, a saber: a Teoria Geral da Competição, os Jogos Escolares: Esporte e Competição e, por último, as Olimpíadas do *Colégio de Aplicação da UFRGS*. Ele abriga os referenciais teóricos abordados neste estudo.

3.1 TEORIA GERAL DA COMPETIÇÃO

De acordo com Zakharov (1992), a palavra competição é compreendida como a rivalidade regulamentada a partir da qual é possível comparar determinadas capacidades do indivíduo. Além disso, ela pode desempenhar determinadas funções específicas das competições e, também, não específicas. As primeiras estão relacionadas à preparação geral do atleta, já as segundas desempenham função na estrutura social da vida da sociedade uma vez que as competições podem exercer influência na solução de tarefas para além da atividade esportiva. Estas, por sua vez, podem ser de espetáculo, educativa, comercial, política entre outras (ZAKHAROV, 1992).

De Francisco (2010) define competição como um confronto individual ou coletivo, limitado e dirigido por regras aceitas voluntariamente pelos protagonistas, nas quais, às vezes, você perde e, outras vezes, vence. Alves (2002) entende que a competição simboliza a parceria e a cooperação, pois cada competidor é visto como um facilitador em relação ao outro: ele tenta se superar no confronto com o outro, dando o melhor de si, e ambos atingem níveis de desempenho que não alcançariam se isolados.

Já Marques (2004) destaca que, para as crianças, é difícil fazer uma dissociação entre o esporte e a competição, pois, para elas, a competição no esporte é o próprio esporte, portanto, fica evidente que um não existe sem que o outro ocorra.

Ela proporciona experiências de superação, de integração, e de aquisição de valores os quais emergem das situações de jogo.

Zakharov (1992) ressalta que o sistema de competições representa uma série de disputas oficiais e não oficiais na preparação do atleta. Determinada prática pode ser encarada como um sistema de competições, especialmente, quando o atleta ou a equipe envolvida tem como objetivo a sua preparação. Além disso, o autor classifica as competições de acordo com suas principais indicações: a) pela escala territorial – competições realizadas em clubes, bairros, competições nacionais, regionais etc.; b) pela determinação do vencedor: competições em que os vencedores vão se classificando para o grupo seguinte; c) pela forma de prova e pelos critérios de determinação do vencedor: competições nas quais se determina uma posição de acordo com os critérios estabelecidos, podendo ser provas individuais ou por equipes; d) competições seletivas, entre outras.

Thiess, Lühnenschloss e Wille (2010) apontam que o sistema de competição é composto por: *tipos de competição, modos de competição e formas de competição*. O primeiro, *tipos de competição*, varia de acordo com a sua finalidade, como, por exemplo, campeonatos, amistosos, copas etc. No segundo, modos de competição, as variações dizem respeito ao tempo da mesma. E o terceiro sistema se refere aos modelos de competição, incluindo Jogos Olímpicos – escola, região, distrito; Liga Regional, entre outros. Já para Martin *et al* (2004), sistema de competição engloba todas as competições organizadas por um período definido.

Marques (1999) defende uma ideia segundo a qual existe uma diferença de finalidade entre o sistema de competição de alto rendimento e o esporte dos mais jovens. Enquanto que, no primeiro, a organização, as estratégias do treino são voltadas para a competição, no segundo, a competição deve ser uma extensão, um complemento do treino, possibilitando, à criança e aos jovens, adquirir novas estratégias, novas habilidades, ou seja, novas aprendizagens. Mas, de acordo com o autor, essa não é a realidade, pois o sistema de competições de crianças e jovens sempre se baseou em um viés mais tradicional, nunca houve uma adequação das propostas de treinos e do sistema de competição a esses grupos de participantes.

Nesse sentido, alguns autores destacam o período em que as crianças e os jovens costumam participar de um determinado sistema de competição, o mais tradicional. Geralmente é na fase infanto-juvenil, período que se estende dos sete anos

até o final da adolescência, entre dezessete e dezoito anos, quando há uma maior incidência de competições esportivas cujas organizações são estabelecidas por adultos. Muitas vezes, os organizadores desconhecem as condições e necessidades dos participantes e acabam estabelecendo modelos de competições adultas, de alto rendimento (MARQUES, 1997; LIMA, 2000; DE ROSE, 2011; REVERDITO *et al.*, 2008). Desse modo, há sugestões relativamente ao momento ideal para as crianças participarem de competições esportivas formais. De Rose (2011) destaca que a partir dos doze anos é mais recomendável, visto que a criança passa a ter uma compreensão madura e raciocínio suficiente para entender as nuances que envolvem a competição.

Para De Francisco (2010), há uma dificuldade de saber o momento mais adequado para começar a competir seguindo critérios técnicos, psicológicos e sociológicos. O caminho mais lógico é oportunizar o rendimento esportivo a longo prazo. Durante a iniciação, convém considerar a competição como um meio e não como uma finalidade, oportunizando experiências em diferentes esportes. Quando há competição em idades muito precoces cuja finalidade é o rendimento, ela pode ser prejudicial.

Nessa perspectiva, há uma preocupação, assim como apontam Juchem e Balbinotti (2014), especialmente com relação aos adultos, os treinadores, visto que eles possuem um importante papel frente aos processos da educação e do treinamento. Logo, os autores indicam algumas normativas no tocante à responsabilidade educacional própria às pessoas que desempenham esse papel: ter clareza quanto à noção de que o treinamento infanto-juvenil deve seguir princípios éticos; ter modelos de comportamentos para as crianças; propor treinamentos que estejam em harmonia com o desenvolvimento da personalidade da criança; respeitar as condições e os estágios de desenvolvimento da criança ao prescrever os treinamentos. Além disso, os conteúdos e as exigências das competições devem ser aliados aos objetivos propostos para o estágio de treinamento e do desenvolvimento dos participantes.

Humphrey (2012) afirma que os adultos envolvidos nas competições esportivas para crianças devem ser guiados pelas seguintes concepções: crianças muito pequenas em geral não são muito competitivas, mas se tornam mais à medida que envelhecem; há uma grande variedade de competição entre as crianças, isto é, algumas são violentamente competitivas, outras são competitivas e outras ainda não

são competitivas; a competição deve ser ajustada para que não haja um número preponderante de vencedores sobre os perdedores.

Martin *et al.* (2004) compreendem que o objetivo da competição não deve apenas se voltar para o desempenho nos primeiros anos de formação, mas, sim, para a valorização das diversas capacidades por meio da promoção de diferentes tipos de competições que não devem ser as tradicionais. Sánchez (2010) corrobora com as ideias de Martin *et al.* (2004) e complementa, enfatizando os cuidados que devemos ter ao promover a competição para as crianças em idade escolar. Destaca que precisamos ter a clareza de que obter a vitória, o êxito e ser campeões a qualquer custo não é o objetivo principal, mas pode ser secundário. Portanto, o objetivo principal é oferecer uma gama de experiências aos participantes.

De Rose (2011) afirma que a competição proporciona mais derrotas do que vitórias. Se, durante esse processo, a criança não possui capacidades e habilidades suficientes para desempenhar adequadamente e obter o sucesso desejado, a competição passa a ser desencorajadora e muitos acabam desistindo. Diante do que foi exposto anteriormente, nota-se que há diferentes recomendações àqueles que promovem a competição esportiva às crianças. Apesar das diferenças dentre os posicionamentos dos autores, encontramos certa unanimidade na afirmação de que as competições devem destacar e se colocar na direção de proporcionar uma formação do aluno considerando valores e garantindo as possibilidades de participação de todos, buscando, dessa maneira, uma diminuição da ênfase no rendimento esportivo e nos resultados a serem obtidos.

3.2 JOGOS ESCOLARES: ESPORTE E COMPETIÇÃO

Os jogos escolares, também chamados de interclasses, correspondem a um evento organizado e promovido pela escola no qual ocorrem competições entre as turmas e séries (REVERDITO *et al.*, 2008). Sadi *et al.* (2004) definem dois tipos de competições que são realizadas no âmbito da escola: competições pedagógicas e festivais esportivos. A primeira refere-se às atividades tradicionais ajustadas com o caráter pedagógico, ao ensino do esporte numa perspectiva diferenciada, estrutura-

da em um plano mais horizontal, com um fim nela mesmo. A segunda, por sua vez, inclui atividades mais lúdicas, com maior participação e realizadas para crianças de sete a oito anos, sem excluir, no entanto, a possibilidade de sua realização com crianças de nove a quatorze anos.

A respeito dos jogos escolares, surgem diversas manifestações e críticas sobre seu formato, seu modelo de competição, seus objetivos, entre outros aspectos considerados (NASCIMENTO, 1994; MONTAGNER, SCAGLIA, SOUZA, 2001; MARQUES, 2004; REVERDITO *et al.*, 2008; SORATTO, 2012; MILANSKI; SILVA, 2013). Montagner, Scaglia e Souza (2001) defendem a competição na escola, pois ela desenvolve valores associados à humanização, às relações interpessoais, mas desde que haja sempre um equilíbrio entre as relações da prática e resultado. Costa *et al.* (2017) apontam que os jogos que ocorrem no âmbito da escola promovem diferentes tipos de aprendizagens, visto que fogem daquele espaço tradicional de sala de aula, oportunizando, às crianças e aos jovens que participam desses eventos, trabalharem questões tais como técnicas, valores e temas inclusos e inerentes aos jogos.

Já Scaglia e Gomes (2005) chamam a atenção dos organizadores de eventos esportivos escolares para o fato de que não se deve acentuar a exclusão, mas perceber que a participação dos alunos na competição possibilita uma aprendizagem assim como a assimilação das vitórias ou das derrotas, permitindo que crianças e jovens percebam, assim, suas possibilidades e limitações. Além disso, os jovens, ao competirem, devem entender que o jogo tem um fim em si mesmo, e o prêmio é a alegria em jogar, em participar, estando implícito seu valor educacional.

Ao promover a competição na escola, é importante que ela não reproduza as competições do sistema olímpico, institucionalizado, mas que também não seja um espaço voltado somente ao lúdico, à brincadeira. É essencial que haja, no conteúdo da Educação Física, diferentes modelos de competição, do alto rendimento esportivo, educacional e de lazer, para que os alunos possam distinguir, na teoria e na prática, as diferenças entre as formas competitivas (SADI, 2013). Marques (1999) salienta que as escolas acabam se orientando por um sistema de competições de caráter mais especializado. O autor sugere a inserção de um modelo de organização de atividades competitivas baseado na prática de esportes variados, se direcionando

para o desenvolvimento do esporte e das habilidades motoras. Essa estratégia seria benéfica tanto para a escola quanto para a criança.

Diante das discussões sobre o tema, é importante destacar, também, que há pesquisadores que apresentam propostas, sugestões metodológicas acerca dos jogos olímpicos na escola (NASCIMENTO, 1994; FERREIRA, 2000; SADI, 2008). Nascimento (1994) e Ferreira (2000) sugerem a mudança da denominação do termo Olimpíadas e/ou Jogos Olímpicos pelo nome Atividades de Confraternização, visto que ambos referem um conteúdo, uma intencionalidade determinada que lhes são próprios.

Há também recomendações de que os alunos e os pais, a comunidade em geral, possam se envolver na organização do evento, participando mais ativamente de todo o processo desde o seu início até a finalização, de modo que as decisões não sejam tomadas somente pelos professores. Essa integração contribui na preparação para a vida democrática, no desenvolvimento da autonomia, especialmente, das crianças e jovens. Quando não há esse envolvimento, não há uma difusão sobre os valores educativos do esporte e, portanto, os organizadores acabam reproduzindo modelos prontos de competições, os olímpicos (NASCIMENTO, 1994; FERREIRA, 2000; SADI, 2004).

Diante de tais discussões e argumentos, percebemos que os autores fazem algumas sugestões para evitar influências e efeitos negativos advindos da realização de competições inadequadas às capacidades e possibilidades de crianças e jovens. Além disso, os pesquisadores apresentam algumas propostas de modificações no formato dessas competições, especialmente quando expressam também o quanto é importante a escola oportunizar tal vivência, pois ela é uma ferramenta da qual podem resultar diversas experiências e aprendizagens.

Logo, quando a competição é usada como um meio, ela se torna uma ferramenta importante, que pode contribuir na formação do caráter da criança, tornando-a mais participativa, criativa, compreensiva, envolvida, com mais autonomia no processo de seu desenvolvimento e aprendizagem (SOARES; MONTAGNER, 2006; SOARES, 2010). Sciarabba (2012) destaca que a competição pode ter efeito negativo ou positivo, dependendo disso da forma como ela será abordada e entendida. No entanto, quando utilizada de maneira correta, ela é um ótimo instrumento mediador na transmissão de valores éticos pessoais, profissionais e sociais. Choi, Johnson e

Kim (2014) corroboram com as ideias de Sciarabba (2012), visto que aqueles enfatizam, do mesmo modo que este, que a competição esportiva pode ser positiva ou negativa em termos de desenvolvimento, porém, isso vai depender de como as experiências são percebidas pelas crianças e pelos jovens e de como as competições são projetadas.

Já Marques (2004) complementa, dizendo que o esporte e a competição são apenas instrumentos, mas não são determinantes na perspectiva da educação da criança e do jovem, uma vez que o que confere valor educativo é a maneira como são utilizados os valores e os princípios associados à competição e às experiências vividas. A competição pode ser considerada como um estímulo na promoção do desenvolvimento cognitivo, motor, social. Ela perpassa o âmbito esportivo, aparecendo também em setores como a família, a escola e o trabalho (FERRAZ, 2002; DE ROSE, 2011).

De Francisco (2010) também aponta que a competição beneficia as crianças em diferentes aspectos, tais como físicos, sociais e psicológicos. Com isso, a criança se sente mais motivada para continuar a sua vida esportiva, desde que a competição seja bem orientada. Ademais, possibilitar à criança e ao jovem a experiência do insucesso e sucesso, através das competições esportivas, é muito importante para o processo de ensino e aprendizagem. A derrota esportiva, os erros notados, podem, igualmente, promover benefícios, pois os participantes procuram se esforçar mais a fim de aprender novas habilidades, técnicas e outras maneiras de compreender o esporte, além de buscar a excelência. Diante disso, a derrota, muitas vezes, serve como uma motivação para crescer e aprender (VECCHIO; MONTAGNER, 2008).

A competição pode ser um instrumento importante no desenvolvimento de crianças e jovens, desde que a sua oferta tenha alguns cuidados e critérios (MARQUES, 2004; SADI, 2013, MONTAGNER, 2015). Nesse sentido, é importante propor um modelo de competição que condiz com a idade dos participantes, que segue alguns princípios. Todavia, só isso não basta, pois, para que de fato a competição seja positiva, há outros fatores que podem interferir, assim como destaca Martens (1978 *apud* GONÇALVES, 1999, p.111):

Não é o confronto, a competição, ou o tipo de desporto praticado que determina automaticamente o valor das atividades para as crianças e jovens. É antes do mais a natureza das experiências vividas nessas atividades. São

as intervenções com os pais, os treinadores, o companheiro, a assistência, que vão determinar o valor qualitativo, a valência da prática desportiva e se esta representa ou não um verdadeiro fator de formação e desenvolvimento de crianças e jovens.

De acordo com Gonçalves (2014), o papel da competição como meio de formação e educação está fortemente relacionado à vitória e à derrota, pois a supervelocização em alcançar vitórias está diretamente relacionada à frustração na derrota e às expectativas criadas pelas crianças e por aqueles que estão à sua volta, especialmente os pais. Portanto, os pais têm uma função importante, uma vez que devem priorizar a educação dos seus filhos, seguindo os objetivos ligados à faixa etária e promovendo a coerência na formação da criança, sem exigir além das capacidades que a criança pode apresentar (GONÇALVES, 2014).

Thiess, Luhnenschloss e Wille (2010) consideram que a competição esportiva é um fator essencial para a educação dos participantes. É através da competição que as regras de comportamentos morais são amadurecidas durante as disputas. Além disso, ela possibilita correções dos desvios de comportamentos relacionados às normas das competições, respeito aos árbitros, aos colegas e aos adversários. De acordo com Sánchez (2010, p. 33): “A competição quando bem orientada é educativa e motivante. A interação com o adversário é superação de si mesmo. O treinamento é a busca da perfeição, de aprendizagem. A valorização do esforço é a busca da excelência”.

Assim, ao competir, seja uma equipe, seja um indivíduo, ela ou ele não vai apresentar ao final apenas um resultado mensurável, podendo ir além disso, já que outros ganhos vinculados à disputa podem ser promovidos. Desse modo, é importante destacar que não somente o modelo de competição pode interferir na formação, no desenvolvimento das crianças e dos jovens, mas as intervenções dos pais, dos treinadores, dos companheiros também representam fatores importantes que devem ser ponderados. Ressalta-se, ainda, o cuidado para que de fato o momento em que a criança está envolvida no esporte seja uma vivência rica e positiva.

Diante desse panorama apresentado, percebe-se que há tanto críticas, com relação aos modelos de competição esportiva destinados às crianças e aos jovens, quanto ideias e sugestões para que as competições tenham um caráter mais voltado para a formação e educação dessa população. Por um lado, autores como Andrés e

Ogawa (2012), por exemplo, destacam que as competições infanto-juvenis costumam seguir duas vertentes diferentes: ou elas reproduzem os padrões e valores estabelecidos na vida adulta, tendo como modelo o esporte de alto rendimento; ou oportunizam aprendizagens importantes para crianças e jovens, respeitando sua fase de desenvolvimento, formando cidadãos capazes de refletir a respeito das relações de desigualdade existentes no esporte durante a prática esportiva.

Por outro lado, pesquisadores como Lima (1999) destacam que o desenvolvimento esportivo, seja no sistema educativo ou no sistema esportivo, continua apenas a ser um processo de recrutamento de crianças e jovens, processo orientado por critérios de especialização precoce de seleção, que priorizam a competição, sendo mais importante alcançar a vitória e conquistar títulos do que promover uma formação esportiva sólida. Marques (2004) aponta que o modelo de competições dos mais jovens não deve ser similar aos sistemas competitivos do esporte de alto nível. Esses modelos acabam provocando a inibição do gosto pelo jogo, pois geralmente os treinos são intensos, há seleção dos melhores, assim como uma aprendizagem acelerada.

Sadi *et al.* (2004) sugerem um modelo para agregar o valor do esporte nas competições pedagógicas e nos festivais esportivos: ambos devem estimular a prática e o conhecimento do esporte para todos, encaminhando aqueles alunos destaques das escolas para polos de treinamento. Após o término das competições, é importante que o professor, a escola e os estudantes continuem envolvidos com o esporte, verificando quais foram os resultados, as questões centrais que ocorreram, se a competição foi filmada, ou seja, é fundamental fazer uma retrospectiva, uma retomada da competição que foi realizada.

Lee (1999) sugere alguns conselhos para aqueles que trabalham o esporte, tais como: se as crianças e jovens não estiverem preparados emocionalmente, é melhor não iniciar as competições; eles devem competir com aqueles cuja capacidade condiz com a sua, proporcionando, assim, um desafio mais realista; o resultado não deve ser supervalorizado, pois a ocorrência da derrota é sempre uma possibilidade, não havendo nada de errado nisso; e, por fim, os organizadores precisam cuidar para que crianças e jovens não pensem que a sua importância está condicionada à vitória na competição.

Lee (1999) afirma, também, que apoiar a formação, mesmo que por meio da vivência de experiências adequadas em competições que sejam bem organizadas sem serem formais, seria um dos objetivos das competições dos mais jovens nos estágios iniciais da preparação esportiva. Já Galatti, Scaglia e Leonardo (2017) sugerem um modelo de participação competitiva o qual se baseia na possibilidade de que diferentes níveis competitivos sejam ofertados em função do interesse e das percepções de rendimentos de crianças e jovens as quais podem ser direcionadas pelos diferentes status de maturação, efeito da idade relativa e experiência na prática competitiva e esportiva.

Gonçalves (2014) destaca a importância de oportunizar uma competição adequada às necessidades e aos interesses das crianças e, também, a participação delas em diversas competições, proporcionando experiências de vitórias e derrotas. De Rose (2009) aponta algumas estratégias para que a competição seja adequada ao desenvolvimento da criança: os adultos devem compreender as reais necessidades e interesses das crianças em relação à participação em competições assim como entender que a criança não é o adulto em miniatura; as atividades precisam ser adequadas ao estágio de desenvolvimento dos participantes de modo que a vivência seja positiva; os adultos precisam valorizar o esforço e não apenas o resultado, promover desafios e produzir críticas construtivas visando ao progresso do desempenho.

De Francisco (2010) ressalta que quando a competição exige um rendimento a qualquer custo pode ter consequências ruins como o estresse. E, para que as crianças tenham um processo natural de aprendizagem e maturação esportiva, a competição deve ter finalidade lúdica, diminuindo a importância nos resultados. Diante disso, De Francisco (2010) propõe algumas sugestões para a prática, a fim de potencializar atitudes, valores e normas, tais como: evitar que o perdedor seja excluído da competição; formar equipes parelhas; designar a árbitro aqueles alunos que estão lesionados; conceder menos importância à premiação; utilizar diferentes tipos de pontuação, entre outros.

Considerando os debates aqui colocados, consideramos que torna-se significativo realizar adaptações, promover um sistema competitivo menos rígido, mais diversificado, bem como fazer da competição uma extensão da atividade de treino.

O conteúdo das competições deve ser mais diversificado e orientado para o esporte escolhido. As competições ora podem ser mais organizadas; outras, nem tanto.

Do mesmo modo, em certas competições devem ser incorporados elementos do esporte mais especializados; outras podem ser menos especializadas. Além disso, torna-se possível valorizar a aprendizagem da atividade e os fatores que mais influenciam essa aprendizagem, ou seja, elaborar um modelo compatível com capacidades e interesses de crianças e jovens, evitando, dessa forma, um modelo de competição semelhante às competições do esporte de alto nível, dos adultos, mas não esquecendo de ressaltar que a essência do esporte é a competição, e que geralmente a principal motivação das crianças é o desejo de jogar. Essa afirmação vai ao encontro do que afirma Marques (2004) quando destaca que não faz sentido pensar o esporte sem a competição. Ela que dá sentido ao esporte para a criança. Portanto, a competição esportiva deve, sim, fazer parte da vida da criança, mas ela precisa ser compatível com as suas aptidões e competências e corresponder à sua vontade de manifestar suas capacidades.

Considerando o exposto, é importante destacar os jogos escolares no estado do Rio Grande do Sul, visto que esse tipo de competição é bastante comum em diferentes estados brasileiros. No Rio Grande do Sul, há diferentes competições e cada uma delas têm suas especificidades e suas dimensões, como, por exemplo, os *Jogos Abertos de Porto Alegre (JAPA)*. Esses são organizados pela extinta *Secretaria Municipal de Esportes, Recreação e Lazer (SME)*⁴ de Porto Alegre. Nesse evento, crianças e adolescentes dos 12 aos 17 anos, oriundos de clubes, escolas, associações esportivas e unidades da SME, disputam algumas modalidades esportivas, tais como Handebol, Futsal, Basquetebol, Voleibol e Futebol, baseados nos princípios de participação, inclusão, solidariedade, lazer e educação (REGULAMENTO JAPA, 2017).

Há também os *Jogos Escolares do Rio Grande do Sul (JERGS)* dos quais participam alunos oriundos de escolas públicas (municipais, estaduais e federais). As disputas ocorrem entre crianças e adolescentes de 11 a 17 anos. Os JERGS são

⁴ Com a extinção da SME, os Jogos Abertos de Porto Alegre passaram a ser organizados pela Diretoria de Esportes, Recreação e Lazer (DIRESP), atualmente vinculada à Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social e Esporte (SMDSE).

promovidos pela *Secretaria de Estado da Educação* (REGULAMENTO JERGS, 2017). Assim como os JERGS, no qual as competições são entre as escolas públicas do estado, há o *Campeonato Estudantil do Rio Grande do Sul* (CERGS), em que as competições escolares envolvem escolas particulares do estado. Os CERGS são organizados pela *Secretaria da Cultura, Turismo, Esporte e Lazer* (SEDACTEL) com apoio das *Federações Esportivas, Instituições de Ensino Básicas* e dos *Polos Regionais de Desenvolvimento Esportivo do RS* (REGULAMENTO CERGS, 2017). Os vencedores do CERGS decidem as vagas na etapa nacional dos *Jogos Escolares da Juventude* com os vencedores dos JERGS. Os participantes desta competição são crianças e adolescentes de 12 a 17 anos. De acordo com os regulamentos dos jogos escolares referidos, os objetivos são:

Art. 2º - São objetivos dos Jogos Abertos de Porto Alegre:

- [...] c) Promover uma visão de esporte como momento de educação para o lazer, valorizando o respeito e a ética;
- d) Envolver a comunidade e os vários segmentos da SME de forma integrada, buscando um sentido de convergência e corresponsabilidade destes diversos atores na sua operacionalização;
- e) Valorizar o professor como agente motivador e de qualificação pedagógica na construção de uma nova cultura de prática esportiva (REGULAMENTO JAPA, 2017, p. 1).

Art. 05 - São objetivos dos JERGS:

- I. Fomentar a prática do desporto educacional, contextualizando-o como meio de educação;
- [...] III. Contribuir para o desenvolvimento integral do educando como ser social, estimulando o pleno exercício da cidadania, através do esporte;
- [...] VI. Possibilitar a identificação de novos talentos esportivos (REGULAMENTO JERGS, 2017 p.2).

Objetivo do CERGS:

Art.2º Promover o Campeonato Estudantil do Rio Grande do Sul para alunos-atletas das instituições de ensino públicas e privadas do estado, através de competições seletivas nas diversas modalidades esportivas, classificando os vencedores para a etapa nacional (REGULAMENTO CERGS, 2017, p. 3).

Esses regulamentos norteiam as competições as quais ocorrem anualmente. Nota-se que um dos objetivos dos jogos, tanto dos JAPA quanto dos JERGS, é promover a educação através do esporte. Já o CERGS tem um caráter mais seletivo, de classificação dos melhores, dos vencedores. Mas, de acordo com Scaglia *et al.* (2006), os *Jogos Escolares Brasileiros* têm um formato centralizador, seletivo, em que aqueles alunos que não possuem aptidão, são excluídos. Portanto, os autores sugerem que as competições educacionais, realizadas em escolas, municípios, regi-

ões, deveriam ocorrer sem a caracterização de etapa de disputa, ou seja, dever-se-ia descentralizar as competições educacionais ao invés de promover competições no formato seletivo, estando elas vinculadas a festas esportivas, jogos, brincadeiras etc.

Com relação ao modelo de competição, tanto os JAPA quanto os JERGS e o CERGS têm um regulamento o qual informa as regras, a arbitragem, as premiações, entre outros elementos. De acordo com os regulamentos, cada modalidade esportiva presente nos jogos é regida pelas regras que estão em vigor nas federações específicas, como se destaca nestes trechos dos Regulamentos (2017): “A competição de Basquetebol dos JERGS será regida pelas regras em vigor na Federação Gaúcha de Basquetebol – FGB e, pelo que dispuser este Regulamento e, pelo que for aprovado em Congresso Técnico” (REGULAMENTO JERGS, 2017, p.19). Para a modalidade de Handebol, o regulamento assim delibera: “Art. 1º - Os jogos serão realizados de acordo com as regras da Confederação Brasileira de Handebol” (REGULAMENTO JAPA, 2017, p.1).

“A Competição de Basquetebol do CERGS 2017 será realizada de acordo com as regras oficiais da FIBA adotadas pela Confederação Brasileira de Basketball (CBB), salvo o estabelecido neste Regulamento” (REGULAMENTO CERGS, 2017, p. 37). Os trechos supracitados revelam que os jogos escolares tendem a seguir um modelo tradicional, semelhante às competições do esporte de alto nível dos adultos. Segundo Costa (2015), nos modelos das competições escolares há uma reprodução das competições esportivas tradicionais, sendo estas idênticas às que acompanhamos nos meios de comunicação.

3.3 AS OLIMPIADAS DO COLÉGIO DE APLICAÇÃO DA UFRGS

Antes de abordar a OCA, percebe-se ser necessário apresentar brevemente o *Colégio de Aplicação da UFRGS*. O CAp/UFRGS iniciou as suas atividades em 1954, com a finalidade de servir de espaço para a realização da prática docente de estagiários dos cursos de licenciatura da UFRGS e de construir um campo de investigação pedagógica para a Faculdade de Filosofia desta Universidade. Ao longo

desses anos, o CAp/UFRGS vem desenvolvendo diferentes propostas pedagógicas, uma delas é a presença de professores especialistas nas disciplinas de Educação Física, Música e Línguas Estrangeiras (Alemão, Francês, Inglês e Espanhol) nas séries iniciais. A escola é responsável pela formação inicial (estágios) e continuada de professores. Além disso, os docentes, que fazem parte de um Departamento de Ensino, realizam planejamentos, pesquisas, extensão, coordenação de atividades relacionadas com o trabalho de classe e dinâmica da vida escolar (COLÉGIO DE APLICAÇÃO DA UFRGS, 2017).

Cabe mencionar também, que o CAp/UFRGS atende alunos das séries iniciais, denominadas Alfas (do primeiro ao quinto ano), os Amoras (sexto e sétimo anos - Amoras I/II), os Pixel (alunos dos oitavo e nono anos - turmas 80 e 90), ensino médio (denominadas, respectivamente, de turmas 100, 200 e 300) e Educação de Jovens e Adultos (EJA). Seu corpo docente é formado por professores efetivos e professores substitutos. Cada docente, das diferentes áreas (Educação Física, Artes, Matemática etc.), fica responsável por uma determinada equipe de trabalho (Alfas, Amoras, Pixel, Ensino Médio e EJA). O CAp/UFRGS também oportuniza a OCA, que faz parte do calendário escolar e é muito esperada pelos estudantes.

As *Olimpíadas do Colégio Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul* (UFRGS) ocorrem há 36 anos. São jogos esportivos organizados e dirigidos pelos professores de Educação Física do colégio, com o apoio da Direção e de Equipes de Trabalho. Os jogos esportivos da OCA são orientados por dois regulamentos, os quais, a cada ano, são reavaliados, primeiramente, pelos professores de Educação Física e, posteriormente, pelas equipes que participam da OCA, o que pode influenciar em mudanças no formato da competição. Portanto, há um regulamento para a Categoria A⁵ (Anexo A) o qual estabelece modalidades e alguns objetivos específicos para essa categoria; e um regulamento para as Categorias B⁶ e C⁷ (Anexo B) onde constam modalidades específicas a essas Categorias respectivamente.

A OCA tem a participação dos alunos das séries finais do ensino fundamental e dos alunos do ensino médio. Ressalta-se que, em momento separado dos estu-

⁵ Alunos dos sexto e sétimo anos do ensino fundamental.

⁶ Alunos dos oitavo e nono anos do ensino fundamental.

⁷ Alunos do ensino médio.

dantes que participam da OCA, ocorre a *Oquinha* - Olimpíadas para os alunos das séries iniciais (REGULAMENTO OCA, 2017ab). De acordo com os regulamentos (2017), a OCA tem alguns objetivos, tais como:

Art. 3 – Aplicar os conhecimentos adquiridos no decorrer do ano letivo no plano individual e coletivo;

Art. 4 - Promover o intercâmbio entre os alunos do CAp, estimulando a prática desportiva dentro dos preceitos da disciplina, cooperação mútua, participação, espírito de equipe e organização;

Art. 5 - Realizar competições esportivas em modalidades compatíveis com a faixa etária dos alunos, em ambos os sexos;

Art. 6 - Congregar, em âmbito sadio e esportivo, alunos, professores, pais e técnicos administrativos, bolsistas e monitores, que de uma ou outra maneira intervenham no evento. (REGULAMENTO OCA, 2017b, p. 1).

Com relação aos objetivos, em ambas as Categorias são basicamente os mesmos. A única exceção é com relação aos Artigos 4 e 5, visto que, na Categoria A, eles se estendem um pouco mais:

Art. 4 - Promover o intercâmbio entre os estudantes do CAp, estimulando-os à prática desportiva dentro dos preceitos da cooperação e da autonomia, a fim de desenvolver habilidades e competências que possibilitem interações sociais pautadas pelo respeito mútuo, pelo espírito de equipe e pela solidariedade.

Art. 5 - Realizar jogos e esportes de caráter competitivo e cooperativo compatíveis com a faixa etária. Oportunizar a coeducação, buscando equidade de oportunidades para os estudantes, problematizando as questões de gênero, a fim de auxiliar no processo de construção de identidade dos estudantes do Projeto Amora. (REGULAMENTO OCA, 2017a, p. 1).

A OCA é regida por uma comissão a qual fica responsável pela organização da mesma. Além desta, há também uma Comissão Organizadora formada pelos professores da Área de Educação Física, presidida por um professor e por um Júri Técnico e Disciplinar (JTD) constituído por 03 membros: um professor da Educação Física, e um suplente da mesma área, um representante da Direção e dois representantes da *Comunidade de Alunos do Colégio de Aplicação (CACA)*, sendo um do ensino fundamental e outro do ensino médio (REGULAMENTO OCA, 2017ab).

Compete à Comissão Organizadora: a) supervisionar a aplicação dos regulamentos nas modalidades em disputa, de acordo com as regras em vigor nas respectivas Federações Esportivas, em tudo o que não contrariar o regulamento da OCA; b) elaborar as programações, fixando datas, horários e locais das competições; c) apreciar e julgar os fatos de caráter técnico; e d) submeter à apreciação do JTD as falhas disciplinares cometidas no decorrer dos jogos por atletas ou qualquer aluno

ligado às competições. Já ao JTD compete: a) reunir-se sempre que solicitado pela Comissão Técnica ou pelos participantes da OCA; b) julgar os protestos existentes no regulamento e regras em vigor, aplicando, em cada caso, as penas que o bom senso exigir, mantendo a ordem e a disciplina (REGULAMENTO OCA, 2017ab).

Antes de dar início aos jogos esportivos, é realizada uma cerimônia de abertura com desfiles e apresentações de dança das equipes participantes. Para cada ocasião, há uma equipe de jurados, avaliando-os, pois há pontuação tanto para o desfile quanto para a dança. É importante destacar que, para ambas as situações, as equipes devem seguir algumas normas, dentre elas destaca-se a de que as apresentações devem ser realizadas por grupos de no mínimo 4 e no máximo 10 participantes, compostos por membros da mesma equipe, podendo ser incluído, como membro da equipe, um professor(a) (ou, no caso da Categoria C, outro adulto - responsáveis ou ex-alunos - inscrito). Além disso, as apresentações são realizadas em ordem de sorteio, separadas por categoria. Os estilos de dança são livres e a coreografia precisa ser inédita. São vetadas coreografias que façam apologia às drogas, à intolerância religiosa, ao racismo e à violência, bem como o uso de vestimentas obscenas e/ou indecorosas. Por fim, durante a apresentação, há um jurado responsável pela avaliação das equipes segundo os critérios pré-estabelecidos pela Comissão Organizadora (REGULAMENTO OCA, 2017ab). Portanto, na abertura da OCA, constam os seguintes momentos:

- a) Desfile dos participantes: neste item, são pontuados os seguintes quesitos: participação: 30 pontos (cada equipe deve entrar com, no mínimo, 15 atletas, sendo que a cada atleta adicional ganha um ponto, mas cada equipe pode ter, no máximo, 25 atletas. Cada equipe deve fazer uma pausa em frente aos jurados para essa contagem); apresentação (uniforme e alegorias): 30 pontos; e organização (disciplina - antes, durante e após o seu desfile): 40 pontos;
- b) Hasteamento da Bandeira, Hino Nacional e do Rio Grande do Sul;
- c) Juramento do atleta;
- d) Abertura dos Jogos;
- e) Apresentações das coreografias da modalidade de dança. (REGULAMENTO OCA, 2017ab).

A Olimpíada é disputada em três Categorias (A, B e C) nos naipes masculino e feminino ou equipes mistas, conforme ilustra o Quadro 1:

Quadro 1 - Categorias e suas respectivas turmas

Categoria A	Categoria B	Categoria C	Categoria D ⁸
Amora IA, IB e Amora II. Divididas em três equipes: A, B e C	Turmas 81, 82, 91 e 92	Turmas 101, 102, 103, 201, 202 e 301, 302	Alunos da EJA – ensino fundamental e médio
Turmas dos sexto e sétimo anos	Turmas dos oitavo e nono anos	Turmas do ensino médio	
Competição ocorre entre eles	Competição ocorre entre eles	Competição ocorre entre eles	Competição ocorre entre eles

Fonte: Regulamento OCA, 2017ab.

Com relação às modalidades, elas são organizadas de acordo com a categoria como está apresentado no Quadro 2:

Quadro 2 - Modalidades esportivas

MODALIDADES	
Categoria A ⁹ Dança mista Voleibol misto Handebol feminino e masculino Futebol 7 feminino e masculino Basquetebol misto Dodgeball misto ¹⁰ Tênis de Mesa misto Xadrez Misto Atletismo Masculino e Feminino (a exceção do revezamento que é misto) Softball misto ¹¹ Jogos cooperativos, tradicionais e populares mistos.	Categoria B e Categoria C ¹² Dança Bocha Adaptada Mista (somente para a categoria C) Voleibol Masculino e Feminino Handebol Masculino e Feminino Futebol 7 Masculino Futsal Feminino Basquetebol Masculino e Feminino Dodgeball Masculino e Feminino Tênis de Mesa Masculino e Feminino Xadrez Misto Atletismo Masculino e Feminino

Fonte: Regulamento OCA, 2017ab.

Quanto à premiação, esta varia de acordo com a modalidade, se individual ou coletiva. Na modalidade coletiva, o prêmio é reservado ao primeiro e ao segundo lugar, respectivamente, com exceção do Xadrez. Já na modalidade individual, o atletismo, os prêmios contemplam do primeiro ao terceiro lugar.

⁸ As modalidades na Categoria D são definidas em regulamentos próprios. E a competição não ocorre no mesmo período das demais categorias.

⁹ As modalidades na Categoria A são definidas em um regulamento próprio.

¹⁰ O jogo de Dodgeball é parecido com o caçador. Ele é disputado nos limites de uma quadra de vôlei, e formado por até 10 (dez) jogadores. A equipe que estiver com superioridade numérica (menos jogadores eliminados), será a vencedora. No regulamento da OCA, em anexo, consta as informações mais detalhadas sobre o Dodgeball.

¹¹ O jogo de Softball é parecido com o jogo do beisebol. A equipe é composta de 8 jogadores e 2 reservas. O objetivo do jogo é marcar o maior número de pontos para a sua equipe rebatendo e correndo pelas bases 1, 2, 3 e 4 dispostas por meio de bambolês a 9 metros de distância um do outro no campo de futebol. No regulamento da OCA, em anexo, consta as informações mais detalhadas sobre o Softball.

¹² As modalidades nas Categorias B e C são definidas em um regulamento próprio.

Quadro 3 - Premiação aos atletas classificados em cada modalidade, por categoria

Premiação	Modalidades
10 medalhas de ouro e 10 medalhas de prata	Dança, Voleibol, Handebol, Basquetebol, Dodgeball Masculino e Feminino; Futebol 7 Masculino, Futsal Feminino.
1 medalha de ouro e 1 medalha de prata; 1 medalha de ouro, 1 medalha de prata e 1 medalha de bronze Exceção à categoria A - 32 medalhas de honra ao mérito para todos os participantes (Jogos cooperativos, jogos tradicionais e populares).	Tênis de Mesa Masculino e Feminino, e Xadrez Misto Atletismo Masculino e Feminino.

Fonte: Regulamento OCA, 2017ab.

Para participar da competição, todas as equipes realizam uma inscrição e pagam uma quantia de R\$ 130,00 (cento e trinta reais) aos professores de Educação Física. Nos esportes coletivos, cada turma pode inscrever, no máximo, 01 (uma) equipe em cada modalidade esportiva. Cada equipe, para participar da OCA, pode inserir, no seu grupo, um atleta¹³ do CAp/UFRGS; um ex-aluno¹⁴; um adulto, o qual pode ser um professor, ou um funcionário da escola; um familiar. Já na modalidade Tênis de Mesa, cada turma pode inscrever 02 atletas¹⁵ por naipe, sendo as inscrições dos atletas feitas somente no dia da modalidade, junto aos árbitros de mesa. Na modalidade de Xadrez, cada turma pode inscrever 02 atletas, independente do naipe, sendo as inscrições feitas somente no dia da modalidade, junto aos árbitros de mesa. Na Categoria A, é permitida a inscrição de 1 (um) professor ou familiar, ou técnico-administrativo ou bolsista ou estagiário UFRGS (do CAp) somente para dança, Softball, jogos cooperativos, tradicionais e populares. Esses podem participar como jogador(a) para uma equipe apenas. Já nas Categorias B e C, é permitida a inscrição de 02 (dois) professores ou técnico-administrativos ou bolsistas ou estagiários UFRGS (do CAp) para o naipe masculino e 02 (duas) professoras ou técnicas-administrativas ou bolsistas ou estagiárias UFRGS (do CAp) para o naipe feminino

¹³ Trata-se dos alunos que realizam treinamentos nas equipes da escola e que participam de competições fora de escola.

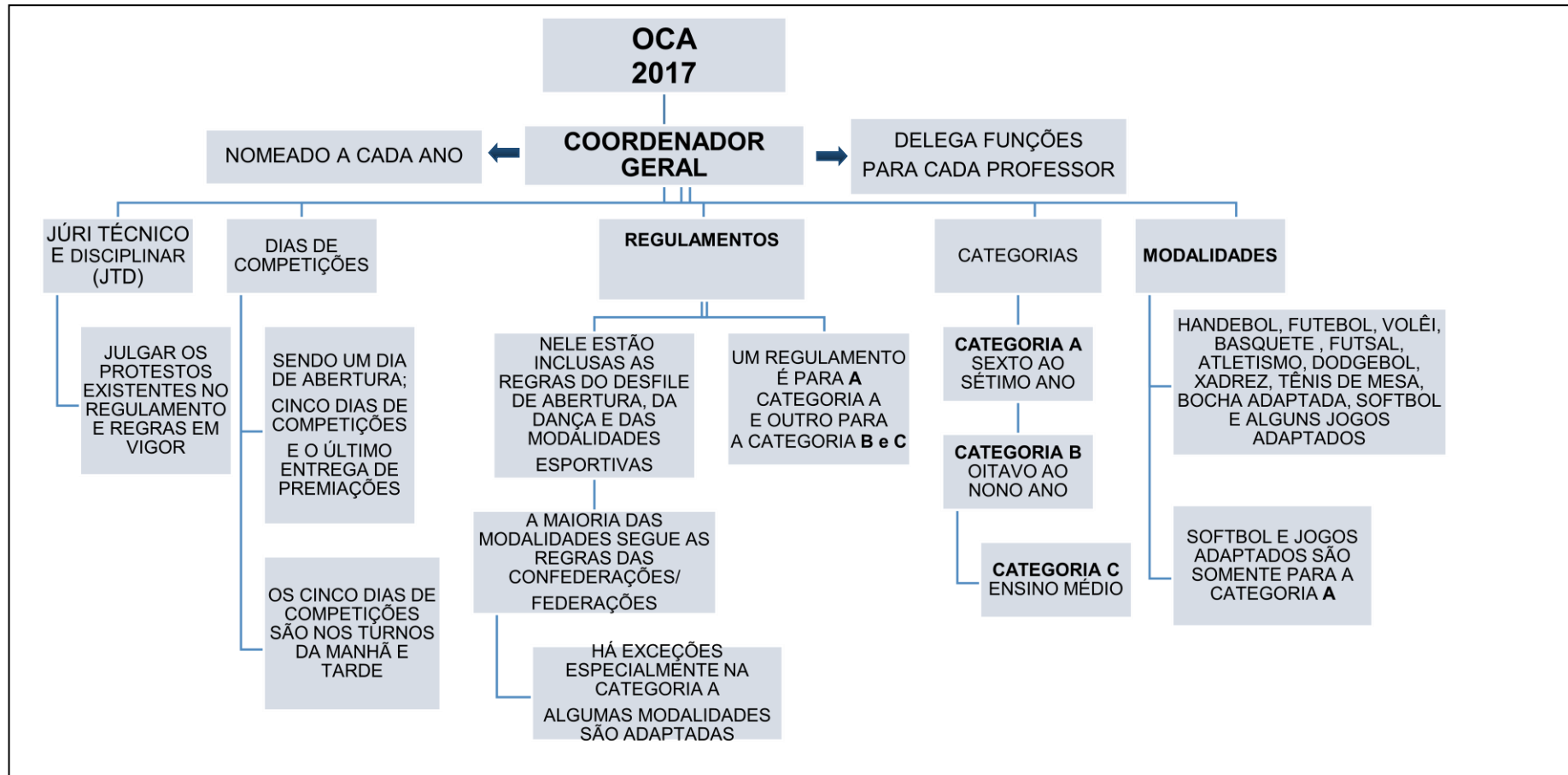
¹⁴ Criança/Jovem que estudou no CAp.

¹⁵ No regulamento, é utilizada a palavra "atleta" para se referir aos alunos, ou aos convidados que irão participar das competições, mas não significa que sejam profissionais.

por equipe. Esses podem participar como jogadores(as) de qualquer modalidade coletiva. Contudo, não poderão estar inscritos(as) em outra equipe.

Ainda sobre a Categoria C, é permitida também a inscrição de dois ex-alunos, duas ex-alunas, dois pais e/ou responsáveis masculino e duas mães e/ou responsáveis feminino. Também é permitida a inclusão de um atleta do sexo oposto nas modalidades de: basquetebol, handebol, voleibol, futsal e futebol. As restrições a esta permissão ficam explícitas nos regulamentos específicos de cada modalidade (REGULAMENTO OCA, 2017ab).

Quadro 4 – Organograma OCA



Fonte: Regulamento OCA, 2017 ab

4. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Este capítulo apresenta os resultados obtidos por meio das entrevistas, da análise dos documentos e da revisão bibliográfica. As informações foram interpretadas e dispostas em quatro categorias, a saber: a) Organização/Estruturação da OCA; b) Participação/Envolvimento dos alunos na OCA; c) Modelo de competição da OCA; d) Percepção dos professores do CAp sobre a competição esportiva escolar.

4.1 ORGANIZAÇÃO/ESTRUTURAÇÃO DA OCA

De acordo com a maioria dos entrevistados, a organização da OCA é realizada pelos professores de Educação Física do *Colégio de Aplicação*, sendo que, a cada ano, antes da edição do evento, é eleito um coordenador, o qual delega tarefas e estabelece funções a serem desempenhadas pelos professores, tais como: responsável pela dança, contratação de árbitros, organização do calendário dos jogos entre outras. Conforme os regulamentos da OCA, essas informações estão destacadas no Artigo 8, o qual aponta que a “[..] Comissão Organizadora será formada pelos professores da Área de Educação Física, presidida pelo Professor João Vicente Silva Souza” (REGULAMENTO OCA, 2017ab).

Essa organização, geralmente, ocorre dois a três meses antes das competições. Nessa estruturação, há uma fase mais coletiva e outra mais individual: a coletiva é composta pelas reuniões da área junto com o coordenador, e a individual envolve a organização, por parte de cada professor, daquilo que é de sua responsabilidade. A OCA é planejada para ocorrer em um período de uma semana, e está inserida a cada ano no calendário escolar. De acordo com a fala do professor **C**, esse formato é recente:

[...] acho que uns cinco anos pra cá a gente conseguiu uma conquista de parar uma semana inteira, antigamente não era assim [...].

Cabe também destacar que alguns professores, **A**, **B**, **C** e **E**, apontaram que a OCA tem objetivos e um deles consiste em avaliar os alunos, verificar se eles aprenderam o que foi desenvolvido nas aulas de Educação Física, ou seja, a OCA é uma

forma de avaliar os alunos. Esses relatos vão ao encontro dos regulamentos da OCA, onde está descrito, no Artigo 1º, que um dos objetivos consiste em "Aplicar os conhecimentos adquiridos no decorrer do ano letivo no plano individual e coletivo" (REGULAMENTO OCA, 2017ab).

Assim como na maioria das competições vigentes, tanto escolar quanto não escolar, há um regulamento que norteia a OCA. A partir das falas dos professores, foi possível verificar que há mudanças a cada ano nesse regulamento, mas essas mudanças não são muito significativas, tendo em vista que tais modificações, às vezes, dizem respeito a aspectos como: introdução ou exclusão de modalidades esportivas; mudança na participação; atendimento das demandas dos alunos; correção de falhas etc. (Professores **B**, **C** e **E**). Ressaltaram ainda que essas modificações são dinâmicas, pois nada é estabelecido sem a consulta e conversa com os representantes das turmas. Quando não há consenso entre os alunos, é a área da Educação Física que decide alterar, ou não, o regulamento, bem como o que alterar. Portanto, em cada situação nova, que surge em cada edição da OCA, a área da Educação Física, junto com os alunos, tenta resolvê-la visando atender a demanda dos alunos na OCA.

É importante destacar que há dois regulamentos na OCA. Um regulamento para a Categoria A¹⁶ e outro para a Categoria B¹⁷ e para Categoria C¹⁸. O regulamento da Categoria A é diferenciado e aplicado exclusivamente para esta Categoria, conforme a fala do Professor **E**:

[...] esse ano eu introduzi jogos cooperativos [...] esse ano mudou alguns pontos do regulamento [...].

Já o regulamento para as Categorias B e C segue um padrão mais tradicional. Ao analisar os regulamentos, é possível verificar que existem algumas diferenças entre eles, especificamente, no que tange a certos aspectos dos objetivos da Categoria A. Além de constar os mesmos objetivos das Categorias B e C, foram acrescentados outros elementos, tais como: a problematização das questões de gênero; a igualdade de oportunidade aos estudantes; além da oferta, também, de jogos competitivos cooperativos (REGULAMENTO OCA, 2017a).

¹⁶ Alunos dos sexto e sétimo anos do ensino fundamental.

¹⁷ Alunos dos oitavo e nono anos do ensino fundamental.

¹⁸ Alunos do ensino médio.

Percebeu-se que a organização da OCA demanda bastante tempo dos professores de Educação Física. Essa organização baseia-se em dois regulamentos que norteiam a competição, um mais adaptado e outro voltado para uma competição mais tradicional, formal. Diante disso, alguns autores sugerem que, além de os professores se envolverem na organização, os alunos, e a própria comunidade, também devem fazer parte dessa construção. Tal questão se assemelha ao que destacam Scaglia *et al.* (2006) quando apontam que, nas competições escolares, geralmente não há uma integração da comunidade e a organização passa a ser realizada em um local restrito, fechado. Nascimento (1994) corrobora com Scaglia, Medeiros e Sadi (2006), visto que também recomenda que os alunos se envolvam na organização da atividade, assim como na discussão do referencial teórico, organização, realização, arbitragem, participação nas atividades e avaliação. Portanto, o envolvimento dos alunos deve perpassar a prática nos jogos escolares, ou seja, incentivá-los a participarem também na organização de todos os momentos, desde os períodos que antecedem ou até mesmo posteriori o evento.

Já Reverdito *et al.* (2008) citam três aspectos importantes para se pensar a organização das competições esportivas. O primeiro é a análise dos critérios especificados para preparar o evento, o segundo diz respeito às intenções educativas e o último, à proposta metodológica. Soratto (2012) destaca, também, que, ao organizar uma competição, o objetivo principal é que ela seja um meio para educação, visando a desenvolver o companheirismo, a solidariedade, a amizade e o comprometimento, bem como o conhecimento em gerenciar situações de interesses individuais e coletivos, ou seja, valores sociais.

No que diz respeito às alterações que, eventualmente, ocorrem no regulamento, uma delas foi relatada pelo Professor **C**: ela ocorreu no ano de 2017 e envolveu uma situação em que as turmas do ensino médio (Categoria C) alegaram insuficiência de participantes para a OCA, sendo assim, reivindicaram uma junção de turmas. Diante desse argumento acompanhado por sugestão, houve reuniões e conversas entre os professores e os representantes das turmas visando a encontrar uma solução para o problema. Conforme a fala do Professor **A**:

[...] nós resolvemos depois de muita conversa [...], nenhuma turma achou ruim a solução que a gente propôs de poder ter como reserva mais que um pai, uma mãe, dois pais, duas mães por equipe [...].

Nota-se nesse caso que houve um diálogo entre os professores e os alunos, e que na medida do possível os alunos participam na organização da OCA. E conforme os autores citados anteriormente, a participação dos alunos na organização, além de estabelecer uma relação mais próxima entre professor e aluno, os torna mais críticos, mais envolvidos no evento. Esse envolvimento dos alunos é denominado por Reverdito *et al.* (2008) de coparticipação, sendo que, quando os estudantes participam ativamente de todo o processo do evento, isso os torna mais responsáveis não somente na construção, mas também na integração, favorecendo o comprometimento e a gestão dos interesses individuais e coletivos.

Com relação às modalidades esportivas da OCA, de acordo com os relatos dos professores, elas são estruturadas de acordo com cada Categoria. Por exemplo, na Categoria A, o professor tem mais autonomia para inserir ou retirar modalidades, visto que ele observa o que deu certo durante as aulas de Educação Física para dar sequência na OCA. Além de incluir os esportes tradicionais, os professores de Educação Física responsáveis por esses alunos elaboram modalidades adequadas para a faixa etária, sendo algumas delas mistas (jogos tradicionais e jogos cooperativos). Nesse contexto, Choi, Johnson e Kim (2014) destacam que a combinação de jogos cooperativos e competitivos é uma opção viável que deve ser utilizada sempre que possível uma vez que os jogos cooperativos são excelentes para o desenvolvimento físico, psicossocial e cognitivo das crianças.

Conforme o regulamento, é possível observar que, ao inserir os jogos cooperativos e tradicionais, há uma preocupação de trabalhar com as crianças as questões do respeito, da honestidade e a cooperação (REGULAMENTO OCA, 2017a). Assim como na fala da maioria dos professores e no que se observa no regulamento da Categoria A, percebe-se que há uma maior adaptação das modalidades (REGULAMENTO OCA, 2017a). Porém, o regramento básico segue o das federações e a arbitragem é mais pedagógica.

Nesse contexto, há uma fala de um professor que não concorda muito com as adaptações estabelecidas nessa Categoria. O Professor **B** relata que:

[...] na categoria A, por exemplo, da sexta e sétima série, tem algumas coisas adaptadas [...], mas tem algumas coisas inventadas assim, não sei. Não concordo com isso, mas enfim [...].

Já nas Categorias B e C, além dos esportes tradicionais (basquete, vôlei, handebol, futebol, futsal), há o dodgebal, todos separados por gênero, exceto o re-

vezamento 4X100, o xadrez e o tênis de mesa. Com relação à bocha adaptada mista, é incluída somente na Categoria C, pois há um aluno cadeirante.

De acordo com o panorama apresentado, é válido afirmar que há modalidades mais hegemônicas para as Categorias B e C. Já na Categoria A, além das hegemônicas, os professores têm mais autonomia de elaborarem outras modalidades visando adequá-las de acordo com a faixa etária. Essas modificações na Categoria A vão ao encontro das ideias de Marques (1997) que salienta que se deve permitir às crianças e aos jovens participarem de competições de acordo com as capacidades e interesses delas/deles. Já Montagner (2015) aponta que, ao organizar as categorias, não é necessário ter como base somente disputas pela idade cronológica, visto que a criança tem um ritmo de desenvolvimento e crescimento diferenciado não só em relação à sua maturação, mas, também, aos seus conhecimentos de jogo. Portanto, é possível sugerir que as crianças possam participar de Categorias diferentes daquelas estabelecidas para a sua faixa etária.

Quando questionados sobre como ocorriam as escolhas das modalidades esportivas da OCA, os entrevistados destacaram que elas são determinadas pelo interesse dos professores e dos alunos. Por exemplo, o dodgebol e a dança entraram na OCA em função das demandas dos alunos. Já o handebol, o futebol, o voleibol e o basquetebol, esportes hegemônicos, são difíceis de retirar, pois fazem parte de uma tradição e são ofertados nas aulas de Educação Física. Nas edições mais antigas da OCA, havia apenas os esportes hegemônicos, além do atletismo e do xadrez, ou seja, ao longo do tempo outras modalidades foram sendo acrescentadas.

Nas alocações dos entrevistados, surgiram também algumas críticas com relação às modalidades, especialmente no tocante à inserção de alguns esportes não tradicionais, como o dodgebol e o softbol, pois os veem como “não esportes” (Professor **B**). Embora ocorra a participação de professores e alunos na definição das modalidades esportivas disputadas na OCA, a maioria dos entrevistados disse que gostaria de modificar algo com relação às modalidades esportivas (Professores **B**, **C** e **E**). O entrevistado **D** apontou que acabaria com as divisões das equipes por gênero, faria só misto. O Professor **B** expôs que a participação de menina em uma equipe masculina e vice-versa (na Categoria C) deveria ser reestruturada, visto que, em alguns esportes, observou algumas disparidades. Além disso, ressaltou que tiraria o dodgebal, o softbal e o xadrez, e deixaria apenas os esportes tradicionais inclusive

na Categoria A. O Professor **E** destacou que, para a próxima OCA, vai tentar elaborar uma modalidade para inserir uma aluna com Asperger. E, por fim, o Professor **C** apontou que, talvez, faria somente a inserção de modalidades.

Conforme os relatos, a maioria destacou que gostaria de modificar algo com relação às modalidades. Cada sugestão foi pontual: enquanto um gostaria de mudar o formato; outra pensou na inclusão de aluno; outra, na exclusão de modalidades; e, por fim, outra, se pudesse modificar, seria a inserção de modalidades. Nota-se que a maioria dos professores, se pudessem, até modificariam algo, mas, talvez, haja certo temor em tentar colocar em prática tais mudanças, tendo em vista que a OCA é um evento tradicional, com uma longa história dentro da escola.

Quando os entrevistados foram indagados sobre as modalidades esportivas estarem de acordo com o estágio de desenvolvimento dos participantes, todos foram unânimes na resposta, concordando que elas estão de acordo. Um exemplo para ilustrar foi o de que, na *Oquinha* (Olimpíadas para os alunos das séries iniciais), há o lançamento de pelota e, na OCA, passa a ser o lançamento de peso. Portanto, há uma evolução conforme o desenvolvimento da criança. De outro modo, foi destacado que, no ensino fundamental, nas Categorias A e B, as modalidades esportivas poderiam ser mais adaptadas, especialmente o voleibol e o basquete. As falas vão ao encontro do que consta nos regulamentos da Categoria A e das Categorias B e C em um dos objetivos da OCA, a saber:

Art. 5 - Realizar jogos e esportes de caráter competitivo e cooperativo compatíveis com a faixa etária. Oportunizar a coeducação, buscando equidade de oportunidades para os estudantes, problematizando as questões de gênero, a fim de auxiliar no processo de construção de identidade dos estudantes do Projeto Amora. (REGULAMENTO OCA, 2017a, p. 1).

Art. 5 - Realizar competições esportivas em modalidades compatíveis com a faixa etária dos alunos, em ambos os sexos. (REGULAMENTO OCA, 2017b, p. 1).

Diante do que foi exposto, percebe-se que a OCA é um evento no qual os professores de Educação Física são os responsáveis pela promoção na escola, variando as modalidades ofertadas de acordo com a Categoria. Apesar da maioria dos professores terem destacado que fariam mudanças em algumas modalidades, os elementos tradicionais ainda predominam ao organizarem a *Olimpíada*.

4.2 ENVOLVIMENTO/ PARTICIPAÇÃO DOS ALUNOS NA OCA

De acordo com a maioria dos professores, não há critérios para a participação dos alunos na OCA. Todos os alunos do ensino fundamental (do sexto ao nono ano) e do ensino médio são convidados a participarem. A decisão de participar, ou não, parte dos alunos, e eles têm autonomia para montar as equipes. A única restrição à participação, apontada por alguns professores, é se o aluno tem dispensa médica ou está suspenso pela direção (Professores **A**, **B**, **C** e **D**).

Além disso, como a OCA faz parte do currículo da Educação Física, há uma exigência de 75% de presença que diz respeito a todas as disciplinas igualmente, ou seja, existe uma condição estabelecida para que haja a presença dos alunos no evento. Todavia, de acordo com as falas de alguns professores, na prática, as consequências da ausência não são cumpridas (Professores **C** e **D**). Oliveira *et al.* (2013), considerando as *Olimpíadas do Colégio Aplicação do Rio de Janeiro*, que existe há mais de 40 anos, destacam que elas possuem algumas regras para que os alunos possam participar da competição, tais como: a) autorização dos pais; b) o aluno não pode ser repetente; c) não pode ter uma ficha de indisciplina; d) participação dele nas aulas de Educação Física.

Ainda com relação à participação dos alunos na OCA, o Professor **E** destaca:

[...] na categoria A, a grande maioria participa muito. [...] no ensino médio existe uma participação efetiva daqueles que realmente gostam do esporte [...].

E o Professor **D** reitera e complementa:

[...] alguns alunos não gostam de praticar esporte e esses acabam vindo só para torcer e não se envolvendo com os jogos. Isso ocorre mais nos anos finais do ensino fundamental e no médio.

Em conformidade com as falas dos professores **A**, **B** e **C**, a OCA é um evento de que os alunos não são obrigados a participar e que faz parte do currículo da Educação Física. Aqueles que participam são os que realmente gostam do esporte. Neste contexto, Reverdito *et al.* (2008) julgam importante que o evento, que ocorre dentro da escola, esteja integrado ao projeto político pedagógico, destacando a sua responsabilidade na educação dos alunos. Já os que não participam, alguns fazem outras tarefas relacionadas à equipe ou se envolvem na torcida, na dança; outros acabam ficando em casa, ou simplesmente vão até a escola para marcar presença na

chamada e retornam para suas casas. Um fato que vem preocupando os professores é a redução do número de participações na OCA, como evidenciado na fala do Professor **C**:

[...] são seiscentos e pouco alunos. A gente teve uma participação de duzentos e poucos, na última OCA que eu participei (em 2016) [...] então quer dizer que [...] quase trinta e três, trinta e cinco por cento. É muito pouco.

Enquanto alguns professores destacaram que isso está relacionado com a não afinidade com a competição, com o esporte, outros destacaram que os mesmos que não participam das aulas de Educação Física, conseqüentemente, também não participam da OCA. Há relatos segundo os quais a participação dos alunos não vem diminuindo apenas na OCA, mas também nas aulas de Educação Física. Nesse cenário, o Professor **C** destacou que, há alguns anos, havia um critério para participar da OCA. Os alunos participavam em um número limite de modalidades (duas modalidades coletivas, no atletismo era livre). Com esse critério, havia um número maior de participantes, mas devido ao desinteresse de alguns alunos em participar na OCA, bem como da demanda por parte de alunos solicitando que se retirasse esse critério, ele foi retirado. Conseqüentemente, o que passou a ocorrer foi a participação dos mesmos alunos em todas as modalidades.

Diante desse panorama, no ano de 2016 foi realizado um questionário para reavaliar a OCA e, de acordo com o Professor **D**, foi constatado que:

[...] eles [os estudantes] disseram que eles não gostam, e que não participam porque não estão a fim de fazer uma atividade física, que não estão a fim de participar [...].

Pensando em novos mecanismos visando a atingir esses alunos que não participam na OCA, alguns professores de Educação Física cogitaram novas estratégias para o ano de 2017, porém, ainda não conseguiram colocar em prática. Uma das sugestões que alguns professores elencaram, para envolver esses alunos que não participam, seria a realização de gincanas, tais como gincana da matemática, gincana de arrecadação de alimentos, jogos de vídeo games, entre outros. Além disso, poder-se-ia desenvolver atividades como uma semana cultural para que os alunos que não participam possam realizar algo (Professores **A**, **C** e **E**).

Nesse mesmo contexto, há um apontamento de que, se há adaptações (modificando regra, modificando espaço, modificando tempo) nas modalidades, elas podem favorecer a participação de todos os alunos. Além de pensarem em modifica-

ções, os professores de Educação Física pediram ajuda de professores de outras áreas para pensarem em atividades mais diversificadas, mais intelectivas (Professor **C**). No entanto, não se obteve retorno. Levando em consideração um tal contexto, conforme argumentado por Ferreira (2000), para privilegiar o coletivo e provavelmente aumentar o número de participantes, seria indicado que, ao dividir as equipes, isso fosse feito por meio do critério de bandeiras. Dessa forma, cada equipe teria alunos de todas as séries e turmas da escola. Outra sugestão envolve modificar a contagem dos pontos: para os esportes individuais, no resultado final, realizar a soma de todos os integrantes da equipe, e dos jogos nos esportes coletivos.

Segundo o relato de alguns professores, é interessante observar que, à medida que vão mudando de uma Categoria para outra, as crianças e os jovens perdem o interesse em participar tanto da OCA quanto das aulas de Educação Física (Professores **B** e **E**). Ao se referir à questão da participação de crianças e jovens em competição, Ferraz (2002) aponta dois fatores importantes que devem ser considerados: 1) a prontidão, ou seja, se eles apresentam as competências necessárias para se envolverem em novas experiências, em situações mais complexas; e 2) o período ótimo de aprendizagem que implica identificar, durante a fase de desenvolvimento da criança, o período para promover novas aprendizagens.

Marques (1997) aponta que, na fase inicial da formação, ao promover a competição, os organizadores, os responsáveis devem ter cuidado com relação à idade e à participação na competição adequada, pois, nessa etapa, o cuidado com essa participação precisa ser priorizado. Ferreira (2000) ressalta que a busca exacerbada pela vitória na competição pode gerar um distanciamento da participação da atividade física, das aulas de Educação Física, especialmente por parte daqueles alunos que não conseguem obter os resultados esperados.

Quando os professores foram questionados se achavam importante a participação dos alunos na OCA, surgiram diferentes concepções, mas a maioria considerava importante (Professores **A**, **B**, **C** e **D**). Dos cinco entrevistados, o Professor **A** destacou:

[..] eu não vejo o porquê do aluno que não tem afinidade com isso seja obrigado a participar [...] tem alunos que vão ali para levar água para os colegas, que vão ali para torcer [...], são mecanismos de solidariedade, [...] espírito de grupo [...] eu não vejo sentido de forçar o envolvimento de todos [...].

Outro ponto destacado pelos professores foi o de que a participação dos alunos na OCA promove a socialização, a integração, o desenvolvimento moral, da ética e das relações interpessoais, a formação de valores, a resolução de problema, o respeito ao opositor e o trabalho em grupo (Professores **A**, **B**, **C** e **E**). Assim como destacado na fala de alguns professores, nos trechos a seguir:

[...] é um evento que é atípico, que tira o aluno da sala de aula, que trabalha com outros valores [...] resoluções de problemas, questão do respeito [...]. (Professor **C**)

[...] eu considero importante [...] mas a gente não pode obrigar [...] Pra a socialização deles também, pra integração isso é bem importante [...]. (Professor **B**)

Em conformidade com as falas citadas, é válido afirmar que a adesão dos alunos na OCA é considerada importante pela maioria dos professores. Sobre tal opinião dos docentes, destaca-se o que Milanski e Silva (2013) apontam: a participação de crianças e jovens em competição é um assunto que acende muita discussão devido a influências e reflexos que ela pode gerar tanto na formação física quanto emocional e afetiva dos participantes. Na competição esportiva, independente da Categoria, o objetivo principal é vencer o adversário e, dependendo da maneira como ela for trabalhada, é difícil formular um juízo de valores. Os autores também salientam que, embora haja a competição nos eventos esportivos, isso não impossibilita os participantes de socializarem e de realizarem novas amizades, ou seja, a competição, o evento esportivo pode oportunizar um ambiente em que pode haver integração e novas relações.

O tópico abordado foi a participação dos alunos na OCA. Diante das concepções apresentadas tanto pelos professores quanto pelos autores citados ao longo da categoria, a participação das crianças e dos jovens é importante, mas deve-se ter cautela, visto que não é simplesmente a participação que é discutida, mas como ela acontece e o que se deve levar em consideração. Diante disso, uma das preocupações levantadas por alguns professores foi de que, a cada ano, vem reduzindo o número de participantes na OCA. A dúvida que emerge é: será que esse panorama tem relação com o modelo de competição vigente no evento?

4.3 MODELO DE COMPETIÇÃO DA OCA

A maioria dos entrevistados destacou que na OCA o modelo das competições é pautado pelas regras oficiais de cada modalidade, um modelo adulto, conforme destacado nas falas dos professores:

[...] eu acho que o regulamento da OCA segue os padrões do contexto esportivo de federações [...] está mais perto de uma competição de federações ou de campeonatos regionais [...]. (Professor **E**)

[...] a gente usa ainda um modelo das competições oficiais e do modelo adulto [...] a rede ainda é colocada numa altura oficial, a quadra ainda é num espaço oficial, não é num espaço adaptado [...]. (Professor **C**)

[...] a gente segue as regras oficiais. Alguma mudança a gente faz para as equipes da categoria A [...] a gente traz juizes de fora para fazer a arbitragem, principalmente dos jogos da categoria C. (Professor **B**)

[...] o modelo da OCA reproduz o modelo da sociedade atual, a competitividade [...]. (Professor **D**)

Constata-se que a maioria dos professores aponta que o modelo de competição vigente no âmbito escolar é o de adulto. Em vista disso, alguns autores, como Scaglia e Gomes (2005), afirmam que esse modelo é comum nesse ambiente. Segundo eles, os regulamentos propostos nos jogos estudantis apresentam modelos e características de competições de adultos: as regras utilizadas são as mesmas das federações; as competições são classificatórias e seguem as regras oficiais dos esportes; utilizam os mesmos espaços físicos, punições e premiações.

Diante disso, Reverdito *et al.* (2008) apontam dúvidas quanto à função pedagógica do esporte na escola, visto que, geralmente, o modelo de competição reproduzido é associado à visão do adulto. Destacam, também, que é raro esses eventos estarem inseridos no projeto político pedagógico da escola. Ademais, discordam dos argumentos que defendem a ideia segundo a qual esse modelo é apropriado às crianças e aos jovens. Já Ferreira (2000) faz uma crítica ao formato das competições, pois, geralmente, estas seguem as regras oficiais, sem adaptação e com ênfase no ganhador. De igual forma, Marques (2004) destaca que, nos modelos atuais, há uma prioridade pelos resultados, o que é considerado por ele como algo ruim para a formação. No entanto, frisa que a competição não é ruim para a formação e educação das crianças e dos jovens, desde que utilizada adequadamente.

Assim como na fala dos professores destacadas anteriormente, é possível conferir que, nos regulamentos da OCA, também há indícios de um formato de competição de adulto, conforme descrito no Artigo 9: “Compete à Comissão Organizadora: Supervisionar a aplicação dos regulamentos nas modalidades em disputa, de

acordo com as regras em vigor nas respectivas Federações Esportivas, em tudo o que não contrariar este regulamento” dentre outros etc. (REGULAMENTO OCA, 2017 ab). Os achados advindos desta pesquisa vão ao encontro dos de Juchem (2015) em seu estudo sobre os jogos escolares de Petrolina. A esse respeito, adverte o autor que tais jogos são semelhantes ao modelo de competição de adultos, ou seja, a equipe que perde é eliminada.

Apesar de a maioria dos professores entrevistados apontar que o modelo da OCA é pautado pelas regras oficiais, é importante destacar que nem tudo segue tal qual o modelo oficial, visto que o tempo dos jogos é menor do que o daqueles estruturados desde as regras de federação. Ademais, algumas provas do atletismo são adaptadas, como é caso do basquetebol e do voleibol, modalidades nas quais a partida pode iniciar mesmo com a equipe incompleta. Quanto às Categorias presentes na OCA, das três, a Categoria A é aquela em que mais são propostas modificações e adaptações para que o esporte ocorra dentro das possibilidades do grupo de alunos e de sua faixa etária. Nessa Categoria, em algumas modalidades, os próprios professores de Educação Física realizam a arbitragem, especialmente nas modalidades do softbal e dodgebol, que são jogos adaptados e têm uma arbitragem diferenciada.

Portanto, na Categoria A, algumas regras não são tão exigidas, e outras, mais adaptadas. À vista disso, fazendo coro com Marques (2004), lembramos que o autor considera importante que haja mudanças no modelo de competição, defendendo um modelo adequado às possibilidades das crianças e dos jovens e com elas coerente. Nesse sentido, é importante modificar a estrutura, os regulamentos, e adequar às práticas visando a promover a formação e a participação de crianças e jovens. Da mesma maneira, Scaglia e Gomes (2005) apontam que, ao organizar uma competição estudantil, é preciso transformar teorias em práticas e pensamentos em metodologias, realizando as adaptações das regras que se fizerem oportunas e adequadas. E que a principal preocupação dos organizadores precisa ser com a criação de um ambiente educacional.

Já nas Categorias B e C, há um maior rigor na cobrança das regras, tendo em vista árbitros externos, conforme fala do Professor **C**:

[...] na categoria C se não tem um árbitro de fora, talvez daria muita divergência, conflito, brigas [...].

Ademais, na Categoria C, no ano de 2017, foi possível incluir uma pessoa do sexo oposto (aluno, ex-aluno, pais) para completar as equipes. Em ambas as categorias, há uma maior restrição ao regramento e à arbitragem de competições; porém, na Categoria B, há uma maior flexibilização na arbitragem. Importante destacar que, na arbitragem, os organizadores tentam contratar árbitros que possam arbitrar de uma maneira mais pedagógica.

Com relação à arbitragem, Paes (2006) afirma que a atuação do árbitro deve ser pedagógica, isto é, além de penalizar, ele deve explicar quais foram as razões pelas quais houve a punição. Já Montagner (2015) salienta que se deve ensinar os alunos que os árbitros não interferem no resultado do jogo; eles apenas fazem com que as regras sejam cumpridas. Ademais, é importante que os árbitros reflitam sobre a atuação. Marques (1997) aponta que, na fase inicial da formação, a oferta de competições deverá ser em função da idade e de limites locais ou regionais. O sistema de competição deve ser organizado visando que a maioria atinja o sucesso.

Quanto ao sistema de classificação das equipes, esta ocorre da seguinte forma: tanto na Categoria A, quanto na B, são quatro equipes, e em cada Categoria jogam entre elas, ou seja, todos contra todos. Na Categoria A, há mais jogos mistos e, assim como já foi mencionado, há um regulamento específico. Já na Categoria C, são sete equipes, as quais são divididas em duas chaves, uma com quatro equipes e outra com três, e se classificam as duas primeiras equipes de cada chave. Por fim, é realizado um quadrangular. Vale ressaltar que, na Categoria C, cada modalidade tem um sorteio para que as equipes não caiam sempre na mesma chave, em todas as modalidades. Portanto, em cada modalidade e para cada naipe, há um sorteio de chave. Em cada modalidade, as equipes ganham a pontuação de acordo com a derrota e a vitória, seguindo pontuação descrita no regulamento.

Constam, também, nesse mesmo documento os critérios de empate e desempate. E em cada competição, independente da Categoria, há mesários, súmulas e regras para a inscrição e participação dos atletas, como também regras em relação a questões disciplinares. Importante destacar que a soma dos pontos não é somente das modalidades esportivas, mas se pontua, também, na abertura da OCA em decorrência do desfile das equipes e da dança. Quando se encerram os jogos, há um quadro onde as pontuações são somadas. A equipe que tiver uma maior soma de pontos nas junções entre as modalidades mistas, femininas e masculinas é a

equipe campeã. Quanto às premiações, as equipes das modalidades coletivas ganham medalhas do primeiro ao segundo colocado, e do primeiro ao terceiro nas individuais. Na opinião do Professor **B**, essa classificação é competitiva.

Diante do contexto apresentado, é importante buscar subsídios em De Rose e Korsakas (2006) e nas suas referências a um exemplo de competição em São Paulo, a *Olimpíada do Projeto Esporte e Talento (OLIPET)*, na qual as crianças competem com os colegas de equipe e com companheiros de outros times. Não há competição interinstitucional. Nesse evento, não há classificação ou atribuição de pontos para os vencedores. Há adaptação do espaço quando necessário. Ao final, a premiação é coletiva com brindes e sorteios, não privilegiando a equipe campeã ou o melhor jogador. Scaglia, Medeiros e Sadi (2006) sugerem que a maneira como ocorre a premiação pode ser modificada. Por exemplo, substituir medalhas por troféus para as equipes coletivas e por certificados de mérito para os participantes. Esse seria um meio de atenuar os destaques (primeiro, segundo e terceiro lugar) e valorizar a participação.

Para Ferreira (2000), todos devem ser premiados, ou com lembranças ou com certificados, de modo que todos sejam parabenizados pela participação. Ainda sugere que os vencedores até podem receber um prêmio diferenciado, mas é importante evitar que ele seja conferido e oferecido apenas a três atletas. Matos (2017), por sua vez, salienta que a conquista adquirida em uma competição é a maneira como ela vai ser realizada, a sua intervenção pedagógica; não, as premiações. Desse modo, percebe-se, a partir de tais autores, que as premiações não devem ser supervalorizadas, mas, sim, adequadas de forma a garantir que todos os participantes sejam felicitados independentemente dos resultados que obtiveram.

Quando os professores foram indagados se concordavam com o modelo de competição vigente na OCA, as respostas foram bem distintas: dos cinco professores apenas um concorda plenamente com o modelo, conforme destacado nos enunciados seguintes:

[...] acho adequado sim, o que falta é algo que agregue aqueles que não gostam muito de esporte e não desse modelo de disputa [...] ela já é uma tradição dentro do colégio [...] eles pintam o rosto, fazem a camiseta [...] confeccionar as bandeiras então tem todo um envolvimento que não é só a questão da disputa em si, que faz a união das turmas e isso eu acho muito mais importante do que a própria disputa. Então eu vejo que a olimpíada traz aspectos pedagógicos. (Professor **A**).

Segundo a fala anterior, a OCA possibilita que os alunos a se desenvolvam em diferentes aspectos, tanto afetivos quanto sociais. Parafraseando Soares (2010), pode-se dizer que a competição, quando usada como um meio, é uma importante ferramenta para o desenvolvimento da formação de valores, visto que torna as crianças e os jovens mais participativos, criativos, solidários, integrados, participantes de seu processo de desenvolvimento e aprendizagem.

Já há outros professores que concordam em partes com o modelo, como demonstrado na fala dos Professores **E** e **B**:

Eu não concordo, mas eu concordo com muita coisa; tudo que é tradição é uma evolução ao longo dos anos [...]. (Professor **E**)

[...] Algumas sim, outras não. Esse ano a gente teve o softbol, teve o dodgebol. [...] eu senti dos alunos muita reclamação [...]. Então eu acho que nesse ponto eu prefiro as modalidades mais tradicionais que a gente está mais acostumado no Brasil a disputar. (Professor **B**)

E, por fim, há aqueles professores que não concordam com o modelo atual de competição:

Eu não concordo, porque eu acho que o esporte como fenômeno moderno deve ser questionado e problematizado dentro da educação física [...]. (Professor **D**)

[...] se eu concordo com o modelo? Não, eu não concordo com esse critério de deixar os mesmos participar de tudo porque eu gostaria que mais pessoas participassem [...]. (Professor **C**)

Falar de competição esportiva escolar, geralmente, provoca muitas discussões, especialmente quando se refere ao modelo de competição esportiva. O mesmo ocorreu quando os professores foram questionados acerca do modelo de competição da OCA, visto que apresentaram diferentes concepções. Nessa perspectiva, Montagner (2015), junto com professores que não estavam satisfeitos com esse modelo de competição a partir do qual os jogos estudantis reproduzem um sistema pouco ou quase nada educacional, um sistema seletivo e hegemônico, criaram uma liga pedagógica, justamente para tentar mudar esse formato que é reproduzido e apresentado às crianças e aos jovens. Essa liga desenvolveu um trabalho com crianças de 7 a 15 anos no ensino de esportes e competições. Para Lee (1999), sempre vai existir a discussão sobre a competição, o que também envolve pensar sobre quando iniciar e até onde se deve ir.

Interessante destacar que quando os professores foram questionados se concordavam com o modelo de competição da OCA, houve diferentes concepções,

mas, quando foram interrogados se o modelo estava adequado aos participantes, foram unânimes dizendo que sim, que o modelo estaria adequado. Todavia, apesar da unanimidade quanto à adequação do modelo, surgiram certas sugestões de mudanças do modelo atual de competição, como relatado no depoimento do Professor

C:

[...] a partir do fundamental a gente poderia ter mais mudanças [...] a modificação dos espaços, a modificação das regras, a constituição dessas regras feitas pelos alunos [...], a criação de outras modalidades, jogos até que nem existem dentro da competição oficial [...].

Essas ideias vão ao encontro de recomendações feitas por Montagner (2015) quanto a mudanças na redução da estrutura física do jogo (quadra, campo etc.) de acordo com a categoria e, além disso, no aumento dos objetos que intermediam os jogos (bolas) de acordo com o crescimento das crianças. Aggerholm, Standal e Hordevik (2018), por seu turno, fazem questionamentos a respeito da competição esportiva, tendo em vista que pensar sobre como estruturá-la vai depender das atividades específicas, dos recursos disponíveis, do contexto particular, bem como dos objetivos e valores educacionais. Por que, talvez, seja necessário evitá-la? Os professores devem questionar seus alunos se eles querem ou não participar de uma competição. Ademais, é necessário adaptar as atividades competitivas para garantir oportunidades iguais para todos, mas, ao mesmo tempo, aceitar que alguns tenham experiências negativas com a competição, porque isso pode ser educacional se os alunos chegarem a refletir sobre sua experiência.

O Professor **D** destacou que a OCA não precisaria ser uma competição, poderia ser uma gincana de forma cooperativa que envolvesse toda a escola. A esse respeito, Montagner (2015) sugere fazer gincanas paralelamente ou no intervalo entre as competições, valendo pontos que possam ser somados aos obtidos nos jogos esportivos formais. Ademais, alude que todos os alunos devem ser premiados, tanto os que participaram da gincana como os que atuaram nos jogos, tendo em vista que o princípio de competição pedagógica pressupõe não identificar apenas os primeiros colocados.

Ainda relativamente a esse tópico, surgiram outros posicionamentos como, por exemplo, esse revelado na fala do Professor **B**:

[...] porque regras são regras, então a gente não dá para ficar sublimando algumas regras [...] falo mais isso para o ensino médio [...].

À vista disso, Montagner (2015) aponta que, ao exigir o cumprimento de regras e cobrá-las dos alunos, os organizadores e árbitros reforçam a disciplina e o respeito dos mesmos. Contudo, conquanto concorde com o argumento de Montagner (2015), o Professor **A** destacou que:

[...] acho adequado sim, o que falta é algo que agregue aqueles que não gostam muito de esporte e não desse modelo de disputa [...].

Constata-se, nessa categoria de análise, que o modelo de competição que predomina na OCA é o do adulto, haja vista que, além da existência de regulamentos, a maioria das regras inseridas neles segue as regras das federações, de competições oficiais. Ainda que ocorrem adaptações na Categoria A, alguns professores destacaram a necessidade de mais mudanças nessa categoria e, também, nas demais. É importante destacar que há divergências quando o assunto é sobre a adequação do modelo vigente na OCA às crianças e aos jovens que nela e dela participam. Enfim, há muitas discussões, concepções entre os pedagogos do esporte, a respeito dos modelos de competições que existem dentro das escolas e o que apreendemos dos entrevistados não foi diferente.

4.4 PERCEPÇÃO DOS PROFESSORES DO CAP SOBRE A COMPETIÇÃO ESPORTIVA ESCOLAR

Ao falar sobre a competição esportiva escolar, especialmente sobre o seu papel, geralmente surgem diferentes concepções, diferentes pontos de vista. Verifica-se isso através das diferentes respostas que surgiram quando os professores foram questionados acerca do tema, como exemplifica a fala do Professor **D**:

É muito complicado a questão da competição [...] mesmo que o esporte tenha esse lado de auto-organização [...] ao mesmo tempo o evento simboliza o conflito, ele estimula o conflito e estimula a questão da premiação dos vencedores [...].

Essa fala está coerente com o entendimento de Ferreira (2000) desde o qual ele condena a exacerbação da competição na escola, visto que ela dissemina o individualismo, portanto, recomenda que a competição seja usada com moderação e com cautela no processo de ensino-aprendizagem na Educação Física, na escola. Marques (2004) destaca que há diferentes concepções a respeito da competição

esportiva infanto-juvenil, derivando dessa heterogeneidade o fato de que alguns educadores são contrários à adoção do esporte como meio de formação e educação enquanto outros são favoráveis. Sciarabba (2012) afirma que competir não é por si só moralmente errado, vai depender do modo como é entendido e praticado. O autor ainda destaca que a competição é uma motivação forte para que crianças e jovens participantes, bem como seus oponentes, sejam melhores. Thiess, Tschiene e Nickel (2004) destacam que experiências predominantemente negativas na competição, como derrotas e fracassos, podem gerar desinteresse em continuar realizando a prática.

No entanto, dois professores destacaram que a experiência, a vivência promovida através da competição favorece a preparação para outros ambientes além do esportivo:

Porque a sociedade é competitiva e você não pode educar como se isso não existisse. [...] eu acho que a OCA te coloca certos valores que te ajudam pra vida tanto para saber competir, pra saber perder, saber ganhar, pra saber cooperar [...]. (Professor E)

[...] o ambiente esportivo favorece a gente poder levar pra o longo da nossa vida, por isso a competição pra mim ela é fundamental e ela tem que existir, a gente não pode negar a competição. (Professor C)

Esses discursos fazem lembrar das ideias de Ferraz (2002) o qual salienta que a competitividade perpassa o esporte, visto que tanto na vida profissional quanto social há competição. Portanto, ela prepara os participantes para enfrentarem a vida mais adequadamente. De Rose e Korsakas (2006) corroboram com Ferraz (2002) uma vez que apontam que, assim como o esporte pode contribuir para a formação de crianças e jovens, a competição não é diferente, tendo em vista que ela é indissociável do esporte, portanto, ela pode ser utilizada como um dos meios de ensinar não somente a atividade esportiva, mas também outras habilidades que auxiliariam em diferentes situações do dia a dia das pessoas. Milanski e Silva (2013) apontam que, além de o esporte ser importante na formação de crianças e jovens, através dele os participantes aprendem a lidar com as derrotas que irão enfrentar no decorrer da vida e com a competição que existe na sociedade. De Francisco (2010) também ressalta que a capacidade de aceitar a vitória e assimilar a derrota pode representar grande valor do esporte uma vez que essa capacidade pode ser transferida para outros aspectos da vida.

Alguns Professores (**A**, **B** e **C**) ressaltaram, também, o quanto a competição possibilita desenvolver, nas crianças e nos jovens, a solidariedade, o companheirismo, a disciplina, a moral entre outros aspectos. Assim como destacados nos trechos abaixo:

[...] os conflitos e as frustrações nós temos enquanto docentes lidar com eles de uma forma educativa [...] eu acho que tem dias que a gente ganha tem dias que a gente perde e o que tem que sobrepor aí é o espírito de grupo [...] saber que só existe um jogo porque tem alguém lá do outro lado, e esse alguém é alguém que tem que ser nosso parceiro para o jogo ser legal [...]. (Professor **A**)

[...] o esporte ele traz para a criança e para o adolescente tipo como se fosse uma iniciação a ética e a moral da convivência [...] no colégio os alunos têm que ser competitivos, a vida é assim e claro sempre com regras e sempre respeitando aquela ética e aquela moral que o esporte traz pra eles [...]. (Professor **B**)

[...] a competição estando adequada ao nível das pessoas que estão participando ela sempre vai ser uma competição positiva, uma meta possível de ser atingida [...] a competição ela só é ruim quando ela está acima da capacidade daqueles que o fazem [...] ela é importante em vários sentidos [...] pra lidar com outras questões que são as frustrações, que são os valores de respeito, de compromisso [...] a competição ela é fundamental no sentido de desafiar o aluno próprio e ele conseguir dentro dos seus limites de fazer essa avaliação se conseguiu ou não conseguiu atingir aquilo que ele traçou pra si próprio [...] que a competição é um ambiente competitivo ele traz isso e dependendo da intenção que se tem ele pode ser muito positivo pra formação das crianças [...]. (Professor **C**)

Diante das falas destacadas anteriormente, remete-se a Montagner (2015) quando salienta que a competição não pode ser vista como um jogo que tem um adversário, mas, sim, como um momento em que o participante tem a oportunidade de jogar com o outro e contra si mesmo, funcionando como uma autoavaliação. Portanto, o objetivo da competição deve ser voltado para a superação e a autoestima. O autor acrescenta que promover a competição esportiva na escola significa oferecer oportunidades, aos alunos, de vivências e experiências que envolvem frustrações nas perdas e atitudes nobres perante as vitórias.

Para Reverdito *et al.* (2008) e Sciarabba (2012), a competição na escola pode ser uma ferramenta importante no desenvolvimento da criança e dos jovens, porém desde que ofertada de maneira equilibrada. Soratto (2012), por sua vez, faz uma diferenciação entre a competição na escola e da escola: enquanto que a primeira reproduz um caráter espetacularizado, seguindo um sistema competitivo institucionalizado e valorizando somente a vitória, sem preocupação com as questões pedagógicas; na segunda, há um cuidado em desenvolver uma competição que seja atrelada ao Projeto Político Pedagógico da escola, permitindo ser abordada por diferen-

tes disciplinas e conteúdos, ou seja, há uma preocupação em promover uma competição de cunho mais educacional.

Marques (1999) assinala que as competições devem ser ofertadas de acordo com as capacidades e possibilidades das crianças e jovens. Também sugere uma progressão de competição do simples ao mais complexo nível de especialização. Sobre o mesmo tema, De Francisco (2010) ressalta que a competição bem orientada beneficia as crianças em diferentes aspectos, físicos, sociais e psicológicos, e, com isso, a criança se sente mais motivada em continuar a sua vida esportiva.

Outro ponto importante destacado por um dos professores foi o do papel do professor no ambiente competitivo:

[...] o aluno que se sente frustrado por praticar esporte, aluno que a sua autoestima vai lá embaixo, o problema não é do esporte, o problema é do professor que não está trabalhando bem com isso [...]. (Professor A)
--

Montagner (2015) salienta que o professor é o responsável por implementar o esporte e a competição na escola, portanto, ele influencia sobre o efeito de ambos. Salienta, também, a importância de o professor se atualizar e estar disposto a mudar, portanto, o papel do professor de Educação Física é importante no processo de transmissão de valores e intervenções nas aulas. Além disso, cabe ao professor criar um ambiente sadio e equilibrado por meio de atividades de cooperação, com aceitação das regras de utilizar, ou não, o fair-play como uma regra de comportamento. Por fim, o autor afirma que a competição contribui na formação do caráter, no desenvolvimento de valores, mas o que vai, de fato, contribuir para que isso aconteça será a intensidade, a pedagogia, a metodologia que vai ser utilizada nas competições escolares pelos professores. A competição, assim sendo, educa os alunos nos aspectos físicos, motores, sociais, transmitindo a importância das regras, do adversário, dos companheiros, e cognitivos.

O depoimento supracitado do Professor **A** vai ao encontro de concepções discutidas por Soares (2010) haja vista o autor destacar que o professor exerce um papel importante, pois, se ele priorizar a vitória, o resultado a qualquer preço, isso pode gerar muita rivalidade, comparação entre os alunos, além de promover e potencializar o lado negativo da competição. Logo, a maneira como a competição vai ser desenvolvida na escola é que vai determinar se ela vai estar adequada ou não e, por extensão, a intervenção feita pelo professor é que vai determinar o seu uso.

Milanski e Silva (2013) também ressaltam que o professor tem um papel fundamental nos eventos esportivos, pois a maneira como crianças e jovens vão se comportar, as suas atitudes estão relacionadas diretamente com o tipo de atividades e as cobranças realizadas antes mesmo do evento. Portanto, os autores abalizam o quanto é importante estimular, desenvolver os valores durante as aulas, esclarecendo que nem sempre o mais importante é ganhar, que deve haver respeito aos árbitros, aos adversários, e, além disso, é imprescindível cumprir as regras que são estabelecidas no jogo.

Diante desse panorama apresentado, percebemos que o papel da competição esportiva escolar é compreendido a partir de diferentes olhares, concepções e pontos de vista. A minoria de professores acredita que a competição tem um efeito negativo, porque estimula a rivalidade. Por outro lado, a maioria dos entrevistados relatou que ela é uma importante ferramenta no desenvolvimento cognitivo, social, afetivo e psicológico, entre outros. De uma forma geral, os autores referidos são unânimes em considerar que a competição pode se configurar em um importante instrumento na educação e formação de crianças e jovens, porém, apontam que os professores de Educação Física têm um importante papel nesse processo, visto que a competição pode ter um efeito negativo ou positivo que está na dependência do modo como ela vai ser desenvolvida pelos educadores.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo buscou compreender a competição esportiva que ocorre no *Colégio de Aplicação da UFRGS*, a OCA, visando averiguar o modelo de competição vigente nesse evento. Constatou-se, quase que de modo unânime na fala dos professores entrevistados, a opinião de que o modelo de competição estabelecido na OCA segue um padrão adulto, especialmente nas Categorias B (alunos dos oitavo e nono anos) e na Categoria C (alunos do ensino médio), contendo os esportes hegemônicos como modalidades principais. Contudo, na Categoria A, apesar de haver flexibilização/adaptação em seu modelo, ainda há resquícios de um modelo adulto assim como foi constatado no regulamento dessa categoria.

Desse modo, percebe-se que há uma necessidade de a OCA se apoiar em um modelo que viabilize a maior participação dos alunos e diminua a ênfase no rendimento esportivo, visando, assim, evitar os efeitos negativos que a competição pode gerar às crianças e aos jovens. Uma vez que o foco principal do evento é chegar ao final e destacar somente os vencedores, os participantes tenderão a buscar o resultado a qualquer custo, montar as melhores equipes. Contudo, ao promover uma concorrência acentuada, tal finalidade das *Olimpiadas* pode trazer sérios prejuízos nas questões afetivas, sociais e psicológicas. Portanto, em qualquer competição esportiva que for organizada e realizada, sendo com crianças ou jovens, deve-se ter cautela, priorizando que a atividade competitiva tenha um caráter o mais pedagógico possível.

Também foi verificado que são os professores de Educação Física que coordenam e organizam a OCA, e que de alguma maneira os alunos vão fazendo parte da OCA, aqueles mais interessados, ocorrendo assim uma coparticipação de alguns alunos nesse processo. Essa característica é muito comum nas escolas, onde somente os professores são responsáveis por planejar os eventos competitivos, sendo que, geralmente, a iniciação de crianças e jovens em atividades competitivas ocorre nas aulas de Educação Física para, posteriormente, inseri-los em torneios, olimpíadas ou jogos escolares. Mas alguns pesquisadores recomendam que essa organização tenha a participação da comunidade escolar, de alunos e pais.

A OCA é um evento que possui uma longa trajetória, uma tradição no CAp/UFRGS, mas, a partir dos relatos de alguns professores, foi possível identificar que a participação, a adesão dos alunos, especialmente dos alunos do ensino médio, vem diminuindo nas últimas edições. No entanto, essas mudanças podem estar atreladas ao formato estabelecido, visto que existe uma demanda pela formulação de critérios que possam estimular uma maior participação dos discentes. Portanto, a maioria dos entrevistados mostrou-se preocupado com essa baixa adesão tendo em vista que consideram importante a participação dos alunos no evento uma vez que essa participação tem potencial para promover a integração, a socialização dentre outras dimensões.

Assim como os pedagogos do esporte, trabalhos acadêmicos apontam a necessidade de que as competições escolares sejam adequadas ao desenvolvimento motor, cognitivo, maturacional da criança, cabendo aos profissionais/professores responsáveis, em seus ambientes de formação (escola, escolinhas, clubes etc.), proporcionar diferentes experiências e promover as mais variadas possibilidades de desenvolvimento motor, esportivo, social. Além disso, é importante que, ao promover a competição esportiva, haja sempre cautela com a valorização exagerada do resultado, do ganhar a qualquer custo, e que as questões pedagógicas que o esporte e a competição podem proporcionar sejam maximizadas, assim como a valorização do oponente, o respeito às regras e à arbitragem, enfim, que a competição esportiva escolar não tenha um único objetivo, a vitória, mas, sim, assuma um compromisso principal com o desenvolvimento de outras questões.

Outro aspecto apresentado pelos professores diz respeito ao papel da competição. Com relação a esse ponto, foi possível perceber que a maioria dos professores considera que, através da competição, as crianças e os jovens podem desenvolver-se em diferentes dimensões, não só ampliando seu crescimento no esporte, ou seja, perpassa isso, pois há a possibilidade de se desenvolverem cognitivamente, aumentarem os laços de amizade, serem capazes de criar novas estratégias em grupo perante as dificuldades, aprenderem a lidar com a derrota, com as frustrações, entre outros. Dessa forma, a competição, quando bem orientada, pode ser uma excelente ferramenta de educação e formação que servirá não somente ao meio esportivo, mas a outros campos no decorrer da vida.

Acerca do confronto entre as fontes documentais (os regulamentos) e as fontes orais reunidas para o estudo, verificamos que não há discrepância nas informações. Portanto, podemos afirmar que alguns assuntos abordados pelos professores de Educação Física do *Colégio de Aplicação* vão ao encontro do que consta nos regulamentos como, por exemplo, com relação à organização, aos objetivos, às atividades específicas da categoria A, entre outros. À vista disso depreendemos, das análises produzidas, que os regulamentos são considerados documentos importantes na organização da OCA.

Embora foi possível observar que há trabalhos relacionados à competição esportiva escolar, reconhecemos que esse tema merece o desenvolvimento de novas pesquisas, tendo em vista que é um assunto de grande relevância no âmbito escolar. Em função disso, sugerimos que novos trabalhos sejam realizados sobre a competição no contexto escolar. Quanto às limitações da pesquisa, foram enfrentadas dificuldades no levantamento dos trabalhos, haja vista existirem muitos sinônimos para a competição esportiva.

REFERÊNCIAS

ALVES, F. Desporto, saúde e educação. Pode o movimento associativo alhear-se dos grandes designs do desenvolvimento nacional? In: **Alta competição uma cultura de exigência**. Confederação do Desporto de Portugal, 2002.

AGGERHOLM, K.; STANDAL, Ø. F.; HORDVIK, M. M. Competition in Physical Education: Avoid, Ask, Adapt or Accept?. **Quest**, p. 1-16, 2018.

ANDRÉS, F.; OGAWA, N.R. Análise da Opinião dos treinadores sobre a competições Infanto-Juvenis. **Seminário Esporte e desenvolvimento humano: a competição em jogo**, 2012.

ARENA, S. S.; BÖHME, M. T. S. Federações esportivas e organização de competições para jovens. **Revista Brasileira de Ciências e Movimento**, v. 12, n. 4, p. 45-50, 2004.

BELL, J. **Projeto de Pesquisa**: Guia para pesquisadores iniciantes em educação, saúde e ciências sociais. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

BETTI, M. **Educação Física e sociedade**. São Paulo: Editora Movimento, 1991.

COLÉGIO DE APLICAÇÃO DA UFRGS. **História**. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/colegiodeaplicacao/sobre/um-pouco-da-historia-do-colegio-de-aplicacao-da-ufrgs>>. Acesso em: mar. 2017.

CHOI, H.S.; JOHNSON, B.; KIM, Y. K. Children's Development Through Sports Competition: Derivative, Adjustive, Generative, and Maladaptive Approaches. **Quest**, v. 66, n. 2, p.191-202, 2014.

COSTA, J. M. Esporte escolar no Brasil: contradições e possibilidades. *Revista Kinesis*, Vol. 33, nº 1, jan-jun de 2015, Santa Maria.

COSTA I.P. *et al.* Jogos Escolares do Paraná: análise da competição no Município de Curitiba. *Educación Física y Ciencia*, vol. 19, nº 1, e023, junio 2017.

DE FRANCISCO, David. La educación en valores a través de la iniciación deportiva. In: SÁNCHEZ, Domingo. **La iniciación deportiva y el deporte escolar**. 5. ed. Barcelona: Inde, 2010. p. 95-110.

DE ROSE, JR.D.; KORSAKAS, P. O processo de competição e o ensino do desporto. In: TANI, G.; BENTO, J. O.; PETERSEN, R. D. S. **Pedagogia do Desporto**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. Cap. 5, p. 251-261.

DE ROSE JR., D. Esporte, competição e estresse: implicações na infância e adolescência. In: DE ROSE JÚNIOR, D. (Org.) **Esporte e atividade física na infância e adolescência: Uma abordagem multidisciplinar**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009. Cap. 7, p. 103-114.

DE ROSE, JR.D. A criança o jovem e a competição esportiva: Considerações Gerais. In: DE ROSE JÚNIOR, D. (Org.). **Esporte e atividade física na infância e na adolescência: uma abordagem multidisciplinar**. Porto Alegre: Artmed, 2011. 136 p.

DREWE, S. B. Competing conceptions of competition: Implications for physical education. **European Physical Education Review**, 1998, p. 5-20.

FERRAZ, O. L. O esporte, a criança e o adolescente: Consensos e divergências. In: DE ROSE JUNIOR, D. (Org.) **Esporte e Atividade Física na Infância e Adolescência: uma abordagem multidisciplinar**. Porto Alegre: Artmed, 2002. p. 25-38.

FERREIRA, M. S. Ponto de vista. A competição na educação física escolar. **Motriz**, Rio Claro, v. 6, n. 2, p. 97-100, jul./dez. 2000.

FLICK, U. **Introdução à Pesquisa Qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009a.

FLICK, U. **Qualidade na Pesquisa Qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009b.

GONÇALVES, G.H.T. **A competição de tênis como modelo de educação e formação de crianças: o caso das categorias até 10 anos**. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciências do Movimento Humano, Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

HUMPHREY, J. H. **Child Development Through Sports**. Editora: Routledge, 2012. 158 p.

JUCHEM, L. **Contribuições das competições esportivas para a formação e educação de crianças e jovens: o caso dos jogos escolares de Petrolina**. Tese (Doutorado) - Curso de Ciências do Movimento Humano, Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

JUCHEM, L.; BALBINOTTI, C. A. A. As possíveis articulações entre as competições esportivas e a educação e formação dos jovens atletas. In: GONZALEZ, R. H.; MACHADO, M. M. T. (Org.). **Esporte educacional e qualidade de vida para crianças e adolescentes**. 1ed. Curitiba: CRV, 2014. v. 1, p. 109-129.

LEONARDO, L.; GALATTI, L.; SCAGLIA, A. Disposições preliminares sobre um modelo de participação competitivo para jovens e o papel do treinador. In: GONZÁLES, R.; MACHADO, M.T. **Pedagogia do esporte: novas tendências**. Fortaleza: Tavares e Tavares, 2017. p. 301-321.

LEE, M. O desporto para os jovens ou os jovens para o desporto? Alguns dilemas que se colocam aos treinadores de jovens. **Seminário Internacional Treino de jovens**, p.123-134. Lisboa: CEFD,1999.

LIMA, T. Uma perspectiva social de formação desportiva dos jovens. **Seminário Internacional Treino de jovens**, p.71-77. Lisboa: CEFD,1999.

LIMA, T. Competições para jovens. In: CEFD (Ed.). **Treino de Jovens**. Lisboa: CEFD, 2000. p. 235-248.

MARQUES, A. Preparação desportiva de Crianças e Jovens – O sistema de Competições. In: GUEDES, O. (Org). **Atividade Física: Uma abordagem Multidimensional**. João Pessoa: Ideia, 1997. p. 157-159.

MARQUES, A. Crianças e Adolescentes Atletas: entre a Escola e os Centros de Treino ... entre os Centros de Treino e a Escola! In: CEFD (Ed.). **Treino de Jovens**. Lisboa: CEFD, 1999. p. 17-30.

MARQUES, A.; OLIVEIRA, J. O treino e a competição dos mais jovens: rendimento versus saúde. In: BARBANTI, V. **Esporte e atividade física: interação entre rendimento e qualidade de vida**. São Paulo: Manole, 2002. p. 51-73.

MARQUES, A. Fazer da competição dos mais jovens um modelo de formação e educação. In: GAYA, A.; MARQUES, A.; TANI, G. **Desporto para crianças e jovens: Razões e finalidades**. Porto Alegre: UFRGS, 2004. Cap. 3, p. 75-96.

MARTIN, D. *et al.* **Metodología General del Entrenamiento Infantil y Juvenil**. Barcelona: Paidotribo, 2004.

MILANSKI, M.; SILVA, P. S. Competição dentro da escola: uma questão de valores. **REDI**. Porto Velho (RO). Ano 1, N. 1, p.10-17, 2013.

MILISTEDT, M. *et al.*. Concepções dos treinadores acerca do papel da competição na formação desportiva de jovens jogadores de voleibol. **Revista da Educação Física**, Maringá, v. 19, n. 2, p.151-158, 2008.

MONTAGNER, P.C. Estudos em Pedagogia do esporte de crianças e jovens: Análises, olhares e desafios teóricos. Tese Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual Campinas- SP, 2015.

MONTAGNER, P. C.; SCAGLIA, A. J.; SOUZA, A. J. Pedagogia da competição em esportes: da teoria à busca de uma proposta prática escolar. **MotusCorporis**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p. 20-30, 2001.

NASCIMENTO, M. A. Olimpíadas escolares: em busca de uma reorientação paradigmática para sua praxis. **Sprint**. Rio de Janeiro, v. 13, n. 75, nov. /dez.1994, p.48-50.

NUNES, L. A. R. **Manual da monografia: como se faz uma monografia, uma dissertação, uma tese**. São Paulo: Saraiva, 2000.

PROETTI, S. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

REGULAMENTO. **Olimpíada do colégio de aplicação**. Porto Alegre, 2017a.

REGULAMENTO. **Olimpíada do colégio de aplicação**. Porto Alegre, 2017b.

REGULAMENTO. **47º Jogos escolares do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre, 2017. Disponível em: < <http://www.educacao.rs.gov.br/jogos-escolares-do-rio-grande-do-sul>>. Acesso em: mai. 2017.

REGULAMENTO. **Jogos Abertos de Porto Alegre**. Porto Alegre, 2017. Disponível em: < http://proweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/sme/usu_doc/04_05_regulamento_geral_jogos_abertos_2017.pdf >. Acesso em: mai. 2017.

REGULAMENTO. **CERGS**. Porto Alegre, 2017. Disponível em: < <http://www.setel.rs.gov.br/conteudo/3311/Regulamentos>>. Acesso em: mai. 2017.
REVERDITO, R. S. *et al.* Competições Escolares: reflexão e ação em Pedagogia do Esporte para fazer a diferença na escola. **Pensar a Prática**, n. 11, v. 1, p.37-45, jan./jul. 2008.

SADI, R. *et al.* **Pedagogia do Esporte: esporte escolar-curso de extensão**. Brasília, Centro de Educação à Distância da Universidade de Brasília, 2004.

SADI R. S. Temas da pedagogia do esporte, educação esportiva e competições. **Conexões**: revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, Campinas, v. 6, ed. especial, p. 377-388, jul. 2008.

SADI, R. S. A complexidade da competição esportiva diante do paradigma do ambiente social competitivo e das possibilidades pedagógicas que os professores de Educação Física dispõem, 2013. Disponível em: < https://www.researchgate.net/profile/Renato_Sadi/publication/278965795>. Acesso em: 22 abr. 2017.

SÁNCHEZ, D. A Modo de Introducción. In: SÁNCHEZ, D. **La iniciación deportiva y el deporte escolar**. 5. ed. Barcelona: Inde, 2010. p. 20-46.

SCAGLIA, A. J; MEDEIROS, M.; SADI, R. S. Competições pedagógicas e festivais esportivos: questões pertinentes ao treinamento esportivo. **Revista virtual EFArtigos**, Natal/RN, v. 03, n. 23, abril 2006.

SCAGLIA, A.; GOMES, R. M. O jogo e a competição: investigações preliminares. In: VENÂNCIO, S.; FREIRE, J. B. (Org.) **O jogo dentro e fora da escola**. Campinas, SP: Autores Associados, 2005. Estudo 7, p.139-156.

SCIARABBA, D. Sports and Competition in Higher Education: A Search for Values and Ethics. **Forum on Public Policy**, 2012.

APÊNDICE A – REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

	AUTOR(ES)/ ANO	TÍTULO DO ARTIGO	REVISTA
ARTIGOS	REVERDITO <i>et al.</i> , 2008	Competições escolares: reflexão e ação em pedagogia do esporte para fazer a diferença na escola	<i>Pensar a prática</i>
	SADI, 2008	Temas da pedagogia do esporte, educação esportiva e competições	<i>Conexões</i>
	SAWITZKI, 2008	Esporte escolar: aspectos pedagógicos e de formação humana	<i>Motrivivência</i>
	SANTOS <i>et al.</i> , 2008	Turmas de treinamento esportivo nas escolas – debate sobre aplicações e significados em escolas do interior paulista	<i>Coleção Pesquisa em Educação Física</i>
	SOARES; MONTAGNER, 2008	A Competição Esportiva Escolar como Componente Pedagógico a ser Refletida e Aplicada nas Aulas de Educação Física.	<i>Pensar a Prática</i>
	HIRAMA; MONTAGNER, 2009	A ação pedagógica da competição esportiva	<i>Movimento & Percepção</i>
	KOCIAN <i>et al.</i> , 2010	A superstição e a competição esportiva escolar: uma visão de atletas masculinos	<i>Coleção Pesquisa em Educação Física</i>
	MARTINES; JÚNIOR, 2010	A história de um evento esportivo entre continuidades e rupturas: as Olimpíadas Colegiais e os Jogos Colegiais do Paraná (1938-1953).	<i>Movimento</i>
	KOCIAN <i>et al.</i> , 2010	A superstição e a competição esportiva escolar: uma visão de atletas femininas.	<i>Coleção Pesquisa em Educação Física</i>
	ROCHA <i>et al.</i> , 2010	Educação física escolar: esporte e competição	<i>PerspectivasOnLine</i>
	SADI, 2010	Compreensão, criatividade e competitividade em jogos esportivos coletivos: Propostas de avaliação em Educação Física	<i>Arquivos em Movimento</i>
	DE AZEVEDO; GOMES FILHO, 2011	Competitividade e inclusão social por meio do esporte	<i>Revista Brasileira de Ciências do Esporte</i>
	KOCIAN <i>et al.</i> , 2011	A concentração esportiva nas olimpíadas colegiais do estado de São Paulo: uma visão dos alunos	<i>Coleção Pesquisa em Educação Física</i>
	NETO <i>et al.</i> , 2011	Políticas de esporte escolar e a construção social do currículo de Educação Física	<i>Motriz Rev. Educ. Fís</i>
	SANTOS <i>et al.</i> , 2011	O esporte e o ensino médio: a visão dos professores de educação física da rede pública	<i>Rev. Bras. Educ. Fís</i>
	VARNIER <i>et al.</i> , 2011	Coleção Rituais escolares: os jogos e olimpíadas sob o olhar dos alunos	<i>Pesquisa em Educação Física</i>
	ARANTES; MARTINS, 2012	Jogos Escolares Brasileiros: reconstrução histórica	<i>Motricidade</i>
	GRAEFF; GHIGGI, 2012	Esporte e escola: as competições escolares e as disputas que estão em jogo dentro e fora da escola	<i>Revista Didática Sistemática.</i>
	MOCELIN <i>et al.</i> , 2012	Iniciação esportiva e a inserção em competições nas regiões centro sul e dos campos gerais do Paraná	<i>Revista Científica JOPEF</i>
	MEDEIROS <i>et al.</i> , 2012	Rituais escolares: notas sobre jogos e olimpíadas escolares como rituais.	<i>Rev. Educ. Fis. UEM</i>
ALMEIDA; FONSECA,	Jogos escolares de Vacaria: retrato da participação dos estudantes	<i>Caderno de Educação Física e</i>	

2013		<i>Esporte</i>
DE OLIVEIRA <i>et al.</i> , 2013	Olimpíada do CAP-UERJ–40 anos de história e memórias	<i>e-Mosaicos</i>
FRIZZO, 2013	Os jogos escolares como mecanismos de manutenção e eliminação: uma crítica à lógica esportiva na escola	<i>Movimento</i>
GOMES; JÚNIOR, 2013	Educação física escolar: inclusão, equidade e competição. Conceitos e ações.	<i>Revista Evidência</i>
LOVISOLO <i>et al.</i> , 2013	Competição e cooperação: na procura do equilíbrio	<i>Revista Brasileira de Ciências do Esporte</i>
MILANSKI; SILVA, 2013	Competição dentro da escola: uma questão de valores	<i>Revista de Desenvolvimento e Inovação</i>
MUNIZ; BORGES, 2013	Jogos cooperativos, jogos competitivos e a classificação subjetiva	<i>Impulso</i>
SERON, 2013	Reflexões sobre o desporto escolar a partir do decreto nº 7.984/2013	<i>Revista da ALESDE</i>
SOARES, <i>et al.</i> , 2013	A pedagogia do esporte na Educação Física no contexto de uma escola eficaz	<i>Revista Brasileira de Ciências do Esporte</i>
GREGÓRIO; DA SILVA, 2014	Iniciação esportiva X especialização esportiva precoce: quando iniciar estas práticas?	<i>Horizontes - Revista de Educação.</i>
MARTIN; DA SILVA, 201	Competição na educação física escolar: quem ganha o jogo?	<i>Revista Digital Buenos Aires.</i>
PAES; JÚNIOR, 2014	Relações pedagógicas entre educação física escolar e jogos olímpicos	<i>Pensar a Prática.</i>
PEDROSO; FONSECA, 2014	Ansiedade pré-competitiva em escolares praticantes de jogos com características motoras e cognitivas	<i>Coleção Pesquisa em Educação Física</i>
BATISTA <i>et al.</i> , 2015	Análise sobre o papel da competição no esporte escolar: Estudo de caso	<i>Coleção Pesquisa em Educação Física</i>
DA COSTA, 2015	Esporte escolar no Brasil: contradições e possibilidades	<i>Kinesis</i>
ELLER <i>et al.</i> , 2015	A olimpíada escolar e a esportivização da educação física no Espírito Santo: continuidades e descontinuidades (1946-1954)	<i>Rev. Educ. Fís/UEM</i>
PINTO <i>et al.</i> , 2015	Monitoramento da carga interna competitiva de uma equipe de basquetebol sub-17 durante os jogos escolares regionais	<i>Cinergis</i>
VERBER <i>et al.</i> , 2015	Análise de duas formas distintas de competição escolar. Revista didática sistêmica	<i>Revista Didática Sistêmica - Furg</i>
AIRES <i>et al.</i> , 2016	As competições infanto-juvenis à luz da pedagogia do esporte	<i>Revista Kinesis</i>
JÚNIOR <i>et al.</i> , 2016	Jogos escolares da rede pública de Ilhéus-Bahia: uma análise documental	<i>Pensar a Prática</i>
LEITE; RIZZO, 2016	Esporte e competição na escola: uma análise didática pedagógica do professor de educação física.	<i>Revista Magsul de Educação Física na Fronteira</i>
MIOTTO, 2016	Atuação, formação e contexto escolar: tramas da/na prática pedagógica de professores de educação física em uma escola técnica no sul de Minas Gerais	<i>Revista Triangulo</i>
RUFINO <i>et al.</i> , 2016	Possíveis relações entre as competições esportivas e o esporte educacional: (re)significando perspectivas à luz da pedagogia do esporte	<i>Revista Brasileira de Ciência e Movimento</i>
ZAMBRIN <i>et al.</i> , 2016	Análise do comportamento competitivo de atletas jovens e adultos de handebol	<i>Rev Bras Educ Fís Esporte</i>

	ELLER <i>et al.</i> , 2017	Cultura esportiva e as olimpíadas escolares na grande imprensa Capixaba (1946-1954)	<i>Revista: J. Phys. Educ.</i>
DISSERTAÇÕES	AUTOR(A)/ANO	TÍTULO DA DISSERTAÇÃO DO MESTRADO	
	OLIVEIRA, 2007	Estilo de liderança do professor/técnico participante de Olimpíada Colegial Infantil sob a percepção dos atletas de basquetebol	
	CASTRO, 2008	Análises das situações competitivas desencadeadoras de estresse em atletas escolares de basquetebol	
	JÚNIOR, 2008	Esporte de competição escolar: uma análise do estresse situacional associado ao grau de coesão grupal	
	CABRINO, 2009	Sistema preventivo de educação: vivência e prática da cultura escolar nas olimpíadas salesianas	
	KOCIAN, 2009	Concentração nas Olimpíadas Colegiais do Estado de São Paulo: estudo de caso sobre a reclusão esportiva a luz da Psicologia do Esporte	
	NASÁRIO, 2009	Competição na educação física escolar: representação social de professores da educação básica	
	SOARES, 2010	Realidade da Olimpíada Colegial do Estado de São Paulo (OCESP) em relação ao discurso presente na Educação Física acerca da competição escolar: estudo da região leste de Campinas	
	SANTOS, 2012	Valores em jogo: possibilidades para educação olímpica na educação física escolar	
	EDORKO, 2013	O esporte no contexto escolar: sentidos e significados nas aulas de Educação Física dos anos finais do ensino fundamental	
	FAETI, 2013	Ensaio sobre a coexistência entre competição e cooperação nos jogos de regras e sua repercussão na instituição escolar	
	SILVA, 2013	Análise do processo de treinamento dos esportes coletivos em equipes escolares.	
	LIGGERI, 2014	Seletividade e distinção no esporte: um estudo do centro de iniciação desportiva (CID) no contexto da educação física em escolas públicas de Ceilândia, no Distrito Federal (DF)	
		SILVA, 2014	As ações gerenciais e os resultados esportivos das escolas públicas participantes dos jogos escolares do distrito federal
ELLER, 2015		Olimpíadas escolares no Espírito Santo: continuidades e descontinuidades (1946-1954)	
NUNES, 2015		Esporte no contexto escolar: estudo do perfil dos professores de educação física que atuam como técnicos nas olimpíadas estudantis do município de São Paulo	
THOMAZ, 2015		Desporto educacional: tendências e possibilidades através das políticas públicas.	
ARAÚJO, 2016		Cultura corporal de movimento na escola e cultura corporal de movimento da escola: uma etnografia sobre a particularidade da seleção de conteúdos de ensino da Educação Física escolar	
NASCIMENTO, 2016		Políticas públicas e esporte educacional: adeus ao atleta na escola?	
PIVA, 2016		Competição, cooperação e educação física: uma equação necessária à formação escolar	
	AUTOR(A)/ANO	TÍTULO DA TESE DE DOUTORADO	
TESES	MACEDO, 2014	Esporte e currículo de Educação Física escolar	
	JUCHEM, 2015	Contribuições das competições esportivas para a formação e educação de crianças e jovens: o caso dos jogos escolares de Petrolina	
	MONTAGNER, 2015	Estudos em pedagogia do esporte de crianças e jovens: análises, olhares e desafios teóricos	

APÊNDICE B - GUIA DE ENTREVISTA

Nome:	Idade:
Tempo de Formação:	Tempo de atuação na OCA:
Endereço:	E-mail:
Data da entrevista:	Data:
Telefone:	Horário:

ESTRUTURAÇÃO DA OCA

- 1) Fale como é a organização da OCA? Há algo que mais é priorizado?
- 2) Descreva como é organizado o regulamento? O que muda exatamente
- 3) Quais os critérios utilizados para que os alunos possam participar da OCA?
- 4) Todos os alunos participam? Se não, o que acontece com aqueles que não participam?
- 5) Você considera importante a participação de todos na OCA? Por quê?
- 6) Descreva como ocorre o sistema de classificação das equipes?

MODELO DE COMPETIÇÃO ADOTADO NA OCA

- 1) Em sua opinião qual (is) o (s) objetivo principal da OCA? (por que ela é realizada?)
- 2) Qual (is) o (s) modelo (s) de competição estabelecido na OCA? Descreva sobre (como é pensada, tem arbitragem etc)
- 3) Você concorda com o modelo atual da competição?
- 4) Você considera que o modelo atual é adequado as crianças e jovens que participam da OCA? Por quê?
- 5) Fale sobre o papel da competição na fase escolar, você considera importante? Por quê?

MODALIDADES ESPORTIVAS DA OCA

- 1) Fale sobre as modalidades, o que é levado em conta ao escolhê-las?
- 2) As escolhas são de acordo com o interesse dos professores, dos alunos, ou de ambos?
- 3) Descreva como são estruturadas as modalidades esportivas em cada categoria? O que é levado em conta?
- 4) Você gostaria de modificar, inserir ou retirar as modalidades esportivas? Se sim, quais e por quê?
- 5) Você considera que as modalidades esportivas estão adequadas de acordo com o estágio de desenvolvimento dos participantes? Justifique a sua resposta?

APÊNDICE C - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Vimos, por meio deste, convidá-lo (a) a participar do presente estudo, o qual é intitulado: “OLIMPÍADAS DO COLÉGIO DE APLICAÇÃO DA UFRGS: um estudo sobre competição escolar”. Pretende-se neste estudo averiguar o modelo de competição da *Olimpíada do Colégio de Aplicação* da UFRGS. O estudo permite refletir sobre os modelos de competições utilizados no âmbito escolar.

Concordando em participar deste estudo, a pesquisadora realizará com o (a) senhor (a) uma entrevista com roteiro elaborado. Sua participação é muito importante para que possamos recolher informações importantes, a partir da visão de quem faz parte da organização, de quem está diretamente envolvida na OCA. Cabe ressaltar que os riscos decorrentes da participação na pesquisa são comparáveis aos riscos da vida cotidiana.

Seus dados e da instituição serão mantidos em sigilos, seus nomes ou os materiais disponibilizados para o estudo não serão liberados sem sua permissão por escrito, exceto se exigido por lei. O (A) senhor (a) é livre para recusar participar ou retirar o seu consentimento, a qualquer fase do estudo, sem penalização ou prejuízo algum. Não será disponibilizada nenhuma compensação financeira decorrente da sua participação no estudo. Qualquer dano causado diretamente da sua participação no estudo será indenizado conforme estabelece a lei.

A entrevista será armazenada em um gravador digital de áudio será integralmente transcrita constituindo-se, ao final do processo, em documento escrito. Antes de sua utilização, tal documento será lhe devolvido para que você confira as informações contidas nele. Assim, somente depois disso, será concedida a liberação definitiva de uso.

A Professora Marinês de Souza estará prestando assistência durante a realização da entrevista, bem como estará à disposição para esclarecer qualquer dúvida em todos os momentos do estudo (antes, durante e depois) pelo telefone: (51) 997962207, ou pelo e-mail mariesef@gmail.com. Há também o orientador da pesquisa, Prof. Doutor Carlos Adelar Abaide Balbinotti (51 99994957) que estará à sua disposição para qualquer dúvida em relação ao presente estudo.

Há duas vias deste termo de consentimento, uma ficará com a pesquisadora e outra ficará com o (a) senhor (a). A sua assinatura neste termo de consentimento indica que você entendeu satisfatoriamente as informações a cerca de sua participação na pesquisa e que você concorda em participar. De forma alguma esse consentimento lhe faz renunciar aos seus direitos legais, e nem libera os pesquisadores de suas responsabilidades pessoais ou profissionais.

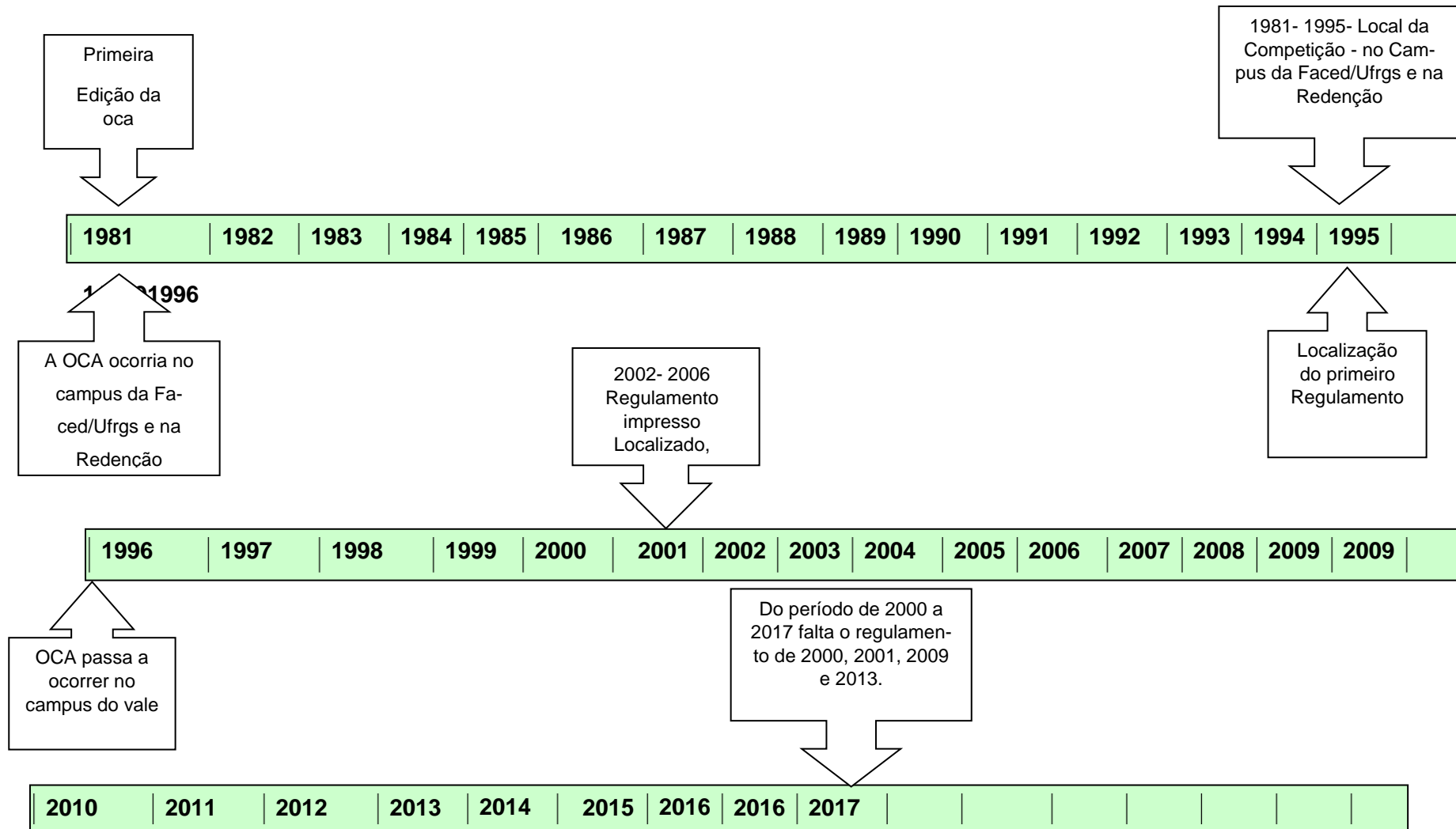
Nome e Assinatura do participante da Pesquisa

Assinatura do pesquisador responsável: Prof. Dr. Carlos Adelar Abaide Balbinotti

Assinatura da pesquisadora: Marinês Matter de Souza

Local e data

APÊNDICE D - LINHA DO TEMPO OCA



ANEXO A – REGULAMENTO CATEGORIA A

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL - UFRGS
COLÉGIO DE APLICAÇÃO - CAp
DEPARTAMENTO DE EXPRESSÃO E MOVIMENTO - EDUCAÇÃO FÍSICA
XXXVI OLIMPÍADA DO COLÉGIO DE APLICAÇÃO - OCA – 2017

REGULAMENTO CAPÍTULO I

Art. 1 - A XXXVI Olimpíada do Colégio de Aplicação, denominada pela sigla XXXVI OCA é organizada e dirigida pela Área de Educação Física da Escola, com o apoio da Direção e Equipes de Trabalho do CAp.

Art. 2- A XXXVI OCA se desenvolverá de 30/09/17 a 07/10/17 para todos os estudantes das séries finais do Ensino Fundamental e de todo Ensino Médio (Amoras I/II/80/90/100/200/300). Em datas posteriores acontecerá para as séries iniciais - Alfas (Oquinha) e para as turmas da Educação de Jovens e Adultos (EJA).

CAPÍTULO II – OBJETIVOS

Art. 3 – Aplicar os conhecimentos adquiridos por meio das práticas corporais desenvolvidas no decorrer do ano letivo nos planos individual e coletivo;

Art. 4 - Promover o intercâmbio entre os estudantes do CAp, estimulando-os à prática desportiva dentro dos preceitos da cooperação e da autonomia, a fim de desenvolver habilidades e competências que possibilitem interações sociais pautadas pelo respeito mútuo, pelo espírito de equipe e pela solidariedade.

Art. 5 - Realizar jogos e esportes de caráter competitivo e cooperativo compatíveis com a faixa etária. Oportunizar a coeducação, buscando equidade de oportunidades para os estudantes, problematizando as questões de gênero, a fim de auxiliar no processo de construção de identidade dos estudantes do Projeto Amora.

Art. 6 - Congregar, em âmbito sadio e esportivo, estudantes, professores, pais e técnicos administrativos, bolsistas e monitores, que de uma ou outra maneira intervenham no evento.

CAPÍTULO III - DA ORGANIZAÇÃO

Art. 7 - Constituirão poderes da XXXVI OCA:

A - Comissão Organizadora;

B - Júri Técnico e Disciplinar – JTD.

-
Art. 8 - A Comissão Organizadora será formada pelos professores da Área de Educação Física, presidida pelo Professor João Vicente Silva Souza.

Art. 9 - Compete à Comissão Organizadora:

A - Supervisionar a aplicação dos regulamentos nas modalidades em disputa, de acordo com as regras em vigor nas respectivas Federações Esportivas, em tudo o que não contrariar este regulamento;

B - Elaborar as programações, fixando datas, horários e locais das competições;

C - Apreciar e julgar os fatos de caráter técnico;

D - Submeter à apreciação do JTD as falhas disciplinares cometidas no decorrer dos jogos por atletas ou qualquer estudante ligado às competições.

Art. 10 - O Júri Técnico e Disciplinar será denominado pela sigla JTD, sendo constituído por 03 membros: O Professor João Vicente Silva Souza tendo como suplente o Professor Ivan Livindo, um representante da Direção e dois representantes da CACA [sendo um (a) do Ensino Fundamental e outro (a) do Ensino Médio].

Art. 11- Compete ao JTD:

A - Reunir-se sempre que solicitado pela Comissão Técnica ou pelos participantes da OCA;

B - Julgar os protestos existentes no regulamento e regras em vigor, aplicando em cada caso as penas que o bom senso exigir, mantendo a ordem e a disciplina.

CAPÍTULO IV - DA ABERTURA DA OLIMPÍADA

Art. 12 - A XXXVI OCA terá sua Cerimônia de Abertura no dia 30/09/2017 às 9h, na quadra coberta.

Art. 13 - Durante a Cerimônia de Abertura da XXXVI OCA será obrigatória a participação e apresentação das equipes. Essas devem estar uniformizadas, com no mínimo **15** e no máximo **25** estudantes por equipe – valendo pontos (de acordo com o §3º deste artigo).

§1º Será proibido o uso de instrumentos sonoros pelos estudantes que participarão do desfile, sendo estes permitidos apenas à torcida.

§2º A abertura da XXXVI OCA constará dos seguintes momentos:

- Desfile dos participantes da Categoria A será dividido pelas quatro equipes compostas: A, B C e D;
- Hasteamento da Bandeira, Hino Nacional e do Rio Grande do Sul;
- Juramento do atleta;
- Abertura dos Jogos;
- Apresentações das coreografias da modalidade de dança.

§3º - O desfile dos participantes será pontuado nos seguintes quesitos:

- Participação: 30 pontos;
- Cada equipe deverá entrar, com no mínimo, 15 atletas. Contando mais **dois pontos**, para cada atleta adicional.
- Cada equipe poderá participar com, no máximo, 25 atletas.

- Cada equipe deve planejar, no seu desfile, uma **pausa** em frente aos jurados para essa contagem.
- Apresentação (uniforme e alegorias): 30 pontos;
- Organização (disciplina - antes, durante e após o seu desfile): 40 pontos.

§4º - Não é permitida a interferência de uma equipe no desfile de equipe adversária, podendo resultar em perda de pontos, a ser definida pelo JTD.

CAPÍTULO V - DAS MODALIDADES E PREMIAÇÃO

Art. 14 - A XXXVI OCA será disputada em três categorias e nos naipes masculino e feminino ou equipes mistas:

- Categoria A - Turmas Amora IA, IB e Amora II (serão divididas em 4 grupos - A, B, C e D ;
- Categoria B - Turmas 81, 82, 91 e 92;
- Categoria C - estudantes das turmas 101, 102, 103, 201, 202 e 301, 302

Art. 15 - Na XXXVI OCA a Categoria A disputará as seguintes modalidades

- Dança mista;
- Voleibol misto;
- Handebol feminino e masculino;
- Futebol 7 feminino e masculino;
- Basquetebol misto;
- Dodgeball misto;
- Tênis de Mesa misto;
- Xadrez Misto;
- Atletismo Masculino e Feminino (a exceção do revezamento que será misto);
- Softball misto (cada equipe poderá inscrever um familiar ou professor da escola);
- Jogos cooperativos, tradicionais e populares mistos (cada equipe poderá inscrever um familiar ou professor da escola).

§1º Na Categoria A, o sistema dos jogos nas modalidades coletivas, será “todos contra todos”.

Art. 16 - Os vencedores serão premiados com:

A - Medalhas aos atletas classificados em cada modalidade, por categoria, conforme abaixo descrito:

- Dança: 10 medalhas de ouro e 10 medalhas de prata;
- Voleibol misto: 10 medalhas de ouro e 10 medalhas de prata;

- Handebol feminino: 10 medalhas de ouro e 10 medalhas de prata;
- Handebol masculino: 10 medalhas de ouro e 10 medalhas de prata;
- Futebol 7 feminino: 10 medalhas de ouro e 10 medalhas de prata;
- Futebol 7 masculino: 10 medalhas de ouro e 10 medalhas de prata;;
- Basquetebol misto: 8 medalhas de ouro e 8 medalhas de prata;;
- *Dodgeball* misto: 10 medalhas de ouro e 10 medalhas de prata;

- Tênis de Mesa misto: 2 medalhas de ouro e 2 medalhas de prata;;
- Xadrez Misto: 1 medalha de ouro e 1 medalha de prata;;
- Atletismo Masculino e Feminino (a exceção do revezamento que será misto): 1 medalha de ouro, 1 medalha de prata e 1 medalha de bronze - por prova;
- *Softball* misto: 10 medalhas de ouro e 10 medalhas de prata;
- Jogos cooperativos, jogos tradicionais e populares: 32 medalhas de honra ao mérito para todos os participantes.

OBS: as equipes vencedoras, de cada categoria, na modalidade de Dança serão convidadas a apresentar-se novamente na cerimônia de encerramento; **B** - Troféu à equipe classificada em 1º lugar em cada categoria.

CAPÍTULO VI - DAS INSCRIÇÕES E CATEGORIAS

Art. 17 – Todas as equipes deverão entregar as fichas de inscrições (com letra legível) até o dia **31/08/2017**, **impreterivelmente**. Será cobrada a quantia de R\$ 130,00 (cento e trinta reais) por **TURMA**, a ser pago aos professores de Educação Física na sala 103 - Prédio C.

§ único: após essa data não serão aceitas inscrições dos adultos previstos para as modalidades do *Softball*, Jogos cooperativos, tradicionais e populares.

Art. 18 - Nos esportes coletivos, cada equipe poderá inscrever, no máximo, 01 (uma) equipe, seja mista ou não, em cada modalidade esportiva.

§ 1º - As inscrições dos estudantes atletas deverão ser preenchidas e entregues **no dia da inscrição da equipe** (já nas súmulas de cada modalidade), sendo permitida a troca de no máximo 3 estudantes antes do início de cada partida.

§ 2º - Os atletas adultos inscritos previamente na equipe, deverão apresentar-se aos árbitros de mesa, **COM CARTEIRA DE IDENTIDADE**, antes do início de cada partida, para serem inseridos na súmula do jogo.

Art. 19 - Na modalidade Tênis de Mesa, cada turma poderá inscrever 02 atletas (um de cada naipe), sendo as inscrições dos atletas feitas somente no dia da modalidade, junto aos árbitros de mesa.

Art. 20 - Na modalidade de Xadrez, cada turma poderá inscrever 02 atletas, independente do naipe, sendo as inscrições feitas somente no dia da modalidade, junto aos árbitros de mesa.

-
Art. 21 - Em circunstância alguma será permitido que um(a) atleta jogue/participe de alguma modalidade por outra equipe a não ser a sua. Cada atleta da Categoria A deverá participar de, no mínimo, 3 modalidades oferecidas na OCA, seja ela coletiva ou individual.

Art. 22 – Na categoria A, será permitida a inscrição de 1 (um) professor ou familiar, ou técnico administrativo ou bolsista ou estagiário UFRGS (do CAP) somente para a dança, o *Softball*, os jogos cooperativos, tradicionais e populares. Esses poderão participar como jogador(a) para uma equipe apenas.

CAPÍTULO VII - DA COMPETIÇÃO DE DANÇA

Art. 23 - A competição de Dança acontecerá de acordo com as disposições a seguir:

§1º - As apresentações devem ser realizadas por grupos de no mínimo 4 e no máximo 10 participantes, compostos por membros da mesma equipe. Podendo ser incluído como membro da equipe UM professor(a) ou, responsável.

§2º - As apresentações serão realizadas em ordem de sorteio, separadas por categoria.

§3º - Os estilos de dança serão de categoria livre, baseados, necessariamente, em um tema escolhido pela equipe.

§4º - A dança deverá ser uma coreografia **inédita**.

§5º - A vestimenta dos(as) dançarinos(as) é de responsabilidade da equipe.

§6º - São vetadas coreografias que façam apologia às drogas, religião, racismo e violência, e vestimentas obscenas e/ ou indecorosas.

§7º - A duração da coreografia deverá ser de no mínimo 2min e no máximo 4min.

§8º - Cada grupo ficará responsável por fornecer à comissão organizadora, até o dia 30/09, o CD ou pen drive com a música escolhida - **já com os ajuste de tempo necessário**. A comissão organizadora não se responsabilizará pelo não funcionamento da música, nem pela interrupção, mixagem e/ou efeitos sonoros.

§9º - Cada equipe deverá encaminhar à coordenação, junto com a ficha de inscrição, a ficha técnica da coreografia, indicando a equipe e o tema (assunto/ideia que quer transmitir ao público).

§10º - A pontuação total da modalidade de dança será de 30 pontos, de acordo com os seguintes quesitos:

- Criatividade (valor artístico e expressão corporal): 10 pontos;
- Sincronia (valorização do ensaio e organização): 10 pontos;
- Tema (relevância e adequação do figurino, música e coreografia): 10 pontos.

§11º - - A pontuação final será a **média** das notas totais dos jurados, assim sendo, cada avaliador(a) será responsável pelo julgamento dos três quesitos cita-

-
dos no §10º, bem como pelos descontos cabíveis em cada caso, gerando assim uma **nota total** por avaliador(a) §12º - Das penalidades:

- Para cada um dos itens a seguir serão descontados pontos por avaliador:
 - a) plágio parcial (até 3 pontos) ou total (até 5 pontos)
 - b) coreografia ou vestimentas inadequadas (até 2 pontos),
 - Para cada um dos itens a seguir serão descontados 2 pontos da **nota total da coreografia**, ficando sob responsabilidade da comissão organizadora
 - a) descumprimento do número de participantes,
 - b) não cumprimento do tempo
 - c) falha operacional da música.
- Outras faltas não citadas serão penalizadas de acordo com critérios dos avaliadores;

CAPÍTULO VIII - DA COMPETIÇÃO DE SOFTBALL

Art. 24 - A competição de *Softball* seguirá as regras adaptadas para o referido esporte desenvolvidas durante as aulas. O material utilizado também será adaptado por meio da utilização de bolas e raquetes de tênis. A equipe será composta de 8 jogadores e 2 reservas. A competição acontecerá de acordo com as disposições a seguir:

§1º Antes do início da partida, será sorteada a equipe que ficará com a posse da raquete para rebater primeiro e a que irá lançar a bola e defender o espaço de jogo.

§ 2º- O objetivo do jogo é marcar o maior número de pontos para a sua equipe rebatendo e correndo pelas bases 1, 2, 3 e 4 dispostas por meio de bambolês a 9 metros de distância um do outro no campo de futebol.

§ 3º- A partida inicia quando o lançador impulsiona a bola de baixo para cima em local determinado para que o rebatedor a golpeie com a raquete o mais distante possível dentro dos limites da área de jogo. Após o rebatimento válido, inicia-se a corrida para atingir as quatro bases. Caso não seja possível correr as quatro bases de uma só vez, o rebatedor pode parar em alguma das bases intermediárias, esperar e continuar sua corrida a partir do próximo rebatimento feito pelo colega da equipe.

§ 4º- Haverá troca da posse da raquete quando: 1) a equipe adversária apanhar a bola no ar sem a deixar cair; 2) o lançador conseguir chegar na sua base de lançamento (com a bola) antes do rebatedor pisar em uma das quatro bases; 3) quando o rebatedor errar três vezes ao tentar golpear a bola.

-
§ 5º- Não é permitido atrapalhar a trajetória de corrida dos rebatedores quando esses se direcionam às bases. Quando o lançador comete três erros, o rebatedor tem o direito de avançar para a primeira base.

§ 6º- A ordem dos rebatimentos e dos lançamentos é organizada pela equipe. Todos devem realizar as ações de rebater e lançar sem exceção. Um jogador só pode repetir tais ações depois que todos os componentes da sua equipe as tiverem realizado pelo menos uma vez.

§ 7º- As trocas dos reservas são feitas a cada cinco minutos. É necessário avisar o árbitro.

§ 8º- O jogo dura quinze minutos corridos. A classificação será por pontos ganhos: vitória 4 pontos, empate 2 pontos, derrota 1 ponto, perda por WO – 0 ponto.

CAPÍTULO IX - DA COMPETIÇÃO DO VOLEIBOL

Art. 25 - A competição de Voleibol será regida pelas regras em vigor na CBV, em tudo que não contrariar este regulamento.

Art. 26 - As partidas serão realizadas na forma de melhor de 02 sets, de 21 pontos cada. Havendo empate no último ponto uma equipe deverá abrir 2 pontos para sagrar-se vitoriosa, sendo a pontuação máxima em 30 pontos. Caso cada equipe vença um set, será realizado um terceiro set, no formato *tie break*: set de 15 pontos, sendo necessário dois pontos de vantagem para a vitória, limitado a 25 pontos.

Art. 27 - A classificação será por pontos ganhos: vitória por 2 sets a 0 ou por W.O. = 3 pontos, vitória por 2 sets a 1 = 2 pontos, derrota = 1 ponto, perda por WO = 0 ponto.

Art. 28 - Em caso de empate, a classificação da modalidade:

- **entre duas equipes** - obedecerá aos seguintes critérios:
1º) confronto direto
- **entre três equipes** – obedecerá aos seguintes critérios: 1º) Average de sets em toda a fase classificatória; 2º) Average de pontos em toda a fase classificatória.

Art. 29 - O número de jogadores por equipe será de 06 titulares e 04 reservas (5 de cada naipes) por partida.

CAPÍTULO X - DA COMPETIÇÃO DE HANDEBOL

Art. 30 - A competição de handebol será regida pelas regras em vigência na CBHb, em tudo que não contrariar este regulamento.

Art. 31 - As partidas de handebol terão duração de 02 tempos de 10 minutos corridos.

-
Art. 32 - A classificação será por pontos ganhos: vitória = 3 pontos, empate = 1 ponto, derrota = zero ponto.

Art. 33 - Em caso de empate na classificação da modalidade:

- **entre duas equipes** - obedecerá aos seguintes critérios:

1º) confronto direto;

2º) saldo de gols em toda a fase classificatória;

3º) número de gols marcados em toda a fase classificatória; 4º) menor número de cartões.

5º) penalidade máxima 3x3 e, persistindo o empate, 1x1 até sair um vencedor.

- **entre três equipes** - obedecerá aos seguintes critérios:

1º) saldo de gols;

2º) número de gols marcados; 3º) menor número de cartões.

4º) penalidade máxima 3x3 e, persistindo o empate, 1x1 até sair um vencedor.

Art. 34 – Em caso de empate, nas partidas de final e semifinal, o critério de desempate será de:

1º) uma prorrogação de 5 minutos com morte súbita;

2º) penalidade máxima 3x3 e, persistindo o empate, 1x1 até sair um vencedor.

Art. 35 - O número de jogadores por equipe será de 07 titulares e 03 reservas.

CAPÍTULO XI - DA COMPETIÇÃO DE FUTEBOL SETE

Art. 36 - As competições de futebol sete serão realizadas de acordo com as regras em vigor na respectiva Confederação em tudo que não contrariar este regulamento.

Art. 37 - As partidas de futebol sete e futsal terão a duração de 02 tempos de 10 minutos corridos.

Art. 38 - Para o futsete, o número de jogadores por equipe será de 07 atletas, contando com o goleiro e mais 03 reservas;

Art. 39 - A classificação será por pontos ganhos: vitória 3 pontos, empate 1 ponto e derrota zero ponto.

§ 1º - Em caso de empate na classificação da modalidade:

Entre duas equipes – obedecerá aos seguintes critérios:

1º) confronto direto;

2º) saldo de gols;

3º) gols marcados;

4º) menor número de cartões;

5º) penalidade máxima 3x3 e, persistindo o empate, 1x1 até sair um vencedor.

Entre três equipes – obedecerá aos seguintes critérios:

1º) saldo de gols;

2º) número de gols marcados; 3º) menor número de cartões.

-
4º) penalidade máxima 3x3 e, persistindo o empate, 1x1 até sair um vencedor.

§ 2º - nas partidas de final e semifinal, o critério de desempate será de:

1º) uma prorrogação de 5 minutos com morte súbita;

2º) penalidade máxima 3x3 e, persistindo o empate, 1x1 até sair um vencedor.

Art. 40 – Não será permitido o uso de chuteira de travas de borracha ou de alumínio durante a OCA.

CAPÍTULO XII – DA COMPETIÇÃO DE BASQUETEBOL

Art. 41 - A competição de basquetebol será regida pelas regras em vigência na CBB em tudo que não contrariar este regulamento.

Art. 42 - As partidas de basquetebol terão a duração de 02 tempos de 10 minutos corridos, primeira prorrogação de 5 minutos, e as demais de 3 minutos.

Art. 43- A classificação será por pontos ganhos:

- Vitória 02 pontos; empate 1 - derrota 0 ponto; W.O. zero ponto e placar de 10x00.

Art. 44 - Em caso de empate para a contagem geral de pontos por equipe:

Entre duas equipes - obedecerá aos seguintes critérios: 1º) confronto direto.

Entre três equipes - obedecerá aos seguintes critérios:

1º) saldo de pontos em todos os jogos disputados;

2º) maior número de pontos marcados em todos os jogos disputados; 3º) permanecendo o empate entre duas ou três equipes, será realizado um torneio de lances livres entre as equipes: 3 lances livres e, permanecendo o empate, um lance livre para cada equipe até sair o vencedor.

Art. 45 - O número de jogadores por equipe será de 05 titulares e 03 reservas em cada partida (4 de cada naipes).

CAPÍTULO XIII - DA COMPETIÇÃO DE DODGEBALL

Art. 46 - A competição de Dodgeball será regida por normas específicas e adaptadas pela Comissão Organizadora da XXXVI OCA, abaixo descritas.

Art. 47 - As equipes serão formadas por até 10 (dez) jogadores, sendo 6 (seis) jogadores titulares e 4 (quatro) de suporte (reserva), sendo 5 de cada naipes. Para o início da partida são necessários, no mínimo, 4 jogadores de cada equipe.

Art. 48 - As substituições poderão ocorrer a qualquer momento durante a partida, após serem autorizadas pela mesa, não sendo permitido substituir por alguém que tenha sido eliminado ou excluído da partida. As substituições deverão ser realizadas em área pré-determinada e todos os reservas deverão participar em algum momento do jogo.

-

Art. 49 O Dodgeball é disputado nos limites de uma quadra de vôlei (9m X 18m), sendo que os arremessos devem ser realizados antes da linha de 3 metros.

Art. 50 - A partida tem duração de até 10 minutos. A equipe que estiver com superioridade numérica (menos jogadores eliminados), será a vencedora. Se houver o mesmo número de jogadores será estipulado um empate.

Art. 51 - O início da partida será dado ao som de um apito. Todos os jogadores devem estar no seu campo, em cima da linha de fundo e deverão correr para tentar pegar as bolas dispostas no meio da quadra.

Art. 52 - No jogo, será considerada uma única direção da bola arremessada, ou seja:

§1º - Se o atleta atacante joga uma bola e ela atinge o jogador da outra equipe, o atingido é eliminado;

§2º - Se o atleta defensor pegar/agarrar/segurar uma bola e tiver um jogador eliminado na sua equipe, ele volta para a partida. Caso contrário o jogador que arremessou a bola será eliminado.

§3º - Se o atleta defensor desviar uma bola com outra bola que esteja em suas mãos, ele e o arremessador continuarão no jogo, mesmo que após isso outra ação aconteça, como bater em outro colega ou alguém segurar a bola desviada. Caso o atleta derrubar a bola que estava segurando, ele será eliminado.

§4º - Se a bola arremessada bater no atleta defensor e depois bater em outro jogador, somente o primeiro será eliminado.

§5º - Se a bola arremessada atingir a cabeça de um jogador, o arremessador é eliminado.

Art. 53 - Após a eliminação os jogadores deverão deixar a quadra pelas linhas laterais ou de fundo de forma rápida, sem atrapalhar a partida.

Art. 54 - É permitido largar a bola que está em suas mãos e tentar pegar a bola arremessada.

Art. 55 - É permitido aos jogadores reservas ajudar na reposição de bolas ao seu time, devendo permanecer atrás da linha de fundo da quadra.

Art. 56 - Não é permitido "puxar" a bola com os pés, nem invadir o campo adversário, inclusive no início da partida.

Art. 57 - Não é permitido ultrapassar as linhas da quadra para se esquivar/desviar ou arremessar uma bola.

Art. 58 - Não é permitido bater na bola com qualquer parte do corpo para o arremesso (exemplo: chutar, cortar).

-
Art. 59 Não é permitido reter em seu campo bolas, em prejuízo do jogo, quando não estiverem nas mãos dos jogadores. Nem mesmo segurar, por muito tempo, uma (ou mais) bola(s) nas mãos. Tampouco quaisquer reações que se configurem como atraso no jogo.

Art. 60 - Advertências e Penalidades:

§1º - Advertência Verbal: pode ser feita em qualquer momento, mesmo antes do início das partidas, ou após o seu término. Serve de alerta ao atleta ou equipe sobre suas posturas e atitudes desportivas. Pode ser feita por qualquer um dos árbitros.

§2º - Cartão Amarelo: falta grave ou atitude anti-desportiva, pode ser sugerida por qualquer um dos árbitros. Deve-se parar o jogo (e cronômetro) e mostrar claramente o cartão ao atleta. O jogador que receber dois cartões amarelos na mesma partida estará automaticamente excluído do jogo, podendo jogar somente na partida seguinte. Sem o direito da equipe repor o atleta excluído.

§3º - Cartão Vermelho: Falta gravíssima ou atitude anti-desportiva, jogada violenta, atentar contra a integridade física, agressão física, moral e psicológica, ofensas verbais aos companheiros e adversários ou aos árbitros. Pode ser sugerida por qualquer árbitro. Deve-se parar o jogo (e cronômetro) e mostrar claramente o cartão ao atleta. O atleta fica fora do jogo a partir do momento em que receber o cartão, podendo jogar somente na partida seguinte. Não sendo possível substituí-lo pelos atletas de suportes (reservas) na partida em que recebeu o cartão. Sem o direito da equipe repor o atleta excluído.

Art. 61 - O jogo será arbitrado por 2 árbitros. Porém, o jogo utiliza o “sistema de honra”. Num jogo rápido e dinâmico que utiliza seis bolas ao mesmo tempo, os árbitros não são capazes de ver todos os lances. Se o atleta for atingido ele deverá levantar a mão para indicar que você está eliminado e deixar a quadra imediatamente e rapidamente.

Art. 62 - A classificação será por pontos ganhos: vitória 3 pontos, empate 1 ponto e derrota zero ponto.

§ 1º - Em caso de empate na classificação da modalidade:

- **entre duas equipes** – obedecerá aos seguintes critérios:

- 1º) confronto direto;
- 2º) saldo de titulares em quadra ao final da partida.
- 3º) menor número de cartões.
- 4º) Persistindo o empate haverá sorteio

- **entre três equipes** – obedecerá aos seguintes critérios:

- 1º) saldo de titulares em quadra ao final da partida
- 2º) menor número de cartões.

§ 2º - nas partidas de final e semifinal, o critério de desempate será de:

- 1º) uma prorrogação de 5 minutos com morte súbita;

CAPÍTULO XIV - DA COMPETIÇÃO DE TÊNIS DE MESA

Art. 63 A competição de Tênis de Mesa será regida pelas regras em vigor no CBTM e em tudo que constar neste regulamento.

Parágrafo Único: As partidas serão mistas. As equipes poderão inscrever 2 duplas (1 atleta de cada naipe), sendo as partidas disputadas em formato simples. Um componente da dupla inicia a partida e, quando erra, cede o lugar para o outro.

Art. 64 - As partidas serão disputadas em melhor de 02 “sets” de 12 pontos, com troca de lado ao final de cada “set”, saindo vencedor o jogador que ganhar 2 “sets”, sendo necessária a vantagem de 2 pontos para a vitória em cada “set”. Em caso de empate de sets, será disputado um terceiro set de 12 pontos, com troca de lado ao ser marcado o sexto ponto.

Art. 65 - A classificação será por pontos ganhos: vitória por 2 sets a 0 = 3 pontos, vitória por 2 sets a 1 = 2 pontos, derrota 1 ponto, perda por WO – 0 ponto.

Art. 66 - Em caso de empate na classificação da modalidade:

- **entre dois competidores** – obedecerá aos seguintes critérios: 1º) confronto direto.

- **entre três competidores** – obedecerá aos seguintes critérios:

1º) average de sets;

2º) average de saldo de pontos.

Art. 67 - Serão somados os pontos diretamente na tabela de classificação geral, conforme tabela abaixo:

1º lugar: 18 pontos

2º lugar: 12 pontos

3º lugar: 8 pontos

4º lugar: 5 pontos

5º lugar: 3 pontos

CAPÍTULO XIII - DA COMPETIÇÃO DE XADREZ

Art. 68 - A competição de xadrez será regida pelas regras em vigor na CBX em tudo que não contrariar este regulamento.

Art. 69 - A competição será realizada no sistema suíço (5 rodadas). As duplas da 1ª rodada serão por sorteio e as demais rodadas por aproximação de pontos ganhos. Será utilizado o relógio nas partidas das categorias A, B e C. O tempo de relógio será de 10min para cada jogador (total 20 min). Se for necessário realizar uma partida final ou desempate, o tempo será de 5min no relógio para cada jogador.

Art. 70 - A classificação será por pontos ganhos. Em caso de empate entre dois jogadores valerá o confronto direto entre os mesmos. Caso persista o empate, se-

-
rão somados os pontos de seus adversários diretos, ainda persistindo o empate será realizada uma nova partida;

Art. 71 Serão computados 04 pontos por vitória, 02 pontos por empate, 01 ponto por derrota e zero ponto por WO.

Art. 72 - O(A) atleta que estiver disputando as provas de xadrez não poderá estar inscrito(a) em nenhuma modalidade coletiva que aconteça no mesmo horário do xadrez.

Art. 73 - Será considerado WO o não comparecimento do estudante no horário da competição ou o abandono da partida a qualquer momento.

Art. 74 - O número de jogadores por turma será de 2 (dois), sendo a inscrição efetuada somente no dia da prova, junto aos árbitros de mesa.

Art. 75 - Serão somados os pontos diretamente na tabela de classificação geral, conforme tabela abaixo:

- 1º lugar: 18 pontos
- 2º lugar: 12 pontos
- 3º lugar: 8 pontos
- 4º lugar: 5 pontos
- 5º lugar: 3 pontos

CAPÍTULO XIV – DOS JOGOS COOPERATIVOS, TRADICIONAIS E POPULARES.

Art. 76 – Cada equipe escolherá 8 atletas para participarem dessa modalidade de jogos, dentre os quais, o adulto inscrito pela equipe.

Art. 77 - Serão somados os pontos diretamente na tabela de classificação geral conforme a explicação a seguir. A participação de cada integrante da equipe vale 2 pontos nas diferentes modalidades de jogo oferecidas. Ao final de cada jogo, serão somados os referidos pontos de participação acrescidos de um bônus de 5 pontos concedidos pelos próprios participantes para a equipe eleita (votação simples) como o destaque “*fair-play*” (ou seja, a equipe que jogou limpo, mostrou um elevado espírito esportivo, respeito pelos outros e honestidade).

CAPÍTULO XV - DA COMPETIÇÃO DE ATLETISMO

Art. 78 - A competição de atletismo será regida pelas regras em vigor na CBAAt em tudo que não contrariar este regulamento.

Art. 79 – O atletismo será realizado no Centro Estadual de Treinamento Esportivo (CETE), localizado na Rua Gonçalves Dias nº 628 Bairro Menino Deus no dia 02/10 (segunda-feira) para todas as categorias, sendo as Categorias A e B pela manhã e a Categoria C à tarde. Em caso de chuva será transferido para o dia 05/10 no mesmo horário e local.

-
Parágrafo Único - Haverá transporte, saindo e retornando do CAp, apenas para os atletas. Estes devem preencher ficha em anexo à inscrição informando se necessitam do mesmo.

Art. 80 - As provas em disputa serão:

Categoria A	Categoria B	Categoria C
50m rasos	75m rasos	100m rasos
200m rasos	300m rasos	400m rasos
Salto em distância	Salto em distância	Salto em distância
Lançamento da pelota	Arremesso de Peso (3Kg- fem; 4Kg – masc.)	Arremesso de Peso (4Kg- fem; 5Kg – masc.)
Revezamento 4 x 50 m Misto	Revezamento 4 x 75m Misto	Revezamento 4x100m Misto

Art. 81 - Na categoria A, cada equipe poderá inscrever no máximo 04 atletas por prova (2 no masculino e 2 no feminino), sendo que as inscrições serão feitas junto aos árbitros, no momento da chamada para cada prova. Não será permitida substituição de atletas após o início de uma prova.

Art. 82 - Cada atleta da Categoria A poderá se inscrever em no máximo 02 provas individuais e um revezamento.

Art. 83 - Na prova de revezamento misto deverão ser inscritos dois atletas masculinos e dois femininos e a ordem do revezamento será definida pela equipe.

Art. 84 - Serão somados os pontos diretamente na tabela de classificação geral referente a cada prova, conforme tabela abaixo:

- 1º lugar: 6 pontos
- 2º lugar: 4 pontos
- 3º lugar: 3 pontos
- 4º lugar: 2 pontos
- 5º lugar: 1 ponto
- 6º lugar: 0,5 ponto

CAPÍTULO XV - DA CLASSIFICAÇÃO GERAL

Art. 85 - Serão conferidos pontos pela classificação em cada modalidade para efeito de contagem geral, exceto nas modalidades (atletismo, jogos cooperativos, populares e tradicionais, xadrez e tênis de mesa) em que o regulamento explicita que os pontos ganhos irão direto para tabela.

Art. 86 - Haverá uma classificação feminina e outra masculina, para efeitos de premiação geral valerá o somatório dos naipes, incluindo também a classificação das modalidades mistas.

-
Art. 87 – Excetuando-se a competição de atletismo, jogos cooperativos, populares e tradicionais, tênis de mesa e xadrez, que possuem pontuação específica, serão aferidos pontos para as equipes, em todas as modalidades, segundo a tabela abaixo: 1º lugar: 30 pontos

2º lugar: 25 pontos

3º lugar: 20 pontos

4º lugar: 15 pontos

5º lugar: 10 pontos

6º lugar: 05 pontos

CAPÍTULO XVI - DAS DISPOSIÇÕES GERAIS

Art. 88 - Este regulamento é o conjunto das disposições gerais que regem as disputas da XXXVI OCA, acompanhado das leis e regulamentos que regem os respectivos esportes.

Art. 89 – EM CASO DE CHUVA O CALENDÁRIO DA OCA PODERÁ SER MODIFICADO SEM AVISO PRÉVIO PELA COMISSÃO ORGANIZADORA, POR ISSO, TODOS OS ESTUDANTES DEVEM ESTAR PRESENTES EM TODOS OS DIAS DA OCA.

Art. 90 - A arbitragem e a premiação das competições estarão sob a responsabilidade da Comissão Organizadora da XXXVI OCA.

Art. 91 - Os participantes serão conhecedores das leis adotadas e, assim, se submeterão sem reserva alguma a todas as suas disposições e às consequências que delas emanam.

Art. 92 – Casos de irregularidade e/ou não cumprimento de alguma regra presente neste regulamento será cabível penalidades e descontos de pontos.

§1º - Serão descontados os pontos na partida em que a irregularidade foi constatada, se o JTD entender que a equipe infratora obteve vantagem com a irregularidade cometida;

§2º - A turma que incluir em suas equipes atletas de forma irregular perderá os pontos da(s) partida(s) em que a(s) infração foi cometida;

§3º - Em casos omissos, de dúvidas, ou necessidades de alterações em algum item deste regulamento, caberá a decisão somente ao Júri Técnico e Disciplinar – JTD por pelo menos dois de seus membros ou, em caso de urgência, ao Presidente da Comissão Organizadora da XXXVI OCA.

Art. 93 - A XXXVI OCA é aberta a todos os estudantes do Colégio de Aplicação, matriculados do 6º ano do Ensino Fundamental à 3ª série do Ensino Médio, exceto aos estudantes que não frequentam regularmente as aulas de Educação Física por dispensa médica.

-
Art. 94 – A equipe que não comparecer para disputar uma partida perderá por WO e será atribuída vitória simples com o máximo de pontuação (sem soma no saldo de gols ou pontos) para a equipe vencedora.

Art. 95 - Haverá tolerância, do horário marcado, apenas de 10min somente para o primeiro jogo da rodada. As demais partidas ocorrerão logo após o término da anterior.

Art. 96 – O(a) atleta que for expulso de uma partida estará suspenso, automaticamente, do jogo seguinte na modalidade esportiva em disputa.

Parágrafo Único: Em caso de reincidência da infração supracitada, o atleta será eliminado da modalidade.

Art. 97 – O(a) atleta que for expulso de uma partida por agressão física intencional será submetido a sanções por parte do JTD, podendo ser eliminado da Olimpíada.

Art. 98 - As equipes deverão se apresentar para as disputas devidamente uniformizadas. As camisetas deverão estar numeradas. **É expressamente proibido o uso de camisetas com desenhos, estampas e dizeres obscenos ou agressivos.** Não será permitida a participação de atletas trajando bermudas ou shorts inapropriados à prática de atividades físicas (tecidos grossos, jeans, etc.), calças, sapatos, qualquer tipo de jeans, saias, etc., com exceção da modalidade de Dança.

Parágrafo único: Todos os componentes da equipe devem ter uniforme igual, incluindo os professores, técnicos administrativos, bolsistas, estagiários, ex-alunos e pais ou responsáveis.

Art. 99 - Os protestos referentes aos jogos deverão ser feitos por escrito até o fim do dia da partida, em formulário específico disponível na Área de Educação Física.

Art. 100 - Durante a realização da XXXVI OCA todos os estudantes que tentarem desvirtuar a competição de seus objetivos serão passíveis de suspensão ou eliminação da Olimpíada, a critério do JTD.

Art. 101 - Durante a solenidade da abertura da XXXVI OCA, serão observadas a disciplina e organização dos estudantes participantes podendo, os que prejudicarem o bom andamento dos trabalhos ou tiverem atitudes desrespeitosas, serem julgados pelo JTD.

Art. 102 - A forma de disputa e o sorteio das chaves de todas as modalidades serão realizados em reuniões com os representantes de turmas, com datas e locais divulgados no mural da Educação Física.

Art. 103 - Os casos omissos deste regulamento serão resolvidos pela Comissão Organizadora da XXXVI OCA ou, se necessário, pelo JTD.

SUA PARTICIPAÇÃO É MUITO IMPORTANTE!

-

ANEXO B - REGULAMENTO CATEGORIA B e C

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL - UFRGS
COLÉGIO DE APLICAÇÃO - CAp
DEPARTAMENTO DE EXPRESSÃO E MOVIMENTO - EDUCAÇÃO FÍSICA
XXXVI OLIMPÍADA DO COLÉGIO DE APLICAÇÃO - OCA – 2017**

R E G U L A M E N T O

CAPÍTULO I

Art. 1 - A XXXVI Olimpíada do Colégio de Aplicação, denominada pela sigla XXXVI OCA é organizada e dirigida pela Área de Educação Física da Escola, com o apoio da Direção e Equipes de Trabalho do CAp.

Art. 2- A XXXVI OCA se desenvolverá de 30/09/17 a 07/10/17 para todos os alunos das séries finais do Ensino Fundamental e de todo Ensino Médio (Amoras I/II/80/90/100/200/300). Em datas posteriores acontecerá para as séries iniciais - Alfas (Oquinha) e para as turmas da Educação de Jovens e Adultos (EJA).

CAPÍTULO II – OBJETIVOS

Art. 3 – Aplicar os conhecimentos adquiridos no decorrer do ano letivo no plano individual e coletivo;

Art. 4 - Promover o intercâmbio entre os alunos do CAp, estimulando a prática desportiva dentro dos preceitos da disciplina, cooperação mútua, participação, espírito de equipe e organização;

Art. 5 - Realizar competições esportivas em modalidades compatíveis com a faixa etária dos alunos, em ambos os sexos;

Art. 6 - Congregar, em âmbito sadio e esportivo, alunos, professores, pais e técnicos administrativos, bolsistas e monitores, que de uma ou outra maneira intervenham no evento.

CAPÍTULO III - DA ORGANIZAÇÃO

Art. 7 - Constituirão poderes da XXXVI OCA:

- A - Comissão Organizadora;
- B - Júri Técnico e Disciplinar – JTD.

Art. 8 - A Comissão Organizadora será formada pelos professores da Área de Educação Física, presidida pelo Professor João Vicente Silva Souza.

Art. 9 - Compete à Comissão Organizadora:

A - Supervisionar a aplicação dos regulamentos nas modalidades em disputa, de acordo com as regras em vigor nas respectivas Federações Esportivas, em tudo o que não contrariar este regulamento;

B - Elaborar as programações, fixando datas, horários e locais das competições;

C - Apreciar e julgar os fatos de caráter técnico;

-

D- Submeter à apreciação do JTD as falhas disciplinares cometidas no decorrer dos jogos por atletas ou qualquer aluno ligado às competições.

Art. 10 - O Júri Técnico e Disciplinar será denominado pela sigla JTD, sendo constituído por 03 membros: O Professor João Vicente Silva Souza tendo como suplente o Professor Ivan Livindo, um representante da Direção e dois representantes da CACA [sendo um (a) do Ensino Fundamental e outro (a) do Ensino Médio].

Art. 11- Compete ao JTD:

A - Reunir-se sempre que solicitado pela Comissão Técnica ou pelos participantes da OCA;

B - Julgar os protestos existentes no regulamento e regras em vigor, aplicando em cada caso as penas que o bom senso exigir, mantendo a ordem e a disciplina.

CAPÍTULO IV - DA ABERTURA DA OLIMPÍADA

Art. 12 - A XXXVI OCA terá sua Cerimônia de Abertura no dia 30/09/2017 às 9h, na quadra coberta.

Art. 13 - Durante a Cerimônia de Abertura da XXXVI OCA será obrigatória a participação e apresentação das equipes. Essas devem estar uniformizadas, com no mínimo 15 e no máximo 25 alunos por equipe – valendo pontos (de acordo com o §3º deste artigo).

§1º Será proibido o uso de instrumentos sonoros pelos alunos que participam do desfile, sendo estes permitidos apenas à torcida.

§2º A abertura da XXXVI OCA constará dos seguintes momentos:

- Desfile dos participantes;
- Hasteamento da Bandeira, Hino Nacional e do Rio Grande do Sul;
- Juramento do atleta;
- Abertura dos Jogos;
- Apresentações das coreografias da modalidade de dança.

§3º - O desfile dos participantes será pontuado nos seguintes quesitos:

- Participação: 30 pontos;
- Cada equipe deverá entrar, com no mínimo, 15 atletas. Contando mais **um ponto**, para cada atleta adicional.
- Cada equipe poderá participar com, no máximo, 25 atletas.
- Cada equipe deve planejar, no seu desfile, uma pausa em frente aos jurados para essa contagem.
- Apresentação (uniforme e alegorias): 30 pontos;
- Organização (disciplina - antes, durante e após o seu desfile): 40 pontos.

§4º - Não é permitida a interferência de uma equipe no desfile de equipe adversária, podendo resultar em perda de pontos, a ser definida pelo JTD.

CAPÍTULO V - DAS MODALIDADES E PREMIAÇÃO

-

Art. 14 - A XXXVI OCA será disputada em três categorias e nos naipes masculino e feminino ou equipes mistas:

- Categoria A - Turmas Amora IA, IB e Amora II, divididas em três grupos: A, B e C;
- Categoria B - Turmas 81, 82, 91 e 92;
- Categoria C - alunos e alunas das turmas 101, 102, 103, 201, 202 e 301, 302;
- Categoria D - alunos e alunas da EJA, Ensino Fundamental e Médio.

Art. 15 - Na XXXVI OCA as categorias B e C disputarão as seguintes modalidades:

- Dança;
- Bocha Adaptada Mista (somente para a categoria C).
- Voleibol Masculino e Feminino;
- Handebol Masculino e Feminino;
- Futebol 7 Masculino;
- Futsal Feminino;
- Basquetebol Masculino e Feminino;
- Dodgeball Masculino e Feminino;
- Tênis de Mesa Masculino e Feminino;
- Xadrez Misto;
- Atletismo Masculino e Feminino;

OBS: As modalidades das categorias A e D serão definidas em regulamentos próprios.

Art. 16 - Os vencedores serão premiados com:

A - Medalhas aos atletas classificados em cada modalidade, por categoria, conforme abaixo descrito:

- Dança – 10 medalhas de ouro e 10 medalhas de prata;
- Bocha adaptada - 2 medalhas de ouro e 2 medalhas de prata.
- Voleibol Masculino e Feminino – 10 medalhas de ouro e 10 medalhas de prata;
- Handebol Masculino e Feminino – 10 medalhas de ouro e 10 medalhas de prata;
- Futebol 7 Masculino – 10 medalhas de ouro e 10 medalhas de prata;
- Futsal Feminino – 10 medalhas de ouro e 10 medalhas de prata;
- Basquetebol Masculino e Feminino – 10 medalhas de ouro e 10 medalhas de prata;
- Dodgeball Masculino e Feminino – 10 medalhas de ouro e 10 medalhas de prata;
- Tênis de Mesa Masculino e Feminino – 1 medalha de ouro e 1 medalha de prata;
- Xadrez Misto – 1 medalha de ouro e 1 medalha de prata;
- Atletismo Masculino e Feminino - 1 medalha de ouro, 1 medalha de prata e 1 medalha de bronze - por prova.

OBS: as equipes vencedoras, de cada categoria, na modalidade de Dança serão convidadas a apresentar-se novamente na cerimônia de encerramento.

-
B - Troféu à turma classificada em 1º lugar em cada categoria.

CAPÍTULO VI - DAS INSCRIÇÕES E CATEGORIAS

Art. 17 – Todas as equipes deverão entregar as fichas de inscrições (com letra legível) até o dia **13/09/2017**, **impreterivelmente**. Será cobrada a quantia de R\$ 130,00 (cento e trinta reais) por **TURMA**, a ser pago aos professores de Educação Física na sala 103 - Prédio C.

§ único: após essa data não serão aceitas inscrições dos adultos previstos nos artigos 22 e 23.

Art. 18 - Nos esportes coletivos, cada turma poderá inscrever, no máximo, 01 (uma) equipe, por naipes, em cada modalidade esportiva.

§ 1º - As inscrições dos alunos (as) atletas deverão ser realizadas com os mesários no início dos jogos de cada modalidade.

§ 2º - Os atletas adultos (previstos nos artigos 22 e 23), inscritos previamente na equipe, deverão apresentar-se aos árbitros de mesa, **COM CARTEIRA DE IDENTIDADE**, antes do início de cada partida, para serem inseridos na súmula do jogo.

Art. 19 - Na modalidade Tênis de Mesa, cada turma poderá inscrever 02 atletas por naipes, sendo as inscrições dos atletas feitas somente no dia da modalidade, junto aos árbitros de mesa.

Art. 20 - Na modalidade de Xadrez, cada turma poderá inscrever 02 atletas, independente do naipes, sendo as inscrições feitas somente no dia da modalidade, junto aos árbitros de mesa.

Art. 21 - Em circunstância alguma será permitido que um(a) atleta jogue/participe de alguma modalidade por outra equipe a não ser a sua.

Art. 22 – Nas categorias B e C, será permitida a inscrição de 02 (dois) professores ou técnicos administrativos ou bolsistas ou estagiários UFRGS (do CAp) para o naipes masculino e 02 (duas) professoras ou técnicas administrativas ou bolsistas ou estagiárias UFRGS (do CAp) para o naipes feminino por equipe. Esses poderão participar como jogadores(as), de qualquer modalidade coletiva. Contudo, não poderão estar inscritos(as) em outra equipe.

Art. 23 – Na categoria C, será permitida a inscrição, além do que consta no artigo 22, de dois ex-alunos, duas ex-alunas, dois pais e/ou responsáveis masculino e duas mães e/ou responsáveis feminino. Também será permitida a inclusão de um atleta do sexo oposto nas modalidades de: basquetebol, handebol, voleibol, futsal e futebol. As restrições, a esta permissão estarão explícitas nos regulamentos específicos de cada modalidade.

Art. 24 – Os atletas adultos citados nos artigos 22 e 23 poderão participar como jogadores(as), de qualquer modalidade coletiva, desde que estejam presentes um de cada vez em quadra/campo e não estejam inscritos em outra equipe.

-

CAPÍTULO VII - DA COMPETIÇÃO DE DANÇA

Art. 25 - A competição de Dança acontecerá de acordo com as disposições a seguir:

§1º - As apresentações devem ser realizadas por grupos de no mínimo 4 e no máximo 10 participantes, compostos por membros da mesma equipe. Podendo ser incluído como membro da equipe UM professor(a) (ou, no caso da categoria C, outro adulto - responsáveis ou ex-alunos - inscrito).

§2º - As apresentações serão realizadas em ordem de sorteio, separadas por categoria.

§3º - Os estilos de dança serão de categoria livre, baseados, necessariamente, em um tema escolhido pela equipe.

§4º - A dança deverá ser uma coreografia **inédita**.

§5º - A vestimenta dos(as) dançarinos(as) é de responsabilidade da equipe.

§6º - São vetadas coreografias que façam apologia às drogas, à intolerância religiosa, ao racismo e à violência, bem como o uso de vestimentas obscenas e/ou indecorosas.

§7º - A duração da coreografia deverá ser de no mínimo 2min e no máximo 4min.

§8º - Cada grupo ficará responsável por fornecer à comissão organizadora, até o dia 27/09, o CD ou pen drive com a música escolhida - **já com os ajustes de tempo necessário**. A comissão organizadora não se responsabilizará pelo não funcionamento da música, nem pela interrupção, mixagem e/ou efeitos sonoros.

§9º - Cada equipe deverá encaminhar à coordenação, junto com a ficha de inscrição, a ficha técnica da coreografia, indicando a equipe e o tema (assunto/ideia que quer transmitir ao público).

§10º - A pontuação total da modalidade de dança será de 30 pontos, de acordo com os seguintes quesitos:

- Criatividade (valor artístico e expressão corporal): 10 pontos;
- Sincronia (valorização do ensaio e organização): 10 pontos;
- Tema (relevância e adequação do figurino, música e coreografia): 10 pontos.

§11º - - A pontuação final será a **média** das notas totais dos jurados, assim sendo, cada avaliador(a) será responsável pelo julgamento dos três quesitos citados no §10º, bem como pelos descontos cabíveis em cada caso, gerando assim uma **nota total** por avaliador(a)

§12º - Das penalidades:

-
- Para cada um dos itens a seguir serão descontados pontos por avaliador:
 - a) plágio parcial (até 3 pontos) ou total (até 5 pontos)
 - b) coreografia ou vestimentas inadequadas, conforme o **§6º** (até 2 pontos),
 - Para cada um dos itens a seguir serão descontados 2 pontos da **nota total da coreografia**, ficando sob responsabilidade da comissão organizadora
 - a) descumprimento do número de participantes;
 - b) não cumprimento do tempo;
 - c) falha operacional da música.
- Outras faltas não citadas serão penalizadas de acordo com critérios dos avaliadores;

CAPÍTULO VIII - DA COMPETIÇÃO DE BOCHA ADAPTADA

Art. 26 - A competição de Bocha adaptada será regida pelas regras da ANDE (Associação Nacional de Desporto para Deficientes). Dessa forma, a competição acontecerá de acordo com as disposições a seguir:

§1º O objetivo do jogo é colocar as bolas de cor (seis azuis contra seis vermelhas) o mais perto possível de uma bola alvo (bola branca), que é lançada estrategicamente por um primeiro jogador, para dentro do recinto de jogo (Campo de Boccia) e que servirá de ponto para aproximação das outras bolas (as de cor). Para cada bola da mesma cor que estiver mais próximo da bola alvo, soma-se um ponto para a equipe.

§ 2º- O jogo será dividido em 4 parciais (sets).

§ 3º- A dinâmica do jogo consiste nas seguintes etapas:

1. Início da primeira parcial: vermelho lança a bola alvo e em seguida, quando for liberado, lança a bola de cor (vermelha). Depois o azul lança a bola. Prossegue jogando aquele que não estiver pontuando ou até o adversário terminar de lançar suas bolas.
2. Encerra a parcial quando os atletas lançarem todas as bolas ou quando terminar o tempo da parcial para cada atleta.
3. Início da segunda parcial: azul lança a bola alvo e em seguida, quando for liberado, lança a bola de cor (azul). Depois o vermelho lança a bola.
4. Na terceira parcial: vermelho inicia.
5. Na quarta parcial: azul inicia.
6. Ao final, soma-se a pontuação de cada parcial para anunciar o resultado final.
7. No caso de empate, disputa-se o *tie-break*:
 - Sorteio na moeda (cara ou coroa);
 - Quem ganha o sorteio, utiliza a sua bola alvo e escolhe se quer começar ou não a parcial;

- - o Os pontos do *tie-break* não são computados na súmula, apenas sinalizam o vencedor do jogo.

§ 4º- Os atletas jogam sentados em cadeiras e não é permitido que mova sua cadeira durante as parciais e nem que se desloque na própria cadeira.

§ 5º- As disputas ocorrerão na Sala de Atividades Múltiplas e no recinto de jogo demarcado.

§ 6º- A classificação será por pontos ganhos: vitória 3 pontos, derrota 1 ponto, perda por WO – 0 ponto.

§ 7º- Em caso de empate na classificação da modalidade:

- **entre dois competidores** – obedecerá aos seguintes critérios:

1º) confronto direto.

- **entre três competidores** – obedecerá aos seguintes critérios:

1º) average de pontos;

§ 8º- As disputas serão: duplas mistas.

§ 9º- Alunos cadeirantes têm prioridade para participar da modalidade.

§ 10º- As inscrições dos atletas serão feitas somente no dia da modalidade, junto aos árbitros de mesa.

CAPÍTULO IX - DA COMPETIÇÃO DO VOLEIBOL

Art. 27 - A competição de Voleibol será regida pelas regras em vigor na CBV, em tudo que não contrariar este regulamento.

Art. 28 - As partidas serão realizadas na forma de melhor de 02 sets, de 21 pontos cada. Havendo empate no último ponto uma equipe deverá abrir 2 pontos para sagrar-se vitoriosa, sendo a pontuação máxima em 30 pontos. Caso cada equipe vença um set, será realizado um terceiro set, no formato *tie break*: set de 15 pontos, sendo necessário dois pontos de vantagem para a vitória, limitado a 25 pontos.

Art. 29 - A classificação será por pontos ganhos: vitória por 2 sets a 0 ou por W.O. = 3 pontos, vitória por 2 sets a 1 = 2 pontos, derrota = 1 ponto, perda por WO = 0 ponto.

Art. 30 - Em caso de empate, a classificação da modalidade:

- **entre duas equipes** - obedecerá aos seguintes critérios:

1º) confronto direto

- **entre três equipes** – obedecerá aos seguintes critérios:

1º) Average de sets em toda a fase classificatória;

2º) Average de pontos em toda a fase classificatória.

-
Art. 31 - O número de jogadores por equipe será de 06 titulares e 04 reservas por partida. Será permitido iniciar a partida com dois jogadores a menos.

§1º Se for necessário, na Categoria C, a inclusão de um atleta do sexo masculino em uma equipe feminina, este poderá atuar somente de líbero (fundo de quadra), sendo permitido sacar apenas por baixo.

§ 2º Se for necessário, na Categoria C, a inclusão de uma atleta do sexo feminino em equipe masculina, esta não terá restrições de posição, realizando normalmente o rodízio em quadra.

CAPÍTULO X - DA COMPETIÇÃO DE HANDEBOL

Art. 32 - A competição de handebol será regida pelas regras em vigência na CBHb, em tudo que não contrariar este regulamento.

Art. 33 - As partidas de handebol terão duração de 02 tempos de 10 minutos corridos.

Art. 34 - A classificação será por pontos ganhos: vitória = 3 pontos, empate = 1 ponto, derrota = zero ponto.

Art. 35 - Em caso de empate na classificação da modalidade:

- **entre duas equipes** - obedecerá aos seguintes critérios:

- 1º) confronto direto;
- 2º) saldo de gols em toda a fase classificatória;
- 3º) número de gols marcados em toda a fase classificatória;
- 4º) menor número de cartões.
- 5º) penalidade máxima 3x3 e, persistindo o empate, 1x1 até sair um vencedor.

- **entre três equipes** - obedecerá aos seguintes critérios:

- 1º) saldo de gols;
- 2º) número de gols marcados;
- 3º) menor número de cartões.
- 4º) penalidade máxima 3x3 e, persistindo o empate, 1x1 até sair um vencedor.

Art. 36 – Em caso de empate, nas partidas de final e semifinal, o critério de desempate será de:

- 1º) uma prorrogação de 5 minutos com morte súbita;
- 2º) penalidade máxima 3x3 e, persistindo o empate, 1x1 até sair um vencedor.

Art. 37 - O número de jogadores por equipe será de 07 titulares e 03 reservas. Será permitido iniciar a partida com dois jogadores a menos.

§1º Se for necessário, na Categoria C, a inclusão de um atleta do sexo masculino em equipe feminina, este poderá atuar somente como goleiro, sendo proibido que o mesmo possa arremessar a gol.

-
§ 2º Se for necessário, na Categoria C, a inclusão de uma atleta do sexo feminino em equipe masculina, esta poderá ocupar qualquer posição e função em quadra, exceto a de goleira.

CAPÍTULO XI - DA COMPETIÇÃO DE FUTEBOL SETE E FUTSAL

Art. 38 - As competições de futebol sete e futsal serão realizadas de acordo com as regras em vigor na respectiva Confederação em tudo que não contrariar este regulamento.

Art. 39 - As partidas de futebol sete e futsal terão a duração de 02 tempos de 10 minutos corridos.

Art. 40 - Para o futsete, o número de jogadores por equipe será de 07 atletas, contando com o goleiro e mais 03 reservas; para o futsal, o número de jogadores por equipe será de 05 atletas, contando com o goleiro e mais 03 reservas. Será permitido iniciar a partida com dois jogadores a menos em cada uma das modalidades.

Art. 41 - A classificação será por pontos ganhos: vitória 3 pontos, empate 1 ponto e derrota zero ponto.

§ 1º - Em caso de empate na classificação da modalidade:

- **entre duas equipes** – obedecerá aos seguintes critérios:

1º) confronto direto;

2º) saldo de gols;

3º) gols marcados;

4º) menor número de cartões;

5º) penalidade máxima 3x3 e, persistindo o empate, 1x1 até sair um vencedor.

- **entre três equipes** – obedecerá aos seguintes critérios:

1º) saldo de gols;

2º) número de gols marcados;

3º) menor número de cartões.

4º) penalidade máxima 3x3 e, persistindo o empate, 1x1 até sair um vencedor.

§ 2º - nas partidas de final e semifinal, o critério de desempate será de:

1º) uma prorrogação de 5 minutos com morte súbita;

2º) penalidade máxima 3x3 e, persistindo o empate, 1x1 até sair um vencedor.

Art. 42 – **Não será permitido o uso de chuteira de travas de borracha ou de alumínio durante a OCA. É permitido o uso de chuteira de Futebol Society.**

§1º Na modalidade de futsal, na Categoria C, se for necessário a inclusão de um atleta do sexo masculino em equipe feminina, este poderá atuar somente como goleiro, sendo proibido que o mesmo possa chutar a gol.

-
§ 2º Na modalidade de Futebol, na Categoria C, se for necessário a inclusão de uma atleta do sexo feminino em equipe masculina, esta poderá ocupar qualquer posição e função em campo, exceto a de goleira.

CAPÍTULO XII – DA COMPETIÇÃO DE BASQUETEBOL

Art. 43 - A competição de basquetebol será regida pelas regras em vigência na CBB em tudo que não contrariar este regulamento.

Art. 44 - As partidas de basquetebol terão a duração de 02 tempos de 10 minutos corridos, primeira prorrogação de 5 minutos, e as demais de 3 minutos.

Art. 45 - A classificação será por pontos ganhos:

- vitória 02 pontos; - derrota 01 ponto; W.O. zero ponto e placar de 10x00.

Art. 46 - Em caso de empate para a contagem geral de pontos por equipe:

- **entre duas equipes** - obedecerá aos seguintes critérios:

1º) confronto direto.

- **entre três equipes** - obedecerá aos seguintes critérios:

1º) saldo de pontos em todos os jogos disputados;

2º) maior número de pontos marcados em todos os jogos disputados;

3º) permanecendo o empate entre duas ou três equipes, será realizado um torneio de lances livres entre as equipes: 3 lances livres e, permanecendo o empate, um lance livre para cada equipe até sair o vencedor.

Art. 47 - O número de jogadores por equipe será de 05 titulares e 05 reservas em cada partida. Será permitido iniciar a partida com dois jogadores a menos.

§1º Se for necessário, na Categoria C, a inclusão de um atleta do sexo masculino em equipe feminina, este não poderá marcar pontos pela equipe.

§ 2º Se for necessário, na Categoria C, a inclusão de uma atleta do sexo feminino em equipe masculina, esta não terá nenhuma restrição de posição e função em quadra.

CAPÍTULO XIII - DA COMPETIÇÃO DE DODGEBALL

Art. 48 - A competição de Dodgeball será regida por normas específicas e adaptadas pela Comissão Organizadora da XXXVI OCA, abaixo descritas.

Art. 49 - As equipes serão formadas por até 10 (dez) jogadores, sendo 6 (seis) jogadores titulares e 4 (quatro) de suporte (reserva). Para o início da partida são necessários, no mínimo, 4 jogadores de cada equipe. Não será permitida a participação de jogadores do sexo oposto nesta modalidade.

Art. 50 - As substituições poderão ocorrer a qualquer momento durante a partida, após serem autorizadas pela mesa, não sendo permitido substituir por alguém

-
que tenha sido eliminado ou excluído da partida. As substituições deverão ser realizadas em área pré-determinada.

Art. 51 - O Dodgeball é disputado nos limites de uma quadra de vôlei (9m X 18m), sendo que os arremessos devem ser realizados antes da linha de 3 metros.

Art. 52 - A partida tem duração de até 5 minutos. A equipe que estiver com superioridade numérica (menos jogadores eliminados), será a vencedora. Se houver o mesmo número de jogadores será estipulado um empate.

Art. 53 - O início da partida será dado ao som de um apito. Todos os jogadores devem estar no seu campo, em cima da linha de fundo e deverão correr para tentar pegar as bolas dispostas no meio da quadra.

Art. 54 - No jogo, será considerada uma única direção da bola arremessada, ou seja:

§1º - Se o atleta atacante joga uma bola e ela atinge o jogador da outra equipe, o atingido é eliminado;

§2º - Se o atleta defensor pegar/agarrar/segurar uma bola e tiver um jogador eliminado na sua equipe, ele volta para a partida. Caso contrário o jogador que arremessou a bola será eliminado.

§3º - Se o atleta defensor desviar uma bola com outra bola que esteja em suas mãos, ele e o arremessador continuarão no jogo, mesmo que após isso outra ação aconteça, como bater em outro colega ou alguém segurar a bola desviada. Caso o atleta derrubar a bola que estava segurando, ele será eliminado.

§4º - Se a bola arremessada bater no atleta defensor e depois bater em outro jogador, somente o primeiro será eliminado.

§5º - Se a bola arremessada atingir a cabeça de um jogador que esteja ereto, o arremessador é eliminado.

Art. 55 - Após a eliminação os jogadores deverão deixar a quadra pelas linhas laterais ou de fundo de forma rápida, sem atrapalhar a partida.

Art. 56 - É permitido largar a bola que está em suas mãos e tentar pegar a bola arremessada.

Art. 57 - É permitido aos jogadores reservas ajudar na reposição de bolas ao seu time, devendo permanecer atrás da linha de fundo da quadra.

Art. 58 - Não é permitido "puxar" a bola com os pés, nem invadir o campo adversário, inclusive no início da partida.

Art. 59 - Não é permitido ultrapassar as linhas da quadra para se esquivar/desviar ou arremessar uma bola.

-
Art. 60 - Não é permitido bater na bola com qualquer parte do corpo para o arremesso (exemplo: chutar, cortar).

Art. 61 - Não é permitido reter em seu campo bolas, em prejuízo do jogo, quando não estiverem nas mãos dos jogadores. Nem mesmo segurar, por muito tempo, uma (ou mais) bola(s) nas mãos. Tampouco quaisquer reações que configurem-se como atraso no jogo.

Art. 62 - Advertências e Penalidades:

§1º - Advertência Verbal: pode ser feita em qualquer momento, mesmo antes do início das partidas, ou após o seu término. Serve de alerta ao atleta ou equipe sobre suas posturas e atitudes desportivas. Pode ser feita por qualquer um dos árbitros.

§2º - Cartão Amarelo: falta grave ou atitude antidesportiva, pode ser sugerida por qualquer um dos árbitros. Deve-se parar o jogo (e cronômetro) e mostrar claramente o cartão ao atleta. O jogador que receber dois cartões amarelos na mesma partida estará automaticamente excluído do jogo, podendo jogar somente na partida seguinte. Sem o direito da equipe repor o atleta excluído.

§3º - Cartão Vermelho: Falta gravíssima ou atitude antidesportiva, jogada violenta, atentar contra a integridade física, agressão física, moral e psicológica, ofensas verbais aos companheiros e adversários ou aos árbitros. Pode ser sugerida por qualquer árbitro. Deve-se parar o jogo (e cronômetro) e mostrar claramente o cartão ao atleta. O atleta fica fora do jogo a partir do momento em que receber o cartão, podendo jogar somente na partida seguinte. Não sendo possível substituí-lo pelos atletas de suportes (reservas) na partida em que recebeu o cartão. Sem o direito da equipe repor o atleta excluído.

Art. 63 - O jogo será arbitrado por 2 árbitros. Porém, o jogo utiliza o “sistema de honra”. Num jogo rápido e dinâmico que utiliza seis bolas ao mesmo tempo, os árbitros não são capazes de ver todos os lances. Se o atleta for atingido ele deverá levantar a mão para indicar que você está eliminado e deixar a quadra imediatamente e rapidamente.

Art. 64 - A classificação será por pontos ganhos: vitória 3 pontos, empate 1 ponto e derrota zero ponto.

- § 1º** - Em caso de empate na classificação da modalidade:
- **entre duas equipes** – obedecerá aos seguintes critérios:
 - 1º) confronto direto;
 - 2º) saldo de titulares em quadra ao final da partida.
 - 3º) menor número de cartões.
 - 4º) Persistindo o empate haverá sorteio
 - **entre três equipes** – obedecerá aos seguintes critérios:
 - 1º) saldo de titulares em quadra ao final da partida
 - 2º) menor número de cartões.

-
§ 2º - nas partidas de final e semifinal, o critério de desempate será de:
1º) uma prorrogação de 5 minutos com morte súbita;

CAPÍTULO XIV - DA COMPETIÇÃO DE TÊNIS DE MESA

Art. 65 - A competição de Tênis de Mesa será regida pelas regras em vigor no CBTM e em tudo que constar neste regulamento.

Parágrafo Único: As partidas serão disputadas nos naipes feminino e masculino. As equipes poderão inscrever até 2 atletas de cada naipe, sendo as partidas disputadas em formato simples

Art. 66 - As partidas serão disputadas em melhor de 02 “sets” de 12 pontos, com troca de lado ao final de cada “set”, saindo vencedor o jogador que ganhar 2 “sets”, sendo necessária a vantagem de 2 pontos para a vitória em cada “set”. Em caso de empate de sets, será disputado um terceiro set de 12 pontos, com troca de lado ao ser marcado o sexto ponto.

Art. 67 - A classificação será por pontos ganhos: vitória por 2 sets a 0 = 3 pontos, vitória por 2 sets a 1 = 2 pontos, derrota 1 ponto, perda por WO – 0 ponto.

Art. 68 - Em caso de empate na classificação da modalidade:

- **entre dois competidores** – obedecerá aos seguintes critérios:

1º) confronto direto.

- **entre três competidores** – obedecerá aos seguintes critérios:

1º) average de sets;

2º) average de saldo de pontos.

Art. 69 - Serão somados os pontos diretamente na tabela de classificação geral, conforme tabela abaixo:

1º lugar: 18 pontos

2º lugar: 12 pontos

3º lugar: 8 pontos

4º lugar: 5 pontos

5º lugar: 3 pontos

CAPÍTULO XIII - DA COMPETIÇÃO DE XADREZ

Art. 70 - A competição de xadrez será regida pelas regras em vigor na CBX em tudo que não contrariar este regulamento.

Art. 71 - A competição será realizada no sistema suíço (5 rodadas). As duplas da 1ª rodada serão por sorteio e as demais rodadas por aproximação de pontos ganhos. Será utilizado o relógio nas partidas das categorias A, B e C. O tempo de relógio será de 10min para cada jogador (total 20 min). Se for necessário realizar uma partida final ou desempate, o tempo será de 5min no relógio para cada jogador.

-
Art. 72 - A classificação será por pontos ganhos. Em caso de empate entre dois jogadores valerá o confronto direto entre os mesmos. Caso persista o empate, serão somados os pontos de seus adversários diretos, ainda persistindo o empate será realizada uma nova partida;

Art. 73 - Serão computados 04 pontos por vitória, 02 pontos por empate, 01 ponto por derrota e zero ponto por WO.

Art. 74 - O(A) atleta que estiver disputando as provas de xadrez não poderá estar inscrito(a) em nenhuma modalidade coletiva que aconteça no mesmo horário do xadrez.

Art. 75 - Será considerado WO o não comparecimento do aluno no horário da competição ou o abandono da partida a qualquer momento.

Art. 76 - O número de jogadores por turma será de 2 (dois), sendo a inscrição efetuada somente no dia da prova, junto aos árbitros de mesa.

Art. 77 - Serão somados os pontos diretamente na tabela de classificação geral, conforme tabela abaixo:

1º lugar: 18 pontos

2º lugar: 12 pontos

3º lugar: 8 pontos

4º lugar: 5 pontos

5º lugar: 3 pontos

CAPÍTULO XIV - DA COMPETIÇÃO DE ATLETISMO

Art. 78 - A competição de atletismo será regida pelas regras em vigor na CBA em tudo que não contrariar este regulamento.

Art. 79 – O atletismo será realizado no Centro Estadual de Treinamento Esportivo (CETE), localizado na Rua Gonçalves Dias nº 628 Bairro Menino Deus no dia 02/10 para todas as categorias, sendo Categoria C pela manhã e as categorias A e B a tarde. Em caso de chuva será transferido para o dia 05/10 no mesmo horário e local.

Parágrafo Único - Haverá transporte, **saindo e retornando do CAp, apenas para os atletas. Estes devem preencher ficha em anexo à inscrição informando se necessitam do mesmo.**

Art. 80 - As provas em disputa serão:

<i>Categoria B</i>	<i>Categoria C</i>
<i>75m rasos</i>	<i>100m rasos</i>
<i>300m rasos</i>	<i>400m rasos</i>
<i>Salto em distância</i>	<i>Salto em distância</i>
<i>Arremesso de Peso (3Kg- fem.; 4Kg – masc.)</i>	<i>Arremesso de Peso (4Kg- fem.; 5Kg – masc.)</i>
<i>Revezamento 4 x 75m Misto</i>	<i>Revezamento 4x100m Misto</i>

-
Art. 81 - Nas categorias B e C, cada turma poderá inscrever no máximo 04 atletas por prova (2 no masculino e 2 no feminino), sendo que as inscrições serão feitas junto aos árbitros, no momento da chamada para cada prova. Não será permitida substituição de atletas após o início de uma prova.

Art. 82 - Cada atleta das categorias B e C poderá se inscrever em no máximo 02 provas individuais e um revezamento.

Art. 83 - Na prova de revezamento misto deverão ser inscritos dois atletas masculinos e dois femininos e a ordem do revezamento será definida pela equipe.

Art. 84 - Serão somados os pontos diretamente na tabela de classificação geral referente a cada prova, conforme tabela abaixo:

- 1º lugar: 6 pontos
- 2º lugar: 4 pontos
- 3º lugar: 3 pontos
- 4º lugar: 2 pontos
- 5º lugar: 1 ponto
- 6º lugar: 0,5 ponto

CAPÍTULO XV - DA CLASSIFICAÇÃO GERAL

Art. 85 - Serão conferidos pontos pela classificação em cada modalidade para efeito de contagem geral, exceto nas modalidades (atletismo, xadrez e tênis de mesa) em que o regulamento explicita que os pontos ganhos irão direto para tabela.

Art. 86 - Haverá uma classificação feminina e outra masculina, para efeitos de premiação geral valerá o somatório dos naipes, incluindo também a classificação das modalidades mistas.

Art. 87 – Excetuando-se a Competição de Atletismo, Tênis de Mesa e Xadrez, que possuem pontuação específica, serão aferidos pontos para as equipes, em todas as modalidades, segundo a tabela abaixo:

- 1º lugar: 30 pontos
- 2º lugar: 25 pontos
- 3º lugar: 20 pontos
- 4º lugar: 15 pontos
- 5º lugar: 10 pontos
- 6º lugar: 05 pontos

CAPÍTULO XVI - DAS DISPOSIÇÕES GERAIS

Art. 88 - Este regulamento é o conjunto das disposições gerais que regem as disputas da XXXVI OCA, acompanhado das leis e regulamentos que regem os respectivos esportes.

-
Art. 89 – EM CASO DE CHUVA O CALENDÁRIO DA OCA PODERÁ SER MODIFICADO SEM AVISO PRÉVIO PELA COMISSÃO ORGANIZADORA, POR ISSO, TODOS OS ALUNOS DEVEM ESTAR PRESENTES EM TODOS OS DIAS DA OCA.

Art. 90 - A arbitragem e a premiação das competições estarão sob a responsabilidade da Comissão Organizadora da XXXVI OCA.

Art. 91 - Os participantes serão conhecedores das leis adotadas e, assim, se submeterão sem reserva alguma a todas as suas disposições e às consequências que delas emanam.

Art. 92 – Casos de irregularidade e/ou não cumprimento de alguma regra presente neste regulamento será cabível penalidades e descontos de pontos.

§1º - Serão descontados os ponto na partida em que a irregularidade foi constatada, se o JTD entender que a equipe infratora obteve vantagem com a irregularidade cometida;

§2º - A turma que incluir em suas equipes atletas de forma irregular perderá os pontos da(s) partida(s) em que a(s) infração foi cometida;

§3º - Em casos omissos, de dúvidas, ou necessidades de alterações em algum item deste regulamento, caberá a decisão somente ao Júri Técnico e Disciplinar – JTD por pelo menos dois de seus membros ou, em caso de urgência, ao Presidente da Comissão Organizadora da XXXVI OCA.

Art. 93 - A XXXVI OCA é aberta a todos os alunos do Colégio de Aplicação, matriculados do 6º ano do Ensino Fundamental à 3ª série do Ensino Médio, exceto aos alunos que não frequentam regularmente as aulas de Educação Física por dispensa médica.

Art. 94 – A equipe que não comparecer para disputar uma partida perderá por WO e será atribuída vitória simples com o máximo de pontuação (sem soma no saldo de gols ou pontos) para a equipe vencedora.

Art. 95 - Haverá tolerância, do horário marcado, apenas de 10min somente para o primeiro jogo da rodada. As demais partidas ocorrerão logo após o término da anterior.

Art. 96 – O(a) atleta que for expulso de uma partida estará suspenso, automaticamente, do jogo seguinte na modalidade esportiva em disputa.

Parágrafo Único: Em caso de reincidência da infração supra citada, o atleta será eliminado da modalidade.

Art. 97 – O(a) atleta que for expulso de uma partida por agressão física intencional será submetido a sanções por parte do JTD, podendo ser eliminado da Olimpíada.

-
Art. 98 - As equipes deverão se apresentar para as disputas devidamente uniformizadas. As camisetas deverão estar numeradas. **É expressamente proibido o uso de camisetas com desenhos, estampas e dizeres obscenos ou agressivos.** Não será permitida a participação de atletas trajando bermudas ou shorts inapropriados à prática de atividades físicas (tecidos grossos, jeans, etc.), calças, sapatos, qualquer tipo de jeans, saias, etc., com exceção da modalidade de Dança.

Parágrafo único: Todos os componentes da equipe devem ter uniforme igual, incluindo os professores, técnicos administrativos, bolsistas, estagiários, ex-alunos e pais ou responsáveis.

Art. 99 - Os protestos referentes aos jogos deverão ser feitos por escrito até o fim do dia da partida, em formulário específico disponível na Área de Educação Física.

Art. 100 - Durante a realização da XXXVI OCA todos os alunos que tentarem desvirtuar a competição de seus objetivos serão passíveis de suspensão ou eliminação da Olimpíada, a critério do JTD.

Art. 101 - Durante a solenidade da abertura da XXXVI OCA, serão observadas a disciplina e organização dos alunos participantes podendo, os que prejudicarem o bom andamento dos trabalhos ou tiverem atitudes desrespeitosas, serem julgados pelo JTD.

Art. 102 - A forma de disputa e o sorteio das chaves de todas as modalidades serão realizados em reuniões com os representantes de turmas, com datas e locais divulgados no mural da Educação Física e na página oficial da XXXVI OCA no Facebook.

Art. 103 - Os casos omissos deste regulamento serão resolvidos pela Comissão Organizadora da XXXVI OCA ou, se necessário, pelo JTD.

SUA PARTICIPAÇÃO É MUITO IMPORTANTE!

ANEXO C – DOCUMENTO DE APROVAÇÃO DA PESQUISA



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
COLÉGIO DE APLICAÇÃO

Comissão de Pesquisa– COMPEAQ



PARECER

Após análise do projeto de pesquisa intitulado **OLIMPIADAS DO COLÉGIO APLICAÇÃO DA UFRGS: UM INSTRUMENTO DE EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO?**, de Marinês Matter de Souza, sob orientação de Carlos Adelar Abaide Balbinotti, a COMPEAQ emite o parecer que segue.

Trata-se de um projeto de pesquisa em nível de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Está estruturado adequadamente, apresentando questão de pesquisa clara, referencial teórico e procedimentos metodológicos coerentes, bem como cronograma de execução. Os formulários que solicitam autorização para os alunos devem ser identificados como **Termo de Assentimento** e o destinado aos pais como **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**.

A mostranda apresenta ainda vínculo com o programa mencionado (comprovante de matrícula) e comprovante de concordância do orientador para a realização da pesquisa no Colégio de Aplicação.

Sendo assim, a COMPEAQ está de acordo com a realização da pesquisa. Destaca, no entanto, que o contato para a efetivação e logística da coleta de dados deve ser feito com a coordenação da equipe de professores responsáveis.

Porto Alegre, 08 de novembro de 2016.


Rafael Vasques Brandão, DSc.
Coordenador COMPEAQ – CAP Biênio 2015-1016

Membros:

Edson Antoni, DSc.

Clevi Elena Rapkiewicz, DSc.